



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ
IFCE *CAMPUS* FORTALEZA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL
E TECNOLÓGICA

ALINE DA SILVA PEREIRA

O SENSO DE COLETIVIDADE EM KRUPSKAYA: EDUCAÇÃO, MULHER E
REVOLUÇÃO

FORTALEZA
2020

ALINE DA SILVA PEREIRA

O SENSO DE COLETIVIDADE EM KRUPSKAYA: EDUCAÇÃO, MULHER E
REVOLUÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) do Instituto Federal do Ceará – Campus Fortaleza, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica. Área de concentração: Educação Profissional e Tecnológica (EPT). Área de Avaliação: Ensino.

Orientadora: Profa. Dra. Elenilce Gomes de Oliveira.

FORTALEZA
2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal do Ceará - IFCE
Sistema de Bibliotecas - SIBI

Ficha catalográfica elaborada pelo SIBI/IFCE, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

PEREIRA, ALINE DA SILVA.

O senso de coletividade em Kruskaya: educação, mulher e revolução / ALINE DA SILVA
PEREIRA. - 2020.
176 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado) - Instituto Federal do Ceará, Mestrado Profissional em Rede
Nacional de Educação Profissional e Tecnológica, Campus Fortaleza, 2020.
Orientação: Prof. Dr. Elenilce Gomes de Oliveira.

1. Kruskaya. 2. Coletividade. 3. Auto-organização. 4. Emancipação. 5. Mulher
trabalhadora. I. Título.

CDD 378.013

ALINE DA SILVA PEREIRA

O SENSO DE COLETIVIDADE EM KRUPSKAYA: EDUCAÇÃO, MULHER E
REVOLUÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) - Campus Fortaleza como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica. Área de concentração: Educação Profissional e Tecnológica (EPT). Área de Avaliação: Ensino.

Orientadora: Profa. Dra. Elenilce Gomes de Oliveira.

Aprovado (a) em: 26/10/2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Elenilce Gomes de Oliveira (Orientadora)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) – *Campus* Fortaleza

Profa. Dra. Antonia de Abreu Sousa

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) - *Campus* Fortaleza

Profa. Dra. Francisca das Chagas Silva Lima
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Profa. Dr. Enéas de Araújo Arraes Neto
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) - *Campus* Sobral

A Ananda e Valentina.
A eterna Alana.

AGRADECIMENTOS

A minha mãe, Aila Maria da Silva, minha primeira mestra, pela educação, zelo e amor: Tua força sempre será sinônimo de fé.

Ao meu pai, José Ribamar, pelo encorajamento e carinho, que desde o início da jornada da Pós-graduação, esbraveja com orgulho que tem uma filha mestra! Tua simplicidade me inspira a ser melhor.

Aos meus irmãos Amanda e André: “Eu sou porque nós somos”.

Ao meu companheiro, Maicon Rodrigues, pela compreensão e paciência quanto às longas horas roubadas e partilha dos dias.

Toda a minha gratidão a Professora Elenilce Gomes de Oliveira por me apresentar à extraordinária Krupskaya, me ensinar que “o caminho se faz no caminhar” e, mais do que orientadora deste trabalho, uma grande referência de mulher, professora e pesquisadora.

Aos professores participantes da Banca examinadora; Prof^a. Dr^a Francisca das Chagas Silva Lima, Prof^a. Dr^a. Antônia de Abreu Sousa, Prof. Dr. Enéas de Araújo Arraes Neto pela disponibilidade, colaboração e sugestões.

Aos colegas de turma pelas sextas-feiras mais felizes de 2018 e os almoços mais divertidos de 2019, especialmente: Érika Fabíola, Cleide, Graça, Luciana e Aldayr, pelas partilhas, estímulo e torcida.

Aos amigos/as que se preservam no tempo, por me fortalecerem nesta e em outras jornadas: Talita, Gizelly, Solange, Kelly, Dani, Cecília, Alan, Dávillo, em especial a Cristiane Abreu, pelo tempo dedicado a leitura deste trabalho; “A amizade é um amor que nunca morre”.

As Sertanistas, pela sororidade, acolhimento, participação ativa na elaboração do Produto Educacional e principalmente por ressignificarem minha experiência no IFCE-Campus Quixadá; “Não mexe comigo que eu não ando só!”.

Aos meus grandes companheiros (as) do IFCE *Campus* Jaguaribe: Brasilina, Ronald, Micaela, Danilo e Maria Efigênia; “Amigo é coisa pra se guardar”.

Aos estimados/as professores/as, que contribuíram com minha formação da educação básica aos dias de hoje, em especial ao professor Jairo, “meu querido doutrinador”, pelas inesquecíveis aulas de História na 6^a série imbuídas de seu indignado discurso contra as desigualdades sociais e a opulência dos governantes que encantava aos meninos e meninas da E.E.F.M. Estado Pará na

Aerolândia:- O senhor estava certo, professor! Nosso único caminho foi estudar!

Aos cordelistas Luciana Roberto e Edmundo Diógenes por embarcarem nessa viagem artística; "Sou doutor sem saber ler, sou rico sem ser granfino/Quanto mais sou nordestino, mais tenho orgulho de ser"!

A Samara Reis, designer do produto educacional, pela paciência, dedicação e profissionalismo.

A todos os trabalhadores que fazem o PROFEPT *Campus* Fortaleza ser uma imensa oportunidade aos que acreditam na educação como prática da esperança.

A ligação da população com a escola não deve ser aparente [...], ela deve penetrar em todo o trabalho escolar, constituindo parte integrante deste trabalho. A escola deve reagir à vida. Não importa quão grande seja a utilidade da intervenção da escola na vida, é importante apenas que a escola não feche os olhos para a vida, deseje ativamente interferir nela. (KRUPSKAYA, 2017, p.109).

RESUMO

A pesquisa teve como objetivo investigar o senso de coletividade fundamentado nos escritos da educadora e revolucionária russa Nadezhda Konstantinovna Krupskaya, enquanto elemento de transformação social por intermédio da educação. Foi utilizado como método o materialismo histórico-dialético e os procedimentos metodológicos adotados foram guiados por uma pesquisa teórico-bibliográfica-documental. A dissertação aborda a interlocução entre a educação e a emancipação da classe trabalhadora rumo à construção de uma práxis revolucionária mediada pelo/para o senso de coletividade. Considera que a concepção do senso de coletividade como práxis pedagógica em Krupskaya contrapõem-se a uma educação individualizada e segregada sugerindo reaprendizados na maneira de ensinar, aprender e conviver. Como consequência dessa perspectiva de convívio se assenta o processo de emancipação das mulheres trabalhadoras, sem excluir o protagonismo feminino quanto à autodeterminação da autonomia e observa que a plena liberdade das mulheres baseia-se na construção de uma nova concepção da relação entre os indivíduos resultante da união da classe trabalhadora num movimento revolucionário, a fim de edificar uma sociedade ideologicamente emancipada para um novo homem soviético. A proposta defende que o pensamento pedagógico de Krupskaya ressalta elementos indispensáveis à construção da pedagogia socialista e suas principais categorias. Evidencia a atuação militante da educadora soviética para as formulações do Comissariado do Povo da Educação, bem como sua vasta produção literária, na organização e/ou participação em eventos e medidas tomadas pelos bolcheviques na área da educação e na luta pelos direitos das mulheres no contexto pós-revolucionário. Conclui que Krupskaya foi uma grande militante marxista, vigorosa estudiosa das teorias educacionais, defensora do ensino por complexos e atuante na desconstrução da histórica dicotomia entre trabalho manual e trabalho intelectual por meio da materialização da escola do trabalho. Trabalhou por toda a sua existência, principalmente junto aos Pioneiros e a Komssomol pela formação omnilateral em constante ligação com o meio social, insistindo que a escola deve reagir à vida. A concepção pedagógica de Krupskaya é atemporal, portanto pode contribuir sobremaneira para a educação nos dias de hoje, principalmente para a formação da solidariedade coletivista. Motivadas pelo legado da militante comunista, construímos um produto educacional que agrega simultaneamente à práxis da coletividade, o protagonismo feminino e auto-organização como elemento fortalecedor da autonomia das mulheres. Deste modo, publicizamos as ações do eixo extensionista e as práticas do projeto do Coletivo Feminista As Sertanistas desenvolvido no IFCE - *Campus* Quixadá através de um Guia Referencial para formação de coletivos feministas em formato de literatura de cordel, com o intuito de encorajar a auto-organização coletiva de novos movimentos de mulheres nos *campi* da Instituição.

Palavras-chave: Krupskaya. Coletividade. Auto-organização. Emancipação.

ABSTRACT

The research aimed to investigate the sense of collectivity based on the writings of the Russian educator and revolutionary Nadezhda Konstantinovna Krupskaya, as an element of social transformation through education. Historical-dialectical materialism was used as a method and the methodological procedures adopted were guided by theoretical-bibliographical-documentary research. The dissertation addresses the interlocution between education and the emancipation of the working class towards the construction of a revolutionary praxis mediated by / for the sense of collectivity. It considers that the conception of the sense of collectivity as pedagogical praxis in Krupskaya is opposed to an individualized and segregated education suggesting relearned in the way of teaching, learning and living together. As a consequence of this perspective of coexistence, the process of emancipation of working women is based, without excluding female protagonism in terms of self-determination of autonomy, observes that the full freedom of women is based on the construction of a new conception of the relationship between individuals resulting from union of the working class in a revolutionary movement, in order to build an ideologically emancipated society for a new Soviet man. The proposal argues that Krupskaya's pedagogical thinking highlights essential elements for the construction of socialist pedagogy and its main categories. It highlights the militant role of the Soviet educator for the formulations of the People's Commissariat of Education, as well as her vast literary production, in the organization and / or participation in events and measures taken by the Bolsheviks in the area of education and in the fight for women's rights in the context post-revolutionary. It concludes that Krupskaya was a great Marxist activist, vigorous scholar of education, defender of teaching by complexes and active in the deconstruction of the historical dichotomy between manual and intellectual work through the materialization of the school of work. He worked throughout his existence, mainly with the Pioneers and Komssomol for omnilateral training, in constant connection with the social environment, insisting that the school must react to life. Krupskaya's pedagogical conception is timeless, so it can contribute greatly to education today, especially to the formation of collectivist solidarity. Motivated by the legacy of the communist activist, we built an educational product that simultaneously adds to the praxis of the collectivity, female protagonism and self-organization as a strengthening element of women's autonomy. In this way, we publicize the actions of the extension axis and the practices of the Feminist Collective As Sertanistas project developed at IFCE - Campus Quixadá through a Reference Guide for the formation of feminist collectives in cordel literature format, in order to encourage self- collective organization of new women's movements on the Institution's campuses.

Keywords: Krupskaya. Collectivity. Self-organization. Emancipation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Krupskaya aos 10 anos de idade	26
Figura 2 - Krupskaya e sua mãe Elizabete	27
Figura 3 - Krupskaya professora da escola dominical aos 21 anos (1890)	29
Figura 4 - Krupskaya e integrantes do Movimento dos Pioneiros (1927)	34
Figura 5 - Krupskaya e jovens do Komsomol (1936)	34
Figura 6 - Krupskaya sendo homenageada em evento dos Pioneiros (1936)	36
Figura 7 - Krupskaya e Clara Zetkin (1931)	36
Figura 8 - Krupskaya e Kollontai (1937)	36
Figuras 9 - Componentes do Narkompro	45
Figura 10 – Krupskaya discursando no contexto da Guerra Civil	46
Figura 11 – Alfabetização de mulheres na escola de alfabetização do clube dos trabalhadores "Krasnaya Zvezda"(1923)	52
Figura 12 – Cartaz de 1920: “O que a Revolução Russa deu às mulheres”.	69
Figura 13 - Medalha N. K. Krupskaya.....	70
Figura 14 - Krupskaya em campanha pelo fim do analfabetismo (1937)	71
Figura 15 - Primeiro encontro após a nova formação, março (2019).....	104
Figura 16 - Mensagens de suporte às mulheres distribuídas nas salas de aula durante palestras.....	105
Figura 17 - Mensagem de apoio às mulheres no mural do Campus	105
Figura 18 - Cartaz do evento III Jornada de Gênero	105
Figura 19 - Sertanistas e participantes da oficina “Vozes em foco	106
Figura 20 - As Severinas, As Sertanistas e as gloriosas mulheres do sertão do Quixeramobim (2019).....	107
Figura 21 - Observação do projeto fotográfico do coletivo As Severinas	108
Figura 22 - Integrantes dos Projetos Severinas e Sertanista.....	108
Figura 23 - Cartaz do Evento Cine debate	109
Figura 24 – Diálogos sobre o filme Tabu.....	109
Figura 25 – Ação Março Feminista.....	110
Figura 26 – Roda de Conversa	110
Figura 27 - Ação outubro rosa.....	111
Figura 28 – Sertanista em debate	111

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	—	Publicações investigadas.....	64
Quadro 2	—	Ações da Extensão que envolvem questões sobre as mulheres	114
Quadro 3	—	Eixos e descritores.....	121
Quadro 4	—	Avaliadores do Guia Referencial.....	122

LISTA DE SIGLAS

BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento
BNCC – Base Nacional Comum Curricular
CAE – Coordenadoria de Assuntos Estudantis
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio
ESP – Escola Sem Partido
FAS – Fotografia, Arte e Saber
FQX – Cisne Faculdade de Quixadá
IFCE – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará
INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
IES – Instituição de Ensino Superior
LABOR – Laboratório de Estudos do Trabalho e Qualificação Profissional
LECGEO – Laboratório de Estudos sobre Espaço, Cultura e Política
LEPEG – Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão em Geografia
MEC – Ministério da Educação e Cultura
MIA – Arquivo Marxista na Internet
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
NAPNE – Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas
NEABI – Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas
OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
OMS – Organização Mundial de Saúde
PCR – Partido Comunista Russo
PROEXT – Pró-Reitoria de Extensão
RSFSR - República Socialista Federativa Soviética da Rússia
SAM – Suitability Assessment of Materials
SECULT – Secretaria da Cultura
SESC – Serviço Social do Comércio
SIGPROEXT – Sistema de Gerenciamento da Pró-reitoria de Extensão
TAEs – Técnicos Administrativos em Educação
URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
UECE – Universidade Estadual do Ceará

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2. KRUPSKAYA: MEMÓRIA E CONTEXTO REVOLUCIONÁRIO	24
2.1 Como nasce uma estrela: “A estrela vermelha”	24
2.2 O cenário da pedagoga militante	38
2.3 Krupskaya e a emancipação das mulheres trabalhadoras	47
3 KRUPSKAYA E A EDUCAÇÃO SOVIÉTICA.....	63
3.1 A marxista da práxis social	65
3.2 Coletividade como elemento para uma formação revolucionária	80
3.3 Elementos basilares à práxis revolucionária.....	92
4. O PRODUTO EDUCACIONAL	100
4.1. Na tessitura do produto educacional: quanto ao objeto.....	101
<i>4.1.2 As Sertanistas</i>	<i>101</i>
<i>4.1.3 O ponto de partida</i>	<i>102</i>
<i>4.1.4 Sertanistas, presente!</i>	<i>103</i>
4.2 DESENVOLVIMENTO DO PRODUTO: CAMINHOS E APROXIMAÇÕES; O GUIA REFERENCIAL	112
<i>4.2.1 Cordel: recurso e resistência</i>	<i>112</i>
<i>4.2.2 Descrição, Metodologia e aplicação</i>	<i>114</i>
<i>4.2.3 Avaliação e validação do produto educacional</i>	<i>120</i>

5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
	REFERÊNCIAS	132
	APÊDICE A – PRODUTO EDUCACIONAL.....	136
	APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO E VALIDAÇÃO DO GUIA REFERENCIAL PARA FORMAÇÃO DE COLETIVOS FEMINISTAS NO IFCE.....	166
	APÊNDICE C – RESULTADOS DA VALIDAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL	170

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa intitulada “O senso de coletividade em Krupskaya: educação, mulher e revolução” desenvolveu-se tomando como referência as contribuições teórico-práticas da educadora e revolucionária soviética Nadezhda Konstantinovna Krupskaya (1869-1939), importante líder bolchevique e uma das mais ilustres protagonistas da construção da sociedade e da pedagogia socialista.

A ciência pedagógica, quando comprometida com a formação crítica, possui forte vínculo com a luta política, principalmente se alinhada com a concepção marxiana de educação, visto que aborda a categoria trabalho numa acepção materialista histórico-dialética. Inspirada em Karl Marx, Krupskaya reconheceu a contribuição do filósofo como um guia de ação orientador de seus discursos, escritos e práxis pedagógica, tendo se consagrado como uma das principais responsáveis por estruturar o sistema de ensino soviético no contexto da revolução russa. Nessa direção abordamos como Krupskaya planejou organizar a classe trabalhadora para superar os enfrentamentos cotidianos apresentados pelo sistema capitalista, bem como, os desafios da transição no campo da educação e também para a emancipação das mulheres na construção da sociedade socialista.

Tencionamos identificar no pensamento de Krupskaya um forte direcionamento ao senso de coletividade como cerne de sua concepção pedagógica e este é, pois, nosso objeto o qual é exposto pela educadora como práxis que se constrói nos conflitos diários da lida com os educandos e nas contradições entre a velha educação czarista e a nova educação socialista. Debateremos conforme a experiência de Krupskaya como que por meio da incorporação da coletividade, a elevação cultural da classe trabalhadora da nova sociedade se tornaria viável e, por conseguinte, tencionaria transformações no modelo societário burguês.

A análise partiu da elaboração de um quadro teórico-metodológico e para situar o objeto de estudo da pesquisa realizamos um rastreamento bibliográfico o qual dispusemo-lo na seção três deste trabalho.

Lembra-nos Minayo (2008, p.15) que “metodologia é muito mais que técnicas, mas é a própria articulação entre a teoria e a realidade dos pensamentos sobre a realidade [...]” e na trilha do nosso objeto realizamos uma investigação cujos

procedimentos metodológicos adotados foram guiados por uma pesquisa teórico-bibliográfica.

Ressaltamos que a pesquisa de cunho bibliográfica se deu pela leitura imanente e, em primeiro plano das obras N. K. Krupskaya, distribuídas na coletânea publicada em espanhol *La educacion de la juventude* e a compilação de traduções para a língua portuguesa intitulada de “A Construção da Pedagogia Socialista (Escritos selecionados)” organizada por Luis Carlos de Freitas e Roseli Salete Caldart. Foram também utilizadas as traduções do (MIA) Arquivo Marxista na Internet e também as do livro “A revolução das mulheres: emancipação feminina da Rússia Soviética”, organizado por Graziela Schneider, constituindo-se no nosso principal referencial para abordar as contribuições de Krupskaya quanto à emancipação das mulheres.

Para situar o leitor na teia relacional que envolve a concepção pedagógica de Krupskaya procedemos com o levantamento bibliográfico dos principais autores e dos trabalhos que buscaram também perscrutar caminhos para a compreensão do legado pedagógico da militante bolchevique, a exemplo de Silva¹(2015), Lodi²(2016), (2018) e mais recentemente Freitas, K.³ (2019).

Destacamos ainda que outras investigações acadêmicas já foram realizadas aspirando investigar e identificar as colaborações da revolucionária no âmbito da educação, sendo parte delas investigando outros educadores soviéticos e, ou as contribuições da pedagogia de caráter socialista, debates a cerca do trabalho, da práxis e da escola como elementos para uma formação revolucionária e também os eixos que compõem o escolanovismo⁴, a exemplo temos as investigações de Nobre⁵(2015), Freitas⁶(2009) e Cunha⁷(2012). E, por fim, vale destacar a publicação que aborda de maneira fundamental para a compreensão do nosso objeto; a

¹ Nadezhda Krupskaya: contribuições para a educação infantil na atualidade. (Dissertação).

² Entre a pena e a baioneta: Louise Michel e Nadezhda Krupskaya, educadoras em contextos revolucionários. (Tese) e Nadezhda Krupskaya: uma estrela vermelha (Livro).

³ O pensamento pedagógico de Nadezhda Krupskaya: contribuições para uma pedagogia socialista no contexto da revolução russa. (Dissertação)

⁴ “Escola Nova surge no final do século XIX justamente para propor novos caminhos à educação, que se encontra em descompasso com o mundo no qual se acha inserida. Representa o esforço de superação da pedagogia da essência pela pedagogia da existência. Não se trata mais de submeter o homem a valores e dogmas tradicionais e eternos nem de educá-lo para a realização de sua 'essência verdadeira'. A pedagogia da existência volta-se para a problemática do indivíduo único, diferenciado, que vive e interage em um mundo dinâmico”. (ARANHA, 1996, p. 167).

⁵ Trabalho, práxis e escola: Elementos de uma formação revolucionária. (Dissertação).

⁶ O Escolanovismo e a pedagogia socialista na União Soviética no início do século XX e as concepções de educação integral e integrada. (Dissertação).

⁷ Escola soviética do trabalho de Pistrak: dois passos à frente, um passo atrás? (Dissertação).

coletividade como o centro das ideias de Krupskaya, em especial o capítulo ‘A Coletividade Como Práxis Pedagógica em Krupskaya’, do livro “Canto do Assum Preto de 2018, fruto do trabalho desenvolvido no LABOR⁸”.

Como nos ensina Freitas, C. (2020), o problema de pesquisa emerge da realidade contextualizada e durante o percurso da construção desta investigação foram surgindo algumas interrogações tais: como o pensamento revolucionário de Krupskaya contribuiu para que o senso de coletividade seja um elemento da práxis revolucionária? A auto-organização coletiva é uma base fortalecedora da identidade dos sujeitos? Por que estudar a concepção pedagógica de Krupskaya hoje, sobretudo no contexto brasileiro? Discutimos essas questões investigando a atuação de Krupskaya na idealização e na ação prática da pedagogia referência para a construção da sociedade socialista.

A análise construiu-se através da articulação com as particularidades do objeto. Desta feita, foram diversas transformações nesse percurso, pois nos deparamos com as categorias centrais que norteiam as ideias pedagógicas de Krupskaya, bem como de toda a pedagogia soviética, a saber: trabalho, educação, práxis, formação multilateral, escola do trabalho, escola de ensino, trabalho socialmente necessário⁹, politécnica, auto-organização, complexos de estudos, dentre outras. A partir desta compreensão, realizamos um estudo com o objetivo de atender a problemática em torno da centralidade da categoria coletividade.

Visto que a totalidade orienta a teoria que guia o pensamento de Krupskaya a nossa referência residiu no método histórico-dialético, que parte da;

[...] análise de polos contraditórios, que, em um confronto, superam por incorporação o momento anterior, produzindo, pela própria ação sobre a realidade, uma nova realidade pensada (concreto pensado). Essa realidade encontra-se em movimento e é constituída por contradições, do mesmo modo que a consciência é dinâmica e também se encontra em movimento pelas mesmas contradições. (LEITE, 2018, p.52)

⁸ O LABOR se configura na Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Ceará (UFC) como espaço institucionalizado de desenvolvimento das atividades de pesquisa, extensão e orientação voltadas para temas vinculados, direta ou indiretamente, ao mundo do trabalho e à qualificação profissional. Tem ainda como objetivos a publicação e divulgação dos resultados das suas pesquisas e a formação de novos pesquisadores. Como grupo de pesquisa associado à linha de Filosofia e Sociologia da Educação dentro do eixo de Pesquisa de Economia Política Sociologia e Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da FACED-UFC, deve-se salientar a importância dos estudos do LABOR voltados para o conhecimento das relações entre trabalho e educação no estado do Ceará, como base para a ação dos sujeitos sociais envolvidos, e a articulação do LABOR com a comunidade científica nacional e regional, bem como com Instituições Públicas voltadas para questões do trabalho e vinculados a problemáticas afins. Fonte: <http://www.labor.ufc.br>.

⁹ Conforme Freitas, C. (2020, p. 217) Em Krupskaya, trata-se da própria função social da escola, sendo de suma importância para gerar os hábitos de trabalhos coletivos.

Apesar de considerarmos valorosa a categorização do método, não é pretensão nossa nos delongarmos nessa tarefa, contudo a realidade em movimento, inerente à sua natureza, consente que o invisível nos salte aos olhos no instante em que situamos o objeto no bojo da atual conjuntura política do país.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou em março de 2020 estado de pandemia em decorrência do novo coronavírus que ocasiona a enfermidade conhecida por Covid-19. Por se tratar de uma patologia nova, logo, até aqui sem vacina ou comprovações de eficácia de medicamentos, coube às autoridades aderirem, segundo seus interesses, a quarentena; período de distanciamento social com a finalidade de minimizar a transmissão comunitária do vírus. Visto que as desigualdades sociais são colossais nas diferentes partes do mundo, a possibilidade de adesão a tais medidas escancararam o abismo entre as camadas da população expondo a vulnerabilidade dos mais pobres e os privilégios da classe dominante.

Subitamente passou-se a propalar com frequência questões que envolvem o coletivo e a coletividade, contudo, na maioria das vezes, sob a dimensão capitalista. A coletividade nessa perspectiva é apreendida como uma mera junção de forças que corroboram para a promoção da competitividade amparando-se no falso discurso do fortalecimento econômico e, cabe ao coletivo, a carga de ser sempre produtivo, de modo que nos tornemos “empresários de nós mesmos”.

A investigação dar-se-á a partir da contextualização da racionalidade capitalista que nos invade subjetivamente e produz um enorme paradoxo ao realçar os desafios do modo como nos relacionamos, pois, se de um lado, somos orientados por hábitos individualistas, do outro, nos ancoramos na coletividade para repensarmos a relação com o tempo e reconstruirmos o espaço de existência conjunta. Desta forma, a coletividade, essência da sociedade comunista, é insistentemente invocada no seio das sociedades liberais.

Frente a essa contradição, asseveramos a urgência do resgate do legado teórico-prático de N. Krupskaya que também diante de um cenário de pandemia – a gripe espanhola que atingiu o mundo em 1918 - e de guerra civil, ousou lutar para a construção de hábitos coletivistas a fim de construir um homem novo e uma nova sociedade onde não cabiam desigualdades, quer seja elas entrem as classes sociais ou de gênero.

Tomamos como ponto de partida o fato de Krupskaya defender que a leitura

dialética dos fatos subordina-se capacidade do pensar livre e criticamente, entretanto, a militante reconhece que tal ação encontra embargo no modelo de sociedade dominante, visto que o indivíduo ciente de seu ativismo social representa uma ameaça à manutenção de instituições de ensino preparadoras de sujeitos acomodados, submissos e condescendentes com o fortalecimento das práticas individualistas.

Apoiada na teoria marxista-leninista, sua práxis pedagógica rompe com a histórica dicotomia entre trabalho manual e trabalho intelectual na busca de uma formação multilateral. Para isto, se faz necessário a descontinuidade dos objetivos da escola burguesa para que a educação despoje-se do privilégio de alguns e torne-se justa e revolucionária. Portanto, a concepção do senso de coletividade como práxis pedagógica em Krupskaya contrapõem-se a uma educação individualizada e segregada sugerindo reaprendizados na maneira de ensinar, aprender e conviver. Como resultante dessa nova concepção de convívio se assenta o processo de emancipação das mulheres, sem excluir o protagonismo feminino quanto à autodeterminação da autonomia, Krupskaya observou que a plena liberdade das mulheres baseia-se na construção de uma nova concepção da relação entre os indivíduos e que para isto ser alcançado era preciso unir toda a classe trabalhadora num movimento de fato revolucionário, a fim de edificar uma sociedade ideologicamente emancipada.

Deste ponto, se constituiu o objetivo geral desta dissertação: investigar e fortalecer o senso de coletividade fundamentado em Krupskaya, enquanto elemento de transformação social por intermédio da educação e também para a emancipação das mulheres. Enquanto os objetivos específicos são: 1) resgatar o legado pedagógico produzido por Krupskaya e retomar no pensamento da revolucionária os elementos basilares para a materialização da coletividade enquanto práxis e que, através da execução do produto educacional; 2) oportunizar através do coletivo feminista, As Sertanistas, a aproximação da história, da luta e da resistência de Krupskaya como elemento fortalecedor da autonomia das mulheres e 3) publicizar as práticas do projeto de extensão As Sertanistas produzidas no IFCE - Campus Quixadá através de um guia referencial em formato de literatura de cordel, com o intuito de fortalecer o grupo e encorajar a auto-organização coletiva de novos movimentos de mulheres nos *campi* do IFCE.

As seções discorrem sobre a coletividade enquanto essência das ideias

pedagógicas de Krupskaya, considerando que esta, perpassa o complexo educativo e compromete-se com a elevação cultural dos sujeitos em variadas vertentes. Optamos por iniciar a primeira seção resgatando um conjunto de memórias pessoais da educadora e em seguida, o cenário subversivo ao qual ela estava inserida. Feita a devida contextualização, perscrutamos identificar como se originou o interesse de Krupskaya pela causa dos trabalhadores e também o exercício de sua militância desde o período pré-revolucionário até o decurso pós-ascensão bolchevique. Ancoramo-nos nas contribuições de Krupskaya (1978), Trotsky (1977), Tragtenberg (2007), Lodi (2018) entre outros. Por fim, na subseção "Krupskaya e a emancipação das mulheres trabalhadoras", elucidamos as contribuições teórico-práticas da revolucionária para a emancipação das mulheres trabalhadoras tendo como fio condutor as categorias emancipação e autonomia. Nosso suporte teórico reside nas seguintes mulheres marxistas: Krupskaya (2017), Alambert (1986), Kollontai (1978), Schnneider (2017) e Saffioti (2013).

Na seção "Krupskaya e a educação soviética", depreendemos as principais categorias abordadas na obra de Krupskaya para apresentar sua concepção pedagógica e como se articulam com a teoria marxista e, em seguida, estabelecemos as devidas conexões com a práxis social da educadora. Logo depois, apresentamos a perspectiva de Krupskaya a cerca da escola do trabalho para romper com a histórica dicotomia entre trabalho manual e trabalho intelectual. Destacamos ainda seus esforços no processo de erradicação do analfabetismo russo. Nossas observações se debruçam, principalmente, nas elaborações de Krupskaya (2017) Pistrak (2018) Freitas (2020), Nobre (2015) entre outros.

Na subseção "O senso de coletividade em Krupskaya" intentamos apontar o senso de coletividade no pensamento da educadora examinando o coletivo como social, simbolizado como classe e vertente de determinados fatores históricos. Procuramos discorrer sobre as orientações de Krupskaya a cerca do ensino por complexos e a articulação desse método entre conteúdo e realidade concreta. Logo após, examinamos as observações da pedagoga quanto à escola nova e os apontamentos relativos ao potencial pedagógico dos jogos para a auto-organização escolar. Consideramos ainda as aproximações entre o pensamento de Krupskaya e Makarenko no que concerne a coletividade. Por último, versamos sobre os elementos necessários para a incorporação do senso de coletividade como práxis revolucionária em Krupskaya e inspiradas na auto-organização enquanto exercício

da coletividade sugerimos o produto educacional.

No percurso da investigação prospectamos apreender a auto-organização e o senso de coletividade como as categorias que no pensamento de Krupskaya subsidiam a construção da identidade e da relação de pertencimento dos sujeitos envolvidos na relação escola-comunidade. Para a pedagoga, incorporadas essas dimensões, os educandos devem se reconhecer como parte ativa e representativa do meio em que estão inseridos e sendo capazes de produzir e reproduzir hábitos coletivistas nas diferentes esferas sociais. Tal premissa despertou nosso interesse quanto à elaboração do Produto Educacional - integrante coadjuvante deste trabalho - e que se materializa enquanto consequência da investigação.

Posto isto, destacamos a atuação do projeto de extensão “Coletivo Feminista As Sertanistas”, desenvolvido no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), Campus Quixadá, localizado no Sertão Central Cearense. A relevância do projeto consiste na inadiável necessidade de desconstrução e combate das expressões de violência, preconceito, desigualdade e/ou opressão que as mulheres são histórica e culturalmente submetidas. Nessa trilha, enfatizamos que o produto educacional materializado como Guia Referencial para a formação de coletivos feministas no IFCE, destaca também a atuação do eixo Extensão enquanto potencial espaço extraescolar de formação por meio da auto-organização como exercício da coletividade.

Diante dos paradigmas opressores que são impostos pela sociedade patriarcal como forma de dominação, intensificados pelo modo de produção capitalista – essencialmente marcado pelo domínio da força, da segregação, revela-se uma cultura de subordinação do feminino que se estabelece há séculos. Para essa abordagem nos guiamos conforme as contribuições de Krupskaya para a emancipação das mulheres trabalhadoras, visto que destacamos no decurso desta dissertação que a militante compreendeu os profundos fundamentos da exploração da mulher na estrutura familiar e social. Nessa perspectiva, Krupskaya apoiou o projeto do Partido Comunista no tocante à abertura de equipamentos de funcionamento coletivo como creches, refeitórios comunitários, lavanderias, jardins de infância e outros. Trabalhou para a organização da classe trabalhadora, enfatizando que a participação das mulheres era imprescindível à libertação da escravidão das tarefas relacionadas à vida familiar e a inserção na vida pública.

Deste modo, a aproximação da história e da luta de Krupskaya para a emancipação das mulheres se constituiu como referência e elemento norteador para a construção do produto educacional.

Pretendemos com esse debate retratar que o senso de coletividade, organizado por intermédio do trabalho, constituiu o cerne da atividade de Krupskaya orientando sua concepção pedagógica, assim como sua militância e, que esta, contribuiu para a construção da pedagogia soviética, a organização da classe trabalhadora, bem como a emancipação humana.

2. KRUPSKAYA: MEMÓRIA E CONTEXTO REVOLUCIONÁRIO

2.1 Como nasce uma estrela: “A estrela vermelha”

As estrelas se formam a partir de nebulosas¹⁰ e da liberação de energia resultante da contração da força gravitacional. Se a nuvem for perturbada, parte dela pode começar a colapsar e aumentar a temperatura de certos gases. O atrito constante desses materiais resulta no nascimento de uma estrela. Ou seja, uma estrela surge a partir de uma inquietação, um fator provocador que potencializa suas partituras fazendo insurgir a existência. Num contexto análogo, desponta a militante N. Krupskaya, cujo caráter revolucionário foi esculpido perante as inquietações oriundas de uma sociedade desigual que a incomodavam profundamente desde a infância.

Lembra-nos Lodi (2018) que Krupskaya foi uma comunista por convicção e teve “luz própria”, portanto uma estrela vigorosa entre tantas outras que brilharam no contexto revolucionário.

Krupskaya nasceu durante rigoroso inverno em 26 de fevereiro de 1869 na então capital do império russo e mais importante cidade industrial do país do século XIX, São Petersburgo. A gênese da localidade foi marcada por injustiças e, segundo historiadores, ficou conhecida como “a cidade construída sobre ossos”, em menção aos cerca de 30 mil trabalhadores que morreram devido às péssimas condições de trabalho para que a cidade fosse erguida.

Ainda na infância, Krupskaya vivenciou situações de arbitrariedade que muito provavelmente forjaram o seu caráter revolucionário. Krupskaya no artigo *La educación de la juventude* (1978), revela-nos que embora seu pai pertencesse a uma linhagem de família nobre, o ex-oficial do exército não tinha posses e nenhuma herança assegurada. Era um ávido leitor e cultivava o hábito de debater os desarranjos da situação político-econômica do país entre um círculo de amigos que se fazia notar pela composição de discordantes e críticos do sistema czarista. Krupskaya nos revela no texto *Mi Vida com Lenin* que não tinha certeza, mas desconfiava que ele integrasse algum movimento revolucionário.

¹⁰ Nuvens de gás e poeira existentes no espaço interestelar.

Konstantín Krupski é descrito por Krupskaya como um homem justo. Lutou durante a insurreição polonesa de 1863 e, como não concordava com a tirania czarista, para tentar amenizar as humilhações sofridas pelo povo polonês ajudou vários prisioneiros a fugir. Seu posicionamento político e humano levantou a desconfiança entre os militares, levando Konstantín a ser perseguido e processado sob acusação de manter postura subversiva e de descontentamento às ações militares. Pouco antes de sua morte, visto que as denúncias eram anônimas, o senado o absolveu pela ausência de comprovações, porém somente cerca de uma década após o início do processo.

Destituído do cargo sem explicação, Konstantín teve dificuldades para manter a família. Precisaram por algumas vezes mudar de cidade. Aos oito anos Krupskaya e a família mudaram-se para Kiev e aos onze para uma das cidades mais antigas da Rússia, Pskov. A menina assistiu o pai amargar a injustiça, a perseguição e a miséria. Segundo Freitas, C. (2020), Krupskaya passou a odiar autocracia czarista, assim como os dirigentes de fábrica, com base nos relatos do pai sobre as atrocidades que os chefes cometiam com os trabalhadores.

Nessa mesma época, Krupskaya ficou doente e para tentar recuperar-se, seus pais autorizaram que viajasse para o campo na primavera com a família Kosiakovski¹¹. Krupskaya descreve que foi nessa viagem que conheceu uma jovem professora de 18 anos a quem chamava de “*Tomifeika*”. A jovem docente explicava para as crianças como os proprietários de terras exploravam os camponeses e como era injusto aceitar tal sujeição. Acreditamos que a convivência com a intrépida professora, presa tempos depois por encontrarem em sua residência livros proibidos e o retrato rabiscado de um tirano Czar, seguramente influenciou nossa militante a seguir um caminho que unisse a educação e a revolução. “Desde então, sempre tive interesse em escola e professores rurais.” (KRUPSKAYA, 1978, p. 03). Narra ainda que suas lembranças da professora rural a fizeram perceber a relevância de se aprender com entusiasmo e alegria.

¹¹ A família Kosiakovski possuíam negócios com uma fábrica de papel e Konstantin Krupsky trabalhou para eles.

Figura 1 - Krupskaya aos 10 anos de idade



Fonte: Крупская,_Надежда_Константиновна

Os desafios enfrentados pelas mulheres também se mostraram como uma importante questão para Krupskaya ainda na juventude. No tópico *“Tuve que pensar en ganarme la vida”*, descreve que junto com a mãe, Elisabete Krupskaya, uma mulher resistente e batalhadora, enfrentaram a opressão de se tornarem provedoras da casa após a morte de Konstantín quando tinha apenas 14 anos. As dificuldades as obrigaram a alugarem quartos em sua simples residência para os mais diversos hóspedes e com o apurado dos alugueis completavam a renda para sobreviverem.

Alfabetizada pela mãe, Krupskaya descobriu o prazer e a importância da leitura, *“los libros me proporcionaban mucha alegría, me descubrían un mundo entero y los devoraba uno atrás do outro”* (KRUPSKAYA, 1978, p. 04). Na pesquisa realizada por Freitas, K. (2019), na qual utiliza traduções de dezenas de cartas de Krupskaya, fica clara a relação de companheirismo e afeto entre Krupskaya e Elisabete: “[..] foi para o exílio acompanhada da mãe – que é sempre mencionada nas cartas trocadas – mais de sessenta catalogadas – com a mãe e a irmã de Volodia entre 1898 e 1919” (FREITAS, K, 2019, p.62).

Figura 2 - Krupskaya e sua mãe Elizabete



Fonte: <https://russianphoto.ru/search/years-1844-1999>.

Na juventude, quando finalmente os cursos superiores foram permitidos para mulheres em São Petersburgo, iniciou sua formação no liceu feminino *Obolensky*, onde havia iniciado cursos *Bestuzhev*¹², porém sentiu-se decepcionada porque as aulas não forneciam o que realmente precisava. Considerou as lições muito sábias, porém bastante distante da realidade cotidiana. Krupskaya tinha convicção que a escola precisava reagir à vida.

O grande interesse pela obra de Marx teve início quando começou a frequentar as reuniões de um recém-formado círculo estudantil russo: “certa vez, assisti uma reunião do movimento de estudantes e meus olhos arregalaram” (KRUPSKAYA, 1978, p. 05). Durante os encontros o grupo estudou diversas obras, dentre elas, livros proibidos como o primeiro tomo d’ *O Capital*, “os dois primeiros capítulos foram muito difíceis, mas a partir do terceiro, tudo correu bem. Pareceu-me beber água vivificadora” (KRUPSKAYA, 1978, p. 05), narra com entusiasmo.

Krupskaya passou a ler o mundo à luz do marxismo e tão logo, as preocupações com as desigualdades sociais se apoderaram de seu pensamento.

¹² Os Cursos Bestuzhev (Бестужевские курсы) em São Petersburgo foram instituição de ensino superior maiores e mais proeminentes das mulheres as na Rússia Imperial. Nadezhda Krupskaya foi uma das mais notáveis graduandas.

Compreendeu que somente o movimento revolucionário dos trabalhadores poderia mudar a vida e que todas as forças deveriam se render à causa dos trabalhadores.

A práxis social era no entendimento da pedagoga imprescindível à classe operária e campesina e, em vista disso, ainda na juventude dedicou-se ao magistério para aproximar-se principalmente do público mais perseguido pelo czarismo; os jovens operários. Passou a lecionar na escola noturna dominical de *Smólenkoie* que era frequentada por cerca de 600 operários de diferentes fábricas.

O ensino ofertado pelo poder czarista aos trabalhadores era elementar. Ensinava-se apenas a ler e também noções básicas de aritmética. Tudo muito distante da concepção de Krupskaya acerca do que era necessário ensinar nas escolas, pois estava certa que desde o ensino primário, a escola teria a missão de construir as bases para uma educação multilateral.

Entretanto, sua missão como educadora foi muito além da tão importante tarefa de ensinar a ler, escrever e contar. Ciente da carência de um ensino crítico e familiarizado com a concretude da vida, além de ministrar conteúdos escolares, repassava clandestinamente os ensinamentos de Marx acerca dos direitos e do poder, não ainda conhecidos por aqueles que compunham a tão importante mão de obra propulsora da economia. O marxismo era cuidadosamente ensinado, porém sem citar Marx. Também não era permitido falar palavras como “greve” e “revolução”, visto que era regularmente realizada uma inspeção dos conteúdos do programa escolar. “Fiquei surpresa como foi fácil esclarecer aos trabalhadores, desde o ponto de vista marxista, as coisas mais complicadas. As condições de vida facilitou a compreensão do marxismo”. (KRUPSKAYA, 1978, p. 06). Atuou como professora por cinco anos nessa escola e foi através dessa experiência que o marxismo a uniu para sempre com a classe trabalhadora.

Figura 3 - N. Krupskaya professora da escola dominical aos 21 anos (1890)



Fonte: http://www.hrono.ru/biograf/bio_k/krupskaja_nk.php Acesso em 19/01/2019.

O empenho ao ensino das ideias marxistas e a luta para transformar a sociedade a partir da tomada de consciência da classe trabalhadora que vislumbrava uma revolução da classe operária, ganharam potência na vida da militante quando aos 21 anos, em 1890 se organizou, começando a participar da União da Luta pela Libertação da Classe Operária. Como propagandista, iniciou editando panfletos clandestinos e participou da publicação de uma revista popular na imprensa ilegal. Nessa época, teve seu primeiro contato com Vladmir Ilyich Uiyarov, Lenin, o maior líder político soviético que, tão logo, tornou-se seu companheiro de luta e também da vida. A militante foi presa pela primeira vez em agosto de 1986 distribuindo panfletos produzidos por ela e Lenin e também sob a acusação de incitar a insurgente greve de tecelões.

Conforme Lodi (2017, p. 22), “Permaneceu por sete meses na prisão de São Petersburgo até que ocorreu o suicídio de uma estudante dentro da cadeia”. Com isso, Krupskaya e outras presas políticas ficaram em liberdade provisória, mas nossa militante logo foi julgada, condenada e deportada. Mais uma vez sentiu a extrema arbitrariedade czarista.

Provavelmente a pertinência que Krupskaya direciona em seus escritos à autodeterminação como força propulsora de emancipação humana tenha iniciado com as experiências que a levaram desde muito cedo reconhecer que somente a luta e a organização dos trabalhadores poderiam mudar o percurso de sua história.

Em meio a tantas injustiças, foi transferida do exílio da província de Ufá para a Sibéria após protocolar pedido às autoridades alegando estar noiva de Lenin. O que parecia um terrível castigo, o exílio na congelante Sibéria colaborou para estreitar os laços, pois exatamente nesse período selaram a união matrimonial e principalmente a mais importante aliança entre os revolucionários: a camaradagem. “A partir desse momento em que minha vida se uniu à dele, eu tenho o ajudado como pude.” (KRUPSKAYA, 1978, p. 06). Também utilizaram o tempo no exílio para aprenderem novos idiomas, aprofundar-se em leituras marxistas, observar o sistema educacional de outros países analisando-os, tecendo críticas, fazendo contrapontos com a proposta educacional socialista que seria construída.

Essas reelaborações do pensamento de Marx feitas por Lênin e por Krupskaya, que se concretizaram na instituição de uma “escola única do trabalho”, estavam destinadas a orientar, apesar das dificuldades, todo o desenvolvimento do sistema de instrução na União Soviética e, em seguida, dos demais países socialistas, e a deixar marcas profundas também na reflexão pedagógica e atuação escolástica de outros países. Elas, afinal, nasciam da cepa de uma história comum. (MANACORDA, 2002, p.315).

Na tentativa de driblar as perseguições e a censura de seus artigos, mesmo no período do exílio, Krupskaya escreveu diversas cartas que marcam a transição do século XIX para o século XX. As correspondências relatam parte do cotidiano da pedagoga com Lenin e como suas convicções se alinham com o marxismo e a causa operária e, conforme a investigação de K. Freitas (2019) nos aproxima dialogar com o pensamento da militante e como estas ideias influenciaram na construção das bases da pedagogia soviética. “As cartas de Krupskaya” foram, em parte, anos mais tarde reunidas e publicadas.

Conforme Freitas, C. (2020) Krupskaya não se incomodava em ser companheira do grande líder da revolução de outubro, por isso sempre escreveu sobre ele, revelando sua admiração e, sobretudo, sua paixão e entusiasmo pela revolução. O relacionamento dos revolucionários foi alvo de bastante especulação e alguns críticos consideraram a união como um mero acordo de fortalecimento da

ideologia comunista, outros interpretaram Krupskaya como uma coadjuvante das ideias leninistas, até mesmo, inacreditavelmente, questionando seu potencial intelectual. Todavia, vale refletir que Krupskaya tem um legado próprio, pois suas contribuições teóricas e práticas tanto para a construção da pedagogia soviética quanto para a emancipação das mulheres trabalhadoras serviram de aporte para construção da sociedade socialista, para o avanço mundial da luta dos trabalhadores e influenciam importantes debates nos dias de hoje. E, infelizmente, não nos surpreende a famigerada prática machista de depreciação intelectual e do trabalho de mulheres fortes e atuantes contra o sistema opressor, tal prática nos revolta e nos fortalece na solidariedade coletivista.

Lenin confiou à Krupskaya a tarefa de organizar a política educacional para ordenar a nova sociedade que se construiria com a transição do capitalismo para o socialismo. Apesar de segundo Fitzpatrick¹³ (1970), ela não gostar de trabalhos administrativos, Krupskaya liderou junto com Lunacharsky¹⁴ o órgão responsável pelo Ministério da Educação russo, o *Narkompros*, também conhecido por Comissariado do Povo para a Educação Pública.

Quando este órgão foi constituído, sob direção do Comissário Lunacharsky, ela foi apontada como sua primeira vice-comissária, mas como não lhe agradava ocupar cargos, logo no primeiro semestre de 1918, solicitou sua saída do posto, ainda que tenha permanecido envolvida com a política educacional do Narkompros até 1933. (KRUPSKAYA, 2017, p.8).

Nos escritos selecionados do livro *A construção da Pedagogia Socialista*, temos o contato com os principais textos que abordam as ideias pedagógicas de Krupskaya através de uma linguagem simples, direta e carregada de conceitos, cujo objetivo era alcançar a classe trabalhadora, em especial aos professores. “A partir de 1921, liderou a Seção Pedagógica da Comissão Científica Estatal, responsável pela criação dos círculos e programas escolares” (FREITAS, 2017, p.9). Nossa estrela vermelha fundou também a importante revista “A caminho de uma nova escola” colaborando para disseminar a concepção pedagógica socialista.

Krupskaya foi também responsável por organizar e fundar a escola pré-soviética. Em texto publicado pela primeira vez em 1922, examina o papel formativo da escola primária e reconhece que sua essência é respeitar os interesses da

¹³ Sheila Fitzpatrick, pesquisadora australiana que estudou o Narkompros. (FREITAS, 2017, p. 8).

¹⁴ Segundo Capriles (1989) Lunatcharski, por sua respeitabilidade e singular capacidade de diálogo, foi o principal articulador das alas intelectuais mais tradicionais com as mais progressistas de visão socialista. (FREITAS, M C de. 2020 p. 147).

infância para despertar desde cedo a consciência revolucionária.

Antes de tudo, a escola deve despertar na criança a curiosidade, um interesse pelo ambiente, um interesse investigativo pelos fenômenos e fatos, tanto no campo das ciências naturais como da vida social. Para isso, é necessária uma forte ligação da escola com a população, com seu trabalho, com toda sua vida econômica; no ensino é necessário apoiar-se na realidade do meio ambiente da criança. (KRUPSKAYA, 2017, p.105).

Ainda sobre As tarefas da escola de primeiro grau, texto publicado na Academia de Ciências Pedagógicas, também reflete sobre a importância dos livros serem claros e socialmente úteis para eliminar dúvidas sobre questões relacionadas à natureza e à humanidade e orienta também que o ensino deve basear-se o método dos complexos¹⁵. Enxerga no trabalho coletivo ensinado ainda nas séries iniciais um importante hábito para o conhecimento e enfrentamento da vida social, visto que possibilita a apropriação da existência pela própria criança a partir de suas experiências concretas.

Indubitavelmente a vivência no ensino primário levou-a a reconhecer as dificuldades de ensinar as crianças o trabalho socialmente produtivo, contudo concluiu ser também papel da escola, aproximar, ainda na infância, os educandos das questões políticas, sociais e culturais para que não se transformassem em sujeitos passivos e sem personalidade, como bem pretendia a concepção burguesa de ensino.

É impossível pretender que a escola de primeiro grau, atendendo crianças com idade de 8 a 12 anos, possa dar a elas uma plena visão de mundo, ou alguma formação política profunda, ou preparação profissional. Por isso não é preciso esperar. A tarefa da escola de primeiro grau é dar à criança aquele conhecimento que a introduz no círculo da cultura moderna. (KRUPSKAYA, 2017, p.107).

Krupskaya sustenta que a escola não deve se apresentar à sociedade como uma instituição isolada da realidade das crianças e que também os membros do Partido Comunista devem fazer a sua parte, por exemplo, organizando os filhos e

¹⁵ Método elaborado pelos educadores soviéticos Pier Blonsky, Pinkevich e Nadejda Krupskaya, que, conforme definição do Instituto Paulo Freire (IPF), busca levar à prática coletivamente o princípio da escola produtiva. Esse método concentra todo o aprendizado em torno de três grandes grupos (complexos) de fenômenos: a Natureza, o Trabalho Produtivo e as Relações Sociais. Trataremos sobre o assunto na seção 3.2 desta pesquisa.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. Verbete método dos complexos. Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educabrazil. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <<https://www.educabrazil.com.br/metodo-dos-complexos/>>. Acesso em: 20 de jun. 2020.

filhas dos trabalhadores junto aos Pioneiros¹⁶ a partir dos 11 anos de idade para que o quanto antes aprendessem a incorporar hábitos coletivistas a fim de fortalecer o espírito de solidariedade e da luta de classe. A pedagoga mediu importantes metodologias de ensino e aprendizagem aos Pioneiros, considerando particularidades do universo infantil que valorizassem seus interesses. Ressaltou que o trabalho com os Pioneiros deve ser diferenciado do ativismo empregado aos adultos, pois há de se atender as singularidades da infância respeitando as suas propensões.

O movimento infantil tem grande valor para escola porque fornece hábitos que contribuem para organizar adequadamente a autogestão das crianças e contribui para promover a aplicação de novos métodos ensino. O movimento infantil acrescenta o interesse dos alunos pelo estudo e o desejo de saber. (KRUPSKAYA, 1978, p. 28).

Segundo Lodi (2017, p.73) um dos objetivos de Krupskaya quanto à educação era: “ensinar como o mundo foi historicamente organizado, incluindo os mecanismos de injustiças criados pelo próprio homem”. Ciente que a construção da sociedade socialista não consistia apenas em criar uma nova base econômica para fortalecer o poder soviético, mas sim uma nova relação entre os sujeitos, que fosse totalmente distinta dos hábitos egoístas formulados pelo capital, Krupskaya considerou imprescindível o envolvimento também dos jovens nessa tarefa, por esta razão, passou a observar também os filhos adolescentes dos trabalhadores para incentivá-los a participarem e trabalharem para o fortalecimento da organização política e social juvenil do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), o *Komssomol*¹⁷.

O Komsomol deve ensinar seus membros a trabalharem coletivamente, realizando uma divisão inteligente do trabalho em todas as partes, educando neles o sentido de responsabilidade pelo seu trabalho perante a comunidade, promovendo a disciplina do trabalho, inculcando neles uma atitude comunista em relação à construção de uma nova vida. O sucesso desse trabalho educacional depende inteiramente das proporções do trabalho do Komsomol, do seu grau de organização e do sucesso com que ele levanta todas as questões. O Komsomol deve estudar a educação e a

¹⁶ Organização juvenil do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) para menores de 14 anos.

¹⁷ Komsomol ou Comsomol (em russo, Комсомол) — a organização juvenil do Partido Comunista da União Soviética (PCUS). O nome é uma contração de Kommunistichéski Soiuz Molodiôji (Коммунистический союз молодёжи) ou União da Juventude Comunista Russa (UJCR). Criada em 29 de outubro de 1918, mudou de nome em 1922 para Liga Comunista Leninista da Juventude de Toda a União. A filiação ao Komsomol era permitida a partir dos 14 anos, até o limite de 28 anos de idade. Mesmo assim, os funcionários da organização deveriam ser antigos militantes, sendo portanto mais velhos que os membros regulares. Para os menores de 14 anos, existia o Movimento dos Pioneiros. No plano internacional, o Komsomol era o membro mais importante da Federação Mundial da Juventude Democrática (FMJD). Na época de seu auge, dos anos 1970 ao início dos anos 80, o Komsomol tinha mais de 40 milhões de afiliados. <https://www.marxists.org/>.

integridade do caráter, além de saber falar e fazer discursos. (KRUPSKAYA, 1978, p. 17).

A escola burguesa se apropria das experiências da infância para fortalecer os hábitos egocêntricos do capital e, por esse motivo, a educação socialista deve se preocupar em educar as crianças no espírito da coletividade desde seus primeiros anos. Krupskaya considera que para o adulto que se criou e acostumou-se aos velhos hábitos assentados na competitividade, na soberba e no individualismo, seria mais difícil, porém não impossível de abandonar os velhos costumes, mas para os jovens, por terem experienciado menos comportamentos típicos da sociedade capitalista, seria mais viável e edificação de uma nova atitude solidária diante dos fenômenos sociais. Para tanto era necessário um imenso esforço de todos, contudo para Krupskaya essa tarefa não era impossível para os militantes e ressalta que “a ajuda coletiva ainda não desapareceu entre nós” (KRUPSKAYA, 1978, p. 29).

Figura 4 - Krupskaya e crianças integrantes do Movimento dos Pioneiros (1927)



Figura 5 - Krupskaya e jovens do Komsomol (1936)



Fonte: <https://medium.com/@Marighella/jovens-pioneiros-como-as-mulheres-podem-ajudar-1925-5685606ba84e>

Krupskaya não teve filhos. Não encontramos em seus escritos evidências para afirmar que ela era contra a família ou a maternidade, todavia escreveu sobre como em tempos de guerra a maternidade não ocupava um espaço conveniente na vida das mulheres e que cabia ao Estado tomar providências para tornar essa

existência segura e digna.

Ainda em nossos tempos nos deparamos com uma incoerente cultura enraizada no patriarcado¹⁸ onde a “vida ideal” para as mulheres é por vezes ditada por um “código” (i) moral que dentre “as normas” sustenta a maternidade como obrigação e não como escolha da mulher, tornando-se uma regra para legitimar a real existência feminina. Infelizmente, Krupskaya também foi alvo desse infundado julgamento e, mesmo revelando-se uma das mulheres mais cultas de sua geração e notável integrante da liderança do partido comunista russo, a revolucionária dispensava os holofotes, demonstrando ser discreta, como observou Kollontai; (2017, p.218) “[...] não discursava nos turbulentos comícios com milhares de pessoas, [...] mas ela trabalhou incessantemente, foi o braço direito de Lenin e às vezes fazia nas reuniões do partido uma observação curta, mas de peso”. Esse traço de sua personalidade lhes rendeu injustas críticas quanto ao seu potencial intelectual e sua autonomia perante ao relacionamento com o mais notável líder bolchevique.

No entanto, amparada pela sabedoria dos que se encontram nas trincheiras da luta de classes, a militante nunca se deu ao trabalho de rebater tais especulações, pois suas forças eram empregadas em prol de uma questão maior e coletiva: a derrubada do capitalismo através do fortalecimento e da tomada do poder pela classe trabalhadora.

A militante dedicou-se a orientar a educação para as crianças e organizar a juventude até o fim de sua vida. Conta-nos no epílogo dos “Artículos acerca de Lenin” (1978) que sua autobiografia foi escrita para os pioneiros e os konsomoles, aos quais considerava como filhos.

Siempre he sentido mucho no haber tenido hijos. Ahora no lo siento. Tengo muchos, son los komsomoles y los pioneros. Todos ellos son leninistas y desean serlo. Esta autobiografía ha sido escrita por encargo de los pioneros. Se la dedico a ellos, a mis queridos muchachos. (KRUPSKAYA, 1978, p. 6)

¹⁸ O patriarcado – como forma de organização social na qual é exercido o poder do homem sobre a mulher – não é exclusivo do capitalismo. Ele surge na história da humanidade juntamente com a propriedade privada, que coloca a questão da transmissão da riqueza, da herança e da definição da paternidade. Antes do surgimento da propriedade privada, a sociedade se organizava em torno da figura da mãe. Com a família monogâmica, quando a mulher é entregue “ao poder do homem”, como explicou Engels, nasce o germe do Estado patriarcal. Ao modo de produção capitalista corresponde o estado burguês, no qual se mantém o patriarcado – e não poderia ser diferente, pois a questão da propriedade privada e sua transmissão seguem colocadas. (BOITO, 2016, p. 15).

Figura 6 - Krupskaya sendo homenageada em evento dos Pioneiros (1936)



Fonte: <https://russiaainphoto.ru/>

Também conviveu com atuantes militantes feministas, responsáveis por discutirem ainda no século XIX a divisão sexual do trabalho e a necessidade de redução de jornada de serviço, o fim da escravidão das atividades domésticas, bem como a equidade salarial: “Os bolcheviques articularam uma visão da libertação da mulher, e as mulheres soviéticas lutaram para alcançá-la.” (JINKINGS, 2017, p.75).

**Figura 7 - Krupskaya e Clara Zetkin
(1931)**



Fonte: <https://russiaainphoto.ru/search/photo>

**Figura 8 - Krupskaya e Kollontai
(1937)**



Fonte: <https://russiaainphoto.ru/search/photo>

A luta pela ampliação dos direitos das mulheres-mães era uma importante bandeira para Krupskaya que escreveu em 1899 um texto intitulado “A mulher e a educação das crianças”, uma importante reflexão sobre a dura rotina das mulheres-mães operárias e camponesas, agravada pela precarização da educação pública.

À frente do seu tempo, Krupskaya chamou atenção para a igualdade de gênero nos espaços de discussões e defendeu abertamente em seus textos a necessidade da construção da autonomia das mulheres e a extinção dos mecanismos que as afastavam da vida pública, pois reconheceu que estes são fatores organizadores do capitalismo, já que para esse sistema é oportuno à manutenção da exploração das mulheres através da precarização do trabalho feminino. Sobre os esforços de Krupskaya para a plena emancipação das mulheres trataremos com mais detalhes na seção 2.3 deste escrito.

Perscrutamos reconhecer que apesar de Krupskaya ser uma das grandes líderes do órgão responsável pela sistematização da educação russa, *Narkompros*, uma das fundadoras da pré-escola soviética e, conforme Freitas, K. (2019) sua produção intelectual ter sido reconhecida e valorizada pelo Estado Soviético, sendo a autora nomeada membra honorária da Academia de Ciências da URSS (1931) e em 1936 honrada com título de Doutorado em Ciências Pedagógicas, lamentamos afirmar que são limitadas às traduções de seus textos e discursos para a língua portuguesa.

2.2 O cenário da pedagoga militante

Há uma forte discussão a cerca das omissões na historiografia russa e mundial de fatos correspondentes a estruturação e o desenrolar da Revolução Russa. Há quem classifique a tomada do poder em 25 de outubro como um golpe, contudo o que não se pode negar é o impacto sócio-político e cultural deste evento que reverberou sobre a Rússia e também no mundo transformações em diferentes vertentes.

O que caracteriza o Outubro de 1917 como revolucionário é o fato de que em sentido pleno, ele atingiu todos os setores da sociedade. É possível que a Revolução tenha sido um dos maiores golpes ao capitalismo do século XX. (FREITAS, L, K. 2019, p.51)

Nesta seção não objetivamos narrar a Revolução Russa, mas compreender, embora de forma resumida, o contexto ao qual estava inserida Krupskaya e o exercício de sua militância desde o período pré-revolucionário até o acontecimento do mais importante evento histórico do século XX.

Ao escrever o prefácio para a primeira edição russa de “Os dez dias que abalaram o mundo” de John Reed, Krupskaya destaca que Reed, embora americano e sem total domínio da língua e dos costumes russos, descreveu um quadro autêntico da revolta, pois considera que o ponto de vista do autor era guiado por sua alma revolucionária e comunista, o que o fez compreender o sentido dos acontecimentos da grande luta (KRUPSKAYA, 1919). Talvez seja esse o ponto inicial da defesa de Krupskaya contra as análises, por vezes, tão generalizadas sobre a revolução. Krupskaya nos invoca a discutir a Revolução para além da enumeração dos fatos ou por uma coletânea de documentos, mas pela perspectiva da paixão militante.

Tragtenberg (2007) ao descrever a sociedade russa pré-revolucionária define as principais características do czarismo e destaca o potente controle ilimitado do czar sobre os bens e a vida dos súditos, sendo o servilismo um elemento dominante da estrutura social autocrática, pois mesmo diante da forte opressão imposta ao campesinato, uma grande parcela da população via na figura do Czar o redentor das arbitrariedades cometidas pelos latifundiários e demais exploradores. Todavia, o autor salienta que:

O campesinato protestava contra a servidão, resmungava contra autocracia, porém venerava cegamente o czar. O aspecto extraordinário que assumia a figura do czar perante o campesinato se devia à ação da burocracia e do clero russo, que se encarregava de mitifica-lo como o Pai do país. (TRAGTENBERG, 2007, p.66).

As reflexões de Tragtenberg (2007) vão ao encontro das observações de Krupskaya (2017) quando para discutir as mudanças nas questões de educação segundo os objetivos da escola burguesa, reforça o papel do clero na castração do pensamento independente para “promover a escravidão espiritual das massas” (KRUPSKAYA, 2017, p.82).

A burguesia aprendeu com a igreja como é possível, na escola, ensinar escravos. Mas seus filhos se formam nas escolas especiais, onde se formam proprietários da vida, pessoas que no futuro vão se beneficiar e desfrutar dos bens da vida. Nas escolas populares, aquelas escolas onde as crianças de operários e camponeses estudam, acontece a extinção sistemática do espírito. Aí ensinam-se crianças obedientes, servas do capital. (KRUPSKAYA, 2017, p.82).

Os elementos de controle que reforçam a subjugação intelectual das massas são lamentavelmente adaptados para cada época e contexto. Analogicamente, atravessamos no atual cenário político brasileiro um bombardeio de factoides manipulados conforme os interesses de instituições e personagens mitificados. Fazendo uso da metáfora, destacamos que há legiões que como um “rebanho enfeitado”, seguem sem questionar seu “bom pastor” para o caminho do “abatedouro” e, contraditoriamente, clamam ao seu próprio algoz por amparo.

Inferimos que a abolição da servidão em 1861 foi um importante passo para o processo reformista russo pelo viés industrial, todavia a supressão do servilismo não significou a sua total anulação, dado que adquiriu uma nova roupagem frente aos avanços econômicos do país. Seus moldes permaneceram entranhados no modo de vida da população como uma cruel herança malquista.

Para a compreensão da intervenção czarista quanto à implementação da infraestrutura industrial no território russo é preciso ponderar a respeito da tirania desta autocracia, pois temos como exemplo, a sujeição milhares de trabalhadores, muitos deles presos comuns e políticos, sem uma mínima estrutura de moradia e alimentação para regiões inóspitas de frio demasiadamente intenso por mais de

duas décadas para a construção até o ano de 1916 da transiberiana¹⁹ - a mais longa ferrovia do mundo - com o pretexto de proteger o território da ameaça chinesa, a exploração de trabalhadores para salvaguardar o território e a própria manutenção dos poderes dos czares, marcou fortemente o cenário geopolítico mundial no século XIX. Muitos trabalhadores morreram de fome e de frio. Este foi um dos mecanismos de exploração para formar o Estado regulador que se manteria até 1917.

O colossal território russo é resultante das diversas guerras dos séculos XVII e XVIII que culminaram com a anexação de terras garantindo importante localização com as fronteiras da Ásia e países europeus. Sua imensidão territorial não garantia o sustento de quase 170 milhões de habitantes no ano de 1917, por exemplo, visto que só uma pequena parte da área era adequada para a agricultura produtiva em decorrência do clima hostil e consequentemente dos solos inadequados.

Os acontecimentos que figuraram a Revolução de 1917 passaram por um chamado “ensaio geral” com a Revolução de 1905 e a formação de novos partidos políticos (TRAGTEMBERG, 2007). Durante esse longo período de “preparação” para os intensos dias de outubro, Krupskaya viveu a dura tarefa de se esquivar das violentas perseguições políticas e tentar retornar seguramente para a Rússia. Após cumprir pena no exílio da Sibéria, sob pseudônimos e disfarces, iniciou uma árdua peregrinação na companhia de Lenin para diversas localidades como; Londres, Genebra, Helsinque e Paris.

Em 1905 conseguiu finalmente, mesmo sozinha, retornar para a Rússia via Estocolmo. O país estava assolado pela miséria e a fome: trágicas sequelas da guerra russo-japonesa. Foi um ano de intensas tarefas da militância para a educadora, principalmente nos subúrbios, onde se ocupou do importante ofício de alfabetizar os trabalhadores. Krupskaya apostava na leitura da palavra como uma importante oportunidade de compreensão dos acontecimentos sociais e por isso, transformou a alfabetização dos trabalhadores como um de seus principais compromissos. No mesmo ano também assumiu o cargo de secretária do Comitê Central do partido que representava os bolcheviques e segundo Lodi (2018), ao participar da Conferência dos Bolcheviques da Rússia em Tammersfors na

¹⁹ A mais longa ferrovia do mundo teve início de sua obra em 1891 no governo do Czar Alexandre III em 1891. A ferrovia conta com 9.298 quilômetros de extensão com capacidade para 100 mil vagões de carga por ano e atravessa 7 fusos horários, 3 países (Rússia, Mongólia e China) e 2 continentes (Europa e Ásia).

Finlândia, conheceu Stálin e, a partir desse momento, se deu a correspondência entre eles.

Entre 1906 e 1911 houve uma impertinente caçada aos ativistas revolucionários, principalmente aos russos. Krupskaya retirou-se novamente da Rússia e narra em várias cartas enviadas a Anna Ilyich, irmã de Lenin, as imensas dificuldades da vida secreta, incluindo os problemas com a saúde, as adversidades financeiras, as precárias residências por onde viveu - sendo muitas vezes os móveis compostos por velhas caixas - e até mesmo a ausência do sistema de aquecimento que fazia do frio um inimigo inquietante.

Somando ao caos da experiência da vida oculta, destacamos o fortalecimento do acirramento entre os bolcheviques e os mencheviques; “Foi um período de rudes combates na frente mais importante: na frente das ideias” (KRUPSKAYA, 1937, p12). Com isso, Krupskaya e Lenin passavam constantemente por atribulações para conseguirem lugar seguro, ainda que fosse para passar somente uma noite, visto que era bastante comum a acusação de conspiração contra o governo czarista àqueles que demonstrassem qualquer proximidade com as lideranças do partido comunista.

Entretanto, não deixando abater-se pelas adversidades do contexto pré-revolucionário, Krupskaya intensificou as investigações sobre a escola nos países imperialistas, aprendeu novos idiomas, aprofundou-se na teoria marxista e escreveu inúmeros artigos para o órgão central de publicação do partido e aproximou-se das mulheres operárias compreendendo suas lutas e orientando-as nos preceitos marxistas através da divulgação de panfletos.

Conta-nos Lodi (2018, p.39) que em “1911, Lenin, Inessa e Krupskaya fundaram em *Longjumeau*, nos arredores de Paris, uma escola livre para trabalhadores”, o que legitima nossa impressão de que para Krupskaya, o caminho a ser traçado na práxis revolucionária perpassa a educação. A escola de *Longjumeau* não durou tanto tempo, dado que foi alvo de espionagem e considerada uma afronta aos mencheviques, pois os alunos que viviam a experiência nesse espaço firmavam suas convicções e confiança nos bolcheviques. A escola livre não foi apenas uma escola mista, frequentada por mulheres e homens concomitantemente, mas um ensaio para uma escola socialista, em razão de fundamentar-se no senso de coletividade com vistas a uma formação omnilateral.

A entrada da Rússia na I Guerra Mundial significou para o povo russo a

perpetuação da servidão. O cenário do país era de intensa miséria e indignação. Nicolau II, demonstrando a austeridade de sua governança, adotou o racionamento alimentar para priorizar o abastecimento do exército. O povo estava cansado, faminto, castigado pelo frio e as doenças causadas pela ausência de medidas sanitárias mínimas. A prostituição tornou-se uma escabrosa moeda de troca, o flagelo humano revelava mais do que as carências materiais, mas a barbárie de um sistema avassalante.

O descontentamento popular ganhou força com a insistência de manter o país na guerra. A ideia do Czar como o “salvador” foi tornando-se obsoleta para uma grande parcela popular abrindo espaço para as ideias defendidas pelos mencheviques e bolcheviques ganharem adeptos. Ponderamos que, embora diante de intensas crises internas, o pensamento socialista traçou caminhos para forjar a consciência revolucionária.

Somada a rejeição da população de modo geral contra a opulência das classes dominantes e o calvário proporcionado pelos anos da guerra que dizimou famílias inteiras, eclodem protestos e uma significativa greve de mulheres tecelãs em fevereiro de 1917, data que celebra no antigo calendário russo o dia internacional das mulheres, que apoiadas pelos operários dirigiram-se a Duma num protesto por “pão e paz”. Após dias de manifestações, soldados uniram-se aos manifestantes e sob intensa pressão Nicolau II foi deposto.

A historiografia recente já tem feito referência à manifestação de mulheres ocorrida em fevereiro como o pontapé inicial da Revolução Russa, assim como confirma Kollontai, a primeira mulher a ocupar um cargo no governo no ano de 1917;

É claro e indiscutível que, sem a participação das mulheres, Outubro não poderia ter levado a bandeira vermelha a vitória. Glória à mulher trabalhadora, que caminhou sob a bandeira vermelha em Outubro. Glória a Outubro, o emancipador das mulheres! (KOLLONTAI, 2017, p.221).

Com a instalação do governo provisório em fevereiro, Krupskaya pôde retornar para São Petersburgo e nos meses que antecedem o glorioso outubro, a militante dirigiu sua atenção mais uma vez aos jovens publicando três artigos: “A união da juventude”, “Luta pela juventude trabalhadora” e “Como deve se organizar a juventude trabalhadora”. Nos escritos, demonstrou grande preocupação quanto ao avanço do nacionalismo exacerbado propagado pela burguesia influenciar esse público na desmobilização da luta internacionalista.

Como medida contra o chauvinismo burguês, incentivou os jovens a se organizarem independente do plano do partido, pois estava ciente que apesar das divergências partidárias, essas forças tinham um desejo em comum: o fim dos cinco séculos de domínio czarista. Krupskaya conhecia o pensamento da juventude, tinha em mente que uni-los, apesar de nem todos estarem alinhados com as ideias dos bolcheviques, era melhor do que perdê-los para os deslumbres da burguesia. Refletiu que era necessário oportunizar a juventude trabalhadora uma “educação civil” apartada da moral burguesa e que era preciso “[...] fazer com que o lema “Proletário de todos os países, uni-vos”! se torne próximo, caro e pleno de sentido [...] (KRUPSKAYA, 2017, p.93).

Sem deixar de lado sua fiel tarefa de mentora da juventude, incentiva e guia-os apresentando os “Estatutos da União da Juventude Trabalhadora da Rússia’ com seis parágrafos pautando as possibilidades de ação da juventude” (LODI, 2018, p.58).

No ano da Revolução, Krupskaya voltou-se completamente para o trabalho educacional, seja ele para a juventude trabalhadora, seja para a mulher trabalhadora, ou para seus filhos. Os artigos eram propostas de traçar roteiros para a caminhada, de incentivar ideias que precisavam ser colocadas em prática. Além dos artigos, ela encontrava-se pessoalmente com jovens trabalhadores das mais diferentes tendências, bolcheviques, mencheviques, socialistas-revolucionários e anarquistas. (LODI, 2018, p.58).

Acreditando que a Revolução se construía diariamente e que o dia da tomada do poder estava próximo, Krupskaya escreveu também em maio de 1917 o artigo “Materiais para a revisão do programa do partido”, um texto que propõe alterações na organização educacional destacando a necessidade de uma ligação imanente do ensino com o trabalho socialmente produtivo.

A pedagogia burguesa moderna estabelece a necessidade de ligação do ensino com o trabalho produtivo, mas o trabalho produtivo que ela tem em mente, na maioria dos casos, não tem seriedade. É necessário ligar esse trabalho, como Marx salientou, com a produção, assim, ele terá um valor educativo enorme (KRUPSKAYA, 2017, p.62).

Krupskaya preocupava-se que sem a obrigatoriedade da mediação da escola entre ensino e produção ficaria mais difícil combater a exploração do trabalho das crianças e jovens até os 17 anos, pois a discussão sobre a antecipação da profissionalização ganhava força em Petrorgado. Ainda no mesmo artigo sugere que a seleção apropriada de professores deve ser feita pela própria população, pois seria um importante estímulo para a atuação organizada no sistema escolar.

A militante tinha um sério compromisso com os propósitos que orientavam a Revolução, sabia das fragilidades do povo e buscou agir para abrandar o sofrimento inevitável de mais uma luta armada, quando, no Comitê Central do Partido, fora decidido travar uma insurreição para a tomada do poder pelos bolcheviques, providenciou que uma médica a ensinasse os cuidados básicos para tratar dos feridos, assim como também as operárias, a fim de colaborarem com os atendimentos de primeiros socorros (LODI, 2018). Pretendia-se construir um homem novo para uma nova sociedade e todos os esforços foram vinculados a esse compromisso.

Mais que um golpe, a revolução também carregava a súplica pelo fim da miséria como destino, do sofrimento como hereditário, da agonia da fome. Independente das controvérsias que envolvem os rumos da revolução, o levante nasceu de um desejo popular. Algo precisava esperar novos tempos e essa faísca de confiança foi o socialismo.

Antes dos soviets²⁰, os operários já se organizavam em massas populares. Na luta pela tomada de poder direcionaram todas as suas forças aos conflitos entre capitalistas e trabalhadores. “O soviete é o primeiro poder organizado da massa sobre vários setores dela própria.” (TROTSKY, 2005, p.205)

No primeiro ano após o simbólico 25 de outubro de 1917, o cenário ao qual estava inserida nossa revolucionária enfrentava grandes transformações e desafios. A saída da Rússia da primeira guerra e a coletivização de terras, obviamente, não foram o suficiente para trazer paz ao povo. Em 1918 instala-se um severo conflito civil no país²¹. Nesse mesmo ano, mesmo diante dos obstáculos inerentes do movimento contrarrevolucionário, Krupskaya aceitou o desafio de integrar o *Narkompros* e colaborou ativamente com Lunacharsky e outros importantes

²⁰ Órgãos do poder na URSS eleitos por todo o povo; as organizações mais representativas e de massas que unem em si as características próprias de órgãos estatais e de organizações sociais; a encarnação mais completa do caráter democrático do Estado Socialista. Os Sovietes surgiram em 1905 como órgãos da insurreição armada, concebidos pela criatividade revolucionária das massas populares. <https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/s/soviets.htm>.

²¹ A Guerra Civil Russa foi um conflito ocorrido entre 1918 e 1921 na Rússia. Causado pela mobilização de forças contrarrevolucionárias, chamadas de Exército Branco, tinham o objetivo de derrubar os bolcheviques. A Guerra Civil contribuiu para agravar a situação de um país já empobrecido por séculos de czarismo e do envolvimento na Primeira Guerra Mundial.

educadores na construção da Declaração sobre os princípios fundamentais da escola única do trabalho²².

Figura 9 - Componentes do Narkompros²³



Fonte: https://bigenc.ru/domestic_history/text/2249947

Mesmo rejeitando um cargo formal no Comissariado do Povo para a Educação, as concepções pedagógicas de Krupskaya, sobretudo sobre a educação das crianças e jovens, orientaram as práticas para as mudanças educacionais executadas pelo *Narkompros* por mais de uma década (1917-1929).

Kollontai em seu artigo “As combatentes no dia do grande Outubro” relembra o esforço e a influência de Krupskaya para a consolidação da revolução;

[...] ela trabalhou incessantemente, foi o braço direito de Vladímir Ilítch e às vezes fazia nas reuniões de partido uma observação curta, mas de peso. Nos momentos mais difíceis e perigosos, nos dias em que muitos camaradas fortes perdiam o ânimo e começavam a ter dúvidas, Nadiéja Konstantínovna, se mantinha igualmente convicta, confiante da justeza do trabalho iniciado e com fé na vitória. Ela irradiava uma crença inabalável, e essa firmeza de espírito, oculta sob rara descrição, sempre encorajava a todos que se juntavam aos companheiros de armas do grande criador de Outubro. (KOLLONTAI, 2017, p. 218).

²² Esta “declaração”, como é conhecida, foi publicada juntamente com a Deliberação do Comitê Central sobre a Escola Única do Trabalho em 16 de outubro de 1918. Ela reflete o posicionamento do Narkompros através do Comissário A. Lunacharsky quanto à necessidade de reformas no campo da educação para a efetivação da Escola Única pós a Revolução de Outubro.

²³ No centro Lunatcharski e à sua direita Krupskaya.

A militante ratifica em seus discursos que; “a educação em uma sociedade capitalista é uma educação de classe de ponta a ponta.” (KRUPSKAYA, 2017, p.190). Dito isto, asseveramos que a luta de classes atravessou a vida da pedagoga que por toda a sua existência conviveu com a desigualdade, exploração e a injustiça imposta à classe trabalhadora, tomando para si a militância como propósito, forjando dessa forma seu caráter humano e revolucionário.

Figura 10 – Krupskaya discursando no contexto da Guerra Civil



Fonte: <https://russiaainphoto.ru/search/photo>

Destacamos que as ações práticas de Krupskaya, mesmo limitadas pelas condições históricas e políticas de seu tempo, tornaram-se imprescindíveis para a criação de uma nova perspectiva pedagógica e, como esta exigia uma nova escola e um projeto revolucionário de educação em defesa do sujeito omnilateral, trabalhou incessantemente para torna-lo possível em meio a tantas adversidades oriundas das perseguições contra os bolcheviques.

2.3 Krupskaya e a emancipação das mulheres trabalhadoras

Emancipação é uma capacidade puramente humana porque exige o exercício de pensar constantemente na restituição dos sujeitos mediante as transformações das condições que os afastam de suas expressividades. É também dialética, considerando as contradições do contexto social e dos esforços para desnudar e desempenhar com fulgor a existência.

A emancipação perpassa as individualidades e o coletivo, materializa-se nas interações, no desenrolar da criatividade, na interação das contingências e na possibilidade de traçar novos caminhos.

“... a liberdade como autodeterminação é coletiva no sentido de que consiste na imposição, socialmente cooperativa e organizativa, do controle humano tanto sobre a natureza como sobre as condições reais de produção” (BOTTOMORE, 2012, p. 182)

Porquanto, tratando-se da emancipação feminina, a luta contínua pertence a mulheres -organizadas ou não - que ao longo do tempo dedicam suas vidas pela transmutação do papel e dos costumes socialmente impostos em diferentes épocas, e, também é de homens, mas somente daqueles que se deram conta dos privilégios de sua natureza, da inferioridade social da mulher e da necessidade da luta conjunta para sua plena libertação.

Nosso recorte atravessa a vida e a obra de Nadezhda Krupskaya, pois mesmo com as limitações da situação histórico-concreta na qual estava inserida, dedicou-se à questão da emancipação da mulher contribuindo para o debate da construção da autonomia feminina em sua época e também em nossos dias. No plano teórico, suas ideias sobre o assunto encontram-se disseminadas em seus artigos, panfletos, prefácios e discursos feitos em diversos eventos. Conforme Silva (2018) somente em Krupskaya se encontram contribuições marxistas russas sobre a emancipação das mulheres até ano de 1909. Ressaltamos que devido as pertinentes perseguições, a obra da militante circulou ilegalmente sob pseudônimos, o que nos faz pensar que há muito ainda para se desvendar a respeito das ideias dessa valente mulher.

Confirmando o que pontuamos sobre a voraz censura sofrida por Krupskaya, destacamos que a distribuição do seu primeiro panfleto “A Mulher Trabalhadora” motivou sua injusta prisão em 1896. Quando escreveu “A Mulher e a Educação das Crianças” em 1899 para uma brochura chamada “A Mulher Operária”, com rigor,

exigiu o fim das péssimas condições de trabalho das mulheres, pois acompanhou a dura rotina das trabalhadoras e concluiu que esta situação impossibilitava as mães-trabalhadoras de oferecerem uma educação adequada aos filhos, já que passavam boa parte do dia ocupadas com o desgastante ofício das fábricas, do trabalho no campo e também dos lares. Seu escrito foi considerado um marco para o planejamento de políticas públicas que envolviam os direitos das mulheres quando o poder soviético foi instalado.

Divulgou em 1910 na revista 'A Comunista' o artigo 'Guerra e Maternidade' e também 'A Trabalhadora e a Religião', onde tece críticas a conjuntura que torna a alienação religiosa comum às mulheres oprimidas. Ainda nesse mesmo ano publicou 'Deve-se Ensinar "Coisas de Mulheres" aos Meninos?' Uma fundamental reflexão sobre a divisão de gênero do trabalho e suas consequências na vida social.

Além disso, produziu 'O Partido Comunista e a Trabalhadora' em 1924, discutiu e colaborou para a organização Congresso das Operárias e Camponesas, discursou na Conferência Nacional das Mulheres Orientais em 1928, o que culminou na publicação do texto 'Caminhos para a Emancipação da Mulher Oriental'. Elaborou ainda o prefácio para a coletânea que descreve o legado de Lênin *Sobre a 'Emancipação da Mulher'*, publicado pela primeira vez em 1933, discorreu suas ideias no II Congresso de toda a União Soviética em 1935 ratificando que apenas no país dos soviets a mulher era livre e tinha direitos iguais. Em síntese: Krupskaya lutou para que as mulheres tivessem uma existência segura e digna, o direito ao voto e a serem candidatas, o direito ao divórcio, o acesso universal à educação gratuita, a salários iguais aos dos homens e pelo direito ao aborto livre e gratuito, juntamente com as companheiras de partido Alexandra Kollontai²⁴, Clara Zetkin²⁵, Inessa Armand²⁶ e tantas outras "estrelas vermelhas", lutaram para que a

²⁴ Nascida em São Petersburgo, em uma família aristocrática, foi escritora, jornalista, revolucionária e política. Filiou-se ao Partido Social-Democrata Russo em 1899, após testemunhar o Domingo Sangrento na Rússia, participou da revolução de 1905. Atuou no Comissariado do Povo para a Assistência Pública, em 1917, e foi a primeira mulher a ocupar cargo no governo. (SCHNEIDER, 2017, p.149).

²⁵ [...]Marxista, socialista e feminista alemã viveu no fim do século 19 e nas primeiras décadas do século 20. Foi, portanto, contemporânea da primeira guerra mundial, do período de unificação do Estado alemão, chamado República de Weimar, entre elas e, principalmente, da vitória da Revolução Russa, em 1917. Pode-se dizer que aproveitou o momento histórico em que nasceu para aderir, da maneira mais total e apaixonada, aos movimentos sociais e políticos de sua época, que, em algumas vezes, conseguiu fazer avançar significativamente. Algumas das teses feministas que defendia são válidas até hoje, mesmo quando muitas das causas pelas quais lutou já sejam vitoriosas (BADIA, 2003, p. 10).

discussão a cerca dos direitos das mulheres trabalhadoras se tornasse uma das pautas mais importantes do plano de governo soviético.

Os desafios e os enfrentamentos vivenciados por Krupskaya quanto à questão da mulher representam um reflexo do seu compromisso com o marxismo e a revolução socialista. Krupskaya era uma educadora, logo compreendia que para as mulheres se libertarem inteiramente do espólio patriarcal era necessário uma revolução para além da tomada de poder pelos bolcheviques e da emissão de decretos. Esses mecanismos eram fundamentais sim, mas ao longo de sua militância estudou que a questão da emancipação da mulher, quer seja no ocidente ou no oriente, não se daria isoladamente. Era preciso muito trabalho das ativistas, sobretudo do Departamento destinado à agitação, propaganda e ampliação do direito das mulheres, o *Jenotdiél*²⁷, mas principalmente, era essencial a tarefa de educar toda uma geração a partir do senso de coletividade com vista a uma plena emancipação humana.

“Não podemos abordar o tema da emancipação das mulheres como se fosse algo puramente jurídico. Devemos abordá-lo do ponto de vista de classe. É preciso organizar as ativistas entre os pobres.” (KRUPSKAYA, 2017, p.116).

Considerando os anos que antecederam a revolução bolchevique, “[...] numa população feminina de 63 milhões de mulheres não existia mais do que 6 milhões de assalariadas: nas cidades, 2 milhões num total de 8; nos campos 4 milhões num total de 55”. (ALAMBERT, 1986, p.57), sendo que essas, ainda sofriam discriminação e exploração em seus ambientes de trabalho e viviam sob a égide das legislações do patriarcado que ditavam as regras sobre a terra, a manutenção dos relacionamentos e a maternidade, intensificando a dependência econômica das mulheres.

Todavia, as contradições do modelo de família patriarcal que inicialmente excluía as mulheres do trabalho nas fábricas deixavam-as encurraladas, pois se o homem deveria ser o único provedor do lar e este trabalhava longas horas diariamente, restaria exclusivamente às mulheres, a responsabilidade dos cuidados domésticos e da educação das crianças.

A família patriarcal simboliza a dominação e a hierarquia do capital e reproduz

²⁶ Nascida em Paris, Armand foi feminista e política, tendo se destacado por sua intensa atuação como ativista bolchevique. (SCHNEIDER, 2017, p.223).

²⁷ Encontramos as seguintes grafias para o Departamento de Mulheres Trabalhadoras e Mulheres Camponesas criado em 1919: *Jenotdiél*, *Zhenotdel* e *Genotdel*.

internamente o controle de valores que são reforçados por instituições como a igreja e a escola. O domínio desse sistema de subjugação recai fortemente sobre a figura da mulher. Na sociedade capitalista, os arquétipos que constituem a família, escudam o modelo de divisão de classes e engessam os indivíduos, mantendo-os sob a autoridade 'incontestável' da hierarquia burguesa, colaborando para o fortalecimento da ideologia do capital.

Dito isto, reconhecemos que a sociedade russa também produzia e reproduzia a cultura patriarcal. Os homens mantinham o controle desde a família até a organização econômica estatal restando às mulheres apenas os cuidados com os filhos e com a casa, "[...] a mulher operária foi socialmente quase inexistente, e sua incorporação aos movimentos sociais emancipadores foi mais tardia que em outros países europeus (KOLLONTAI, 1978 p. 22)".

A família patriarcal representa uma amostra do capital, um forte instrumento controlado pelo Estado, cujo objetivo é reiterar seu complexo de valores. Entretanto, tais princípios e regras que compõem essa estrutura, não são permanentes, dado ao movimento das contradições sociais. Assim sendo, as crises no processo de reprodução do capital abriram espaços para incertezas e surgimento de enfrentamentos, dentre eles, a luta pela emancipação das mulheres.

Krupskaya analisou que as guerras colaboraram para trazer miséria e desamparo para as mulheres antes sustentadas pelos maridos, pais e irmãos. Elas foram forçadamente inseridas no trabalho fabril, quer seja para auxiliar no custeio dos gastos com os parentes que sobreviveram, como também para sozinhas manterem seus filhos órfãos e pais idosos, já que a manutenção da vida imposta pelo capital exigia a conservação do ciclo; trabalho, consumo e exploração.

Lenin, como grande líder na empreitada contra o fortalecimento do capital, compreendia que "onde existe o capitalismo, onde se mantém a propriedade privada das fábricas, onde se mantém o poder do capital, os homens seguem gozando privilégios" (LENIN, 1980, p.68). Destarte, inserir a questão da emancipação feminina no programa de governo soviético era urgente, visto que essa tarefa também demonstrava a diferença entre a democracia burguesa e a democracia socialista, contudo era imprescindível o desenvolvimento da grande indústria, pois esta criaria a base para a plena independência das mulheres. Neste sentido, também difundiu suas ideias através do artigo "Uma grande vitória da técnica", escrito em 1913.

[...] sob a influência do trabalho na fábrica, se ampliavam os horizontes da operária; como esta ia se transformando numa pessoa mais instruída e mais independente e como ia se liberando das travas da família patriarcal. (LENIN, 1980, p. 7).

Para as mulheres cujas famílias não foram aniquiladas pela guerra, o cenário de exploração também foi ampliado, uma vez que a inserção delas no mercado de trabalho não representou a divisão do trabalho doméstico com seus companheiros, mas a efetivação da ampliação de seus serviços distribuídos entre; a fábrica, os afazeres do lar e para uma grande parte, com a maternidade. Logo, - segundo o plano de governo soviético - a reestruturação da produção era principalmente indispensável às mulheres porque enquanto essa tarefa não fosse alcançada, por infelicidade dos moldes tradicionais imperativos ao capital, o trabalho doméstico sempre recairá sobre elas, pois a vida familiar nos padrões desse modelo social estava intimamente ligada aos serviços do lar.

Com a revolução surgiram novas demandas que envolviam as relações políticas e de produção. A princípio, o poder soviético tratou de revogar a legislação referente à liberdade da mulher, segundo Lenin (1980, p.69), “Na República Soviética não restou pedra sobre pedra de todas as leis que colocavam a mulher em uma situação de dependência.” Esperava-se que com a superação das diferenças de classes, consequentemente a desigualdade de gênero se tornasse ultrapassada. “Creio que a tarefa de todo o Estado operário que passe para o socialismo será de duplo gênero”. (LENIN, 1980, p.69).

Com efeito, é inegável que a camada mais atrasada da classe operária era constituída por mulheres, assim sendo, era imprescindível despertar a consciência da população feminina por artifícios práticos do partido soviético através da publicação de folhetos e artigos que traziam imagens de mulheres nas fábricas e textos reflexivos, tanto para instigar aquelas que dedicavam exclusivamente suas vidas às atividades do lar quanto para provocar o raciocínio daquelas que já trabalhavam na indústria, para que reconhecessem que no trabalho operário, a mulher sofria exploração ainda maior que os homens, porém era também fundamental o reconhecimento dos homens quanto à carga excessiva de trabalho das mulheres para que não contribuíssem com o abuso e unificassem as necessidades de toda a classe trabalhadora.

A tarefa de militar com o intuito de despertar a consciência e estimular a organização das mulheres foi bastante desenvolvida por Krupskaya e seu

companheiro. Para a educadora, era necessário em primeiro lugar, alfabetizar as mulheres trabalhadoras para que compreendessem a essência dos inúmeros panfletos e artigos produzidos pelas ativistas.

Dentre as publicações que Krupskaya e Lenin realizaram conjuntamente, destaca-se a “Mulher Operária” e, conforme Alambert, (1986 p.60) o texto carrega a responsabilidade de representar o “[...] primeiro livro a expor, do ponto de vista da social democracia revolucionária da Rússia, o problema feminino como parte integrante da causa proletária em seu conjunto”.

Figura 11 - Alfabetização de mulheres na escola de alfabetização do clube dos trabalhadores "Krasnaya Zvezda" (1923)



Já na obra do líder bolchevique “O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia” e no artigo “O capitalismo e o Trabalho da Mulher”, denunciou a humilhação e a exploração do trabalho feminino doméstico. No artigo “Projeto de Programa do Nosso Partido” discutiu a igualdade de direitos do homem e da mulher. Proclamou em vários discursos sua indignação sobre a inferioridade social feminina como na IV Conferência de Operários sem Partido da cidade de Moscou em setembro de 1919 quando admitiu que as mulheres, façam elas parte do partido ou não, têm seu lugar na consolidação econômica do poder soviético.

As mulheres que eram do partido deveriam prosseguir com a militância, e as mulheres sem partido, poderiam contribuir também com as atividades de organização das instituições coletivas. Esse posicionamento reflete o entendimento

de que a práxis da auto-organização como exercício da coletividade constrói a relação de pertencimento tão defendida por Krupskaya.

Os instrumentos materiais desenvolvidos pelo governo soviético para a libertação da mulher da escravidão do improdutivo e embrutecedor trabalho doméstico eram equipamentos como: refeitórios populares, creches, jardins de infância e lavanderias comunitárias dignamente subsidiadas pelo Estado.

Afirmamos que a emancipação dos operários deve ser obra dos próprios operários, e da mesma maneira a emancipação das operárias devem ser obras das próprias operárias. São elas quem devem preocupar-se em desenvolver essas instituições, e esta atividade da mulher conduzirá a uma mudança completa da situação na qual vivia na sociedade capitalista. (LENIN, 1980 p.72)

Segundo os revolucionários bolcheviques, demandas que foram por tanto tempo tidas como irreparáveis, a exemplo da divisão sexual do trabalho, têm soluções tão “simples” quanto transformadoras: implantar restaurantes, creches, jardins de infância e lavanderias populares seria um caminho possível, porém a questão não se encerrava na promoção da liberdade da mulher das tarefas domésticas através do uso dessas estruturas associada às legislações flexíveis. Era imprescindível o acesso das mulheres à educação, bem como a socialização do poder político para que tivessem espaço na vida pública e assim pudessem ocupar cargos de gestão.

A República Soviética, porém, propõe como tarefa principal de sua atividade política a luta contra os latifundiários e os capitalistas, a luta pela supressão da exploração. É lógico, portanto, que na República Soviética abra-se para as operárias o campo da atividade política, com a mulher ajudando ao homem com sua capacidade organizadora. (LENIN, 1980 p. 73).

No entanto, não podemos afirmar que essas intervenções foram analisadas e determinadas por um movimento de mulheres trabalhadoras, nem tampouco garantir que no pensamento de Lenin, “ajudar ao homem com sua capacidade organizadora” signifique encerrar a possibilidade de protagonismo feminino à condição de auxiliar das decisões masculinas. Segundo Alambert (1986), de acordo com o texto intitulado V.I.LENIN – “Emancipação ou Libertação da Mulher?” Lenin tem uma visão parcial da condição da mulher e para ele, a libertação da mulher deriva, na realidade, das decisões que os outros tomam por ela. Para a autora, a opressão sofrida pela mulher, fruto do modelo capitalista, estava além das relações de produção, eram também machistas e patriarcais. “A questão feminina surge como

fruto das decisões da política geral, no quadro do processo político que se segue à revolução” (ALAMBERT, 1986, p.61).

Para Krupskaya, a inserção da mulher na vida pública está inseparavelmente unida às questões referentes a uma maneira nova de organização da vida social sob o socialismo e, essa organização deve ser coletiva, fruto da resistência de mulheres e homens que compõem à classe trabalhadora;

A mulher trabalhadora é membro da classe operária, seus filhos e todos aqueles que são próximos a ela pertencem a essa classe, assim, tudo o que se refere à classe operária diz respeito a ela de forma direta e imediata (KRUPSKAYA, 2018, p.104).

No pensamento da revolucionária, a emancipação e autonomia das mulheres trabalhadoras estão relacionadas além da participação no trabalho socialmente produtivo com a tomada de consciência;

Compreendia Krupskaya que a solidariedade coletiva era também a relação direta entre emancipação do sujeito e de conscientização desse sujeito. Em termos muito próximos da defesa realizada por Louise Michel, Krupskaya considera que a conscientização do mundo e de si, através dos conteúdos historicamente acumulados pela sociedade e da compreensão de como essa sociedade desigual foi constituída, pode auxiliar na formação de sujeitos autônomos (LODI, 2016, p. 235).

Situamos ainda o senso de coletividade no pensamento de Krupskaya em relação à emancipação das mulheres. Ele se desenha a partir do reconhecimento de toda a classe trabalhadora de que são as mulheres trabalhadoras a parcela mais explorada da categoria e, no esforço conjunto para extinguir os aviltantes abusos que se erguem contra elas, tanto nas fábricas, quanto no campo e nos lares. Além da proteção do trabalho feminino através das legislações é necessário salvaguardar as mulheres quanto à maternidade, aos direitos políticos, a exploração sexual e aos interesses que lhe dizem respeito enquanto mulheres. Assim sendo, a coletividade para Krupskaya engloba as demandas da classe trabalhadora em sua totalidade. Logo, as dificuldades enfrentadas pelas mulheres, vítimas da herança patriarcal que estabelecem o trabalho doméstico e a criação dos filhos como tarefa de exclusividade feminina, devem ser uma preocupação a ser reivindicada e superada por todos os trabalhadores.

No pensamento de Krupskaya, a carência de apoio às demandas das mulheres trabalhadoras, a ausência de direitos e o descaso em relação às condições de subsistência das mulheres, representava um dano para toda a classe

trabalhadora, visto que enfraquecia o ativismo da luta pelo desmoronamento dos grilhões do sistema capitalista e distanciava a sociedade de uma vida baseada no senso de coletividade.

O entendimento de Saffioti (2013) converge com o de Krupskaya quando também esclarece que a questão da autonomia da mulher não é uma problemática isolada das consequências da sociedade de classes e que superar a opressão feminina só será possível com a destruição do regime que a naturaliza. A autora também ressalta que todo socialismo, tanto na forma utópica quanto científica, contribuiu na tentativa de mostrar à mulher os caminhos de sua libertação.

A experiência soviética demonstra que, se a libertação da mulher e sua consequente integração plena na sociedade não se realizou completamente sob o regime socialista, mas foi neste regime que ela atingiu seu maior grau. (SAFFIOTI, 2013, p.139).

Todavia é importante considerarmos que o posicionamento tanto de Krupskaya quanto de Lenin sobre a questão feminina está vinculado à situação histórico-política de sua época, e que aspectos relacionados ao machismo, tão impregnados à vida social das mulheres, inexistem de maneira direta em suas discussões, todavia atinamos como válidas suas contribuições para o debate em torno da restrição do trabalho doméstico como tarefa única do sexo feminino e também para a reflexão a respeito da postura dos homens quanto a essa situação: os homens não realizavam trabalhos domésticos porque estavam esgotados da excessiva jornada de trabalho ou essa tarefa era considerada inerente à condição de mulher?

Asseveramos que para manter a organização patriarcal são indispensáveis às desvantagens no processo competitivo entre os sexos que, entre tantos aspectos, reflete: nos salários, nos cargos, nas convicções do que é tido como vocação, nas responsabilidades com o lar, na educação dos filhos, no comportamento em público, dentre outras particularidades. Essas divergências resultam na exploração mais intensificada do trabalho feminino e acentuam as desigualdades de direitos entre homens e mulheres que, nas contribuições de Krupskaya, não devem ser analisadas de maneira isoladas, mas como parte integrante da conjuntura de exploração de toda a classe trabalhadora, o que pressupõe serem necessárias mudanças socioeconômicas e culturais conduzidas por indivíduos devidamente orientados por uma ideologia que trate com relevância a questão da exploração do trabalho. Para

Krupskaya, esta era uma tarefa para os marxistas que guiavam o Partido Comunista Russo; “é preciso apresentar-lhes a visão de mundo marxista de forma mais simples e compreensível” (KRUPSKAYA, 2018, p.106).

Sem perder de vista a condição singular da mulher, Krupskaya conjugou a ideia de emancipação feminina aos princípios socialistas que confrontam às relações de desigualdade entre homens e mulheres como fruto da conservação da estrutura de classe da sociedade capitalista, porquanto, a emancipação das mulheres é vista pela revolucionária como parte do processo de libertação dos trabalhadores e exige a auto-organização coletiva das massas;

[...] a emancipação das mulheres trabalhadoras está inseparavelmente ligada ao desenvolvimento do movimento trabalhista, ao fortalecimento do poder soviético, ao sucesso geral da construção do socialismo. (KRUPSKAYA, 2017, p. 112).

Krupskaya afincava em seu discurso que a divisão de classe também representa um forte elemento de subjugação entre as mulheres, dado que àquelas com poder aquisitivo elevado, pouco realizam atividades domésticas, pois possuem condições de custear esses serviços, na maior parte (para não dizer sempre), quem se encarrega dessa tarefa é outra mulher, porém pobre. “O caráter de classe dessa luta nunca, nem por um minuto, pode ser perdido de vista.” (KRUPSKAYA, 2017, p.117). Essa relação representa, dentre tantas, uma faceta silenciosa dos moldes capitalista na tentativa de culpabilizar as mulheres por esta segregação econômica e moral. Enfraquecendo, de modo alienante, a organização feminina.

A emancipação feminina é, pois, problema complexo, cuja solução não apresenta apenas uma dimensão econômica. Mesmo a mulher economicamente independente sofre, sua condição de mulher, o impacto de certas injunções nacionais e internacionais. Desde o desenvolvimento da indústria farmacêutica até as ideologias, tudo reflete na condição feminina. Eis por que qualquer ética socialista não pode perder de vista a condição singular em que tem lugar a existência feminina. (SAFFIOTI, 2013, p.135).

Somente o triunfo da classe operária poderia emancipar as trabalhadoras tanto operárias quanto camponesas. “O proletariado não pode lograr a liberdade completa sem conquistar a plena liberdade para a mulher.” (LENIN, 1980, p. 81).

Ciente dessa problemática, Krupskaya sustenta que as ciências biológicas nunca atestaram que na individualidade de um ser há pré-disposição, aptidões ou dom - como queiram usar o eufemismo mais adequado - para realizar trabalhos domésticos e que essa noção, apenas reforça o princípio de desigualdade entre homens e mulheres.

A líder bolchevique também denunciou o discurso dos homens que não abandonam seus privilégios, mas que declaram que realizar tarefas de casa é bastante honrado – “não se fere a dignidade ao varrer ou tirar o pó da casa!” – ratifica Krupskaya em seu artigo publicado na revista Educação Livre em 1910. Salienta que esse sermão descansa no berço da hipocrisia, visto que a maioria dos homens desprezam as atividades do lar e distinguem aquelas que o fazem como pessoas decadentes e incapacitadas ou até mesmo se sentem envergonhados quando raramente os praticam.

Todas essas conversas sobre a mulher ser “naturalmente predestinada” à execução dos afazeres domésticos são bobagens semelhantes ao discurso que, na época, os donos de escravos faziam sobre estes serem “naturalmente predestinados” à condição de escravos. (KRUPSKAYA, 2017, p.89).

Tendenciosamente o capitalismo naturaliza as diferenças construídas socialmente e até mesmo as famílias reproduzem essa divisão, inclusive com relação ao uso dos espaços da casa. Mulheres na cozinha – “um território somente delas, as panelas impecavelmente limpas e lustrosas representavam verdadeiros tesouros femininos”. Os meninos na sala ou no quintal, - quer seja para acompanhar as conversas dos homens adultos, brincar ou aprender algum serviço manual. Esse comportamento que encaixota meninos e meninas castrando suas liberdades, criatividade e potencialidades, no raciocínio de Krupskaya, deve ser inadiavelmente superado para que seja possível a edificação de hábitos para uma vida coletiva.

Contudo, Krupskaya engendra uma direção a fim de mudar o paradigma da “vocação feminina” para o trabalho doméstico através da educação coletiva e da escola livre, “A escola socialista é uma escola livre, onde não há lugar para o adestramento, quartéis e memorização” (KRUPSKAYA, 2017, p.75). É necessário ensinar coisas de mulheres aos meninos não somente para que realizem mutuamente as tarefas, mas para que se respeitem e se reconheçam no mesmo estrato social, e assim, se distanciem da visão preconceituosa sobre o vazio da honradez de quem realiza atividades do lar.

Reconhecemos em Krupskaya todo apoio ao projeto soviético quanto à construção dos equipamentos coletivos que auxiliariam na libertação da mulher, entretanto pontuamos que tais ações abririam caminho para a resolução de problemas gerais, mas não para o fim da exploração da mão de obra feminina no

que concerne ao trabalho doméstico, desse modo, a pedagoga confia à educação das crianças o caminho para a superação dessa opressão.

A escola livre é uma ardente defensora da educação coletiva, uma vez que considera que o trabalho coletivo e as condições iguais de desenvolvimento favorecem a compreensão mútua e a aproximação espiritual dos jovens de ambos os sexos e, assim, servem de garantia para relações saudáveis entre homens e mulheres. (KRUPSKAYA, 2017, p. 90).

Apreendemos em Krupskaya que o maior legado da alternância da realização das atividades entre meninos e meninas é a possibilidade de construção de uma nova concepção da relação homem e mulher. É revelar habilidades de ambos, assentir a condição da classe e ensiná-los a não subjugarem o trabalho e nem desdenharem quem o faça. A intenção não se resume em igualar as atividades domésticas, mas alforriar os sujeitos a partir da transferência para o Estado da responsabilidade de promover as condições materiais para a manutenção da vida digna.

Além de reclamar a urgência da emancipação das mulheres, como uma boa comunista, Krupskaya defendia uma mudança abrupta nos padrões sociais, políticos, econômicos e culturais. Principalmente sobre questões que são socialmente colocadas como particularidades femininas, porém cabendo às mulheres, unicamente a culpa ou a aceitação das soluções, a exemplo, destacamos a prostituição e a maternidade. Trazer lado a lado esses exemplos não é, obviamente, com a intenção de relacioná-los, pois essa injunção corroboraria com a ideia perversa de que a prostituição é uma escolha das mulheres que simplesmente apreciam a depravação e, a maternidade, uma consequência de sua libertinagem.

Krupskaya considerava que devido às péssimas condições de vida consequentes das incessantes guerras, a maternidade acabava não ocupando um lugar apropriado na vida da mulher, “A miséria força a mulher a se vender, e quem se vende não são prostitutas, que fazem disso a sua profissão, mas mães de família, muitas vezes pelos filhos ou pela mãe idosa.” (KRUPSKAYA, 2017, p.95).

Herança perversa das desigualdades econômicas e sociais, a prostituição representa uma das formas mais odiosas da exploração da mulher e representa um dos maiores desafios a sua liberdade. A prática desse tipo de violação é secular e ganhou nas referências dos moldes do capital, convencionalidade, resguardo e apatia. No Manifesto do Partido Comunista, Marx e Engels asseveram que:

Para o burguês, sua mulher nada mais é que um instrumento de produção. Ao nos ouvir proclamar a necessidade de os instrumentos de produção serem explorados coletivamente, só podem concluir que o processo coletivo será extensivo às mulheres. Não se dão conta de que se trata exatamente de acabar com a situação da mulher como mero instrumento de produção. (...) De resto, é evidente que, com a abolição das relações de produção atuais, a comunidade de mulheres que deriva dessas relações, isto é, a prostituição oficial e não oficial, desaparecerá (MARX [et al], 2008, p. 29).

Levando em conta que a guerra e a miséria não devem soterrar as relações humanas e, que tem de ser dever do Estado, reconhecer a prostituição também como uma cruel exploração fruto das desigualdades econômicas da estrutura capitalista para assim prover as condições necessárias com o objetivo de livrar às mulheres de tal humilhação, Krupskaya pondera;

Como ajudar a mãe que se curva sob o peso de procriar, nutrir e educar? A resposta é clara: é preciso que o governo não só cuide da mulher durante a gravidez, o parto e o puerpério, mas crie dezenas de milhares de creches, jardins de infância, colônias e alojamentos infantis, em que as crianças possam receber cuidados e alimentação, possam viver, desenvolver-se, estudar em condições dez vezes melhores do que e as que a mãe carinhosa poderia lhes proporcionar com o seu esforço individual. (KRUPSKAYA, 2018, p.95).

Krupskaya também debateu nas primeiras décadas do século XX a respeito da autonomia da mulher quanto à temida gravidez não planejada. Ressaltou que era imperativo reconhecer que há uma clara diferença entre a visão do que seja aborto e infanticídio, destacando que há acentuação desses contratos dependendo da camada social em que as mulheres estejam inseridas, pois para a sociedade, a mulher infanticida era aquela que abandonava a criança a sua própria sorte, muitas vezes em orfanatos destinados a filhos bastardos de empregadas domésticas. As mulheres sofriam esse julgamento porque as crianças eram exploradas e comumente morriam vítimas de maus tratos nesses espaços. Já as mulheres que praticavam o aborto - ato considerado ilegal e bastante dispendioso, porém habitualmente realizado entre mulheres ricas e com apoio médico, estas não eram consideradas infanticidas. Fazemos aqui uma pergunta retórica: quem eram as mulheres que não podiam custear o procedimento e, obrigadas a levar a gestação adiante teriam como única saída entregar o filho aos orfanatos? As infanticidas! Pobres mulheres que também eram mulheres pobres. Krupskaya observou que carregar socialmente a chaga do aborto era também uma questão de classe.

Destacamos a atualidade da questão discutida por Krupskaya ainda em 1920, visto que mesmo após um século deste debate, as mulheres, sejam elas meninas ou adultas, até este momento, ainda são alvos da intolerância e da crueldade dos que se autoproclamam defensores da moral e da vida, porém, como são reles fundamentalistas, nada o fazem para que a vida exista de forma digna.

É imperativo reconhecer que são imensas as contradições entre a participação da mulher na vida social, suas condições reais de autonomia e as singularidades orgânicas tradicionais/consagradas, pois não apenas o trabalho doméstico prendia a mulher a casa, mas também as particularidades do comportamento dos homens no cotidiano e das ações atribuídas a elas dentro das relações de produção.

Colaboravam para o distanciamento da conquista da liberdade feminina, o cárcere domiciliar; as leis injustas que as impediam de se divorciarem e de terem sua própria terra, a discriminação dos salários, o analfabetismo e a alienação religiosa. Krupskaya observou que os mecanismos para a emancipação da mulher não poderiam ocorrer de forma homogeneia em todas as partes do mundo, pois a exploração acontecia de maneiras diferentes, a depender do lugar e da cultura as quais a mulher estava inserida socialmente. Era preciso observar o trabalho desenvolvido por essas mulheres em diferentes sociedades, pois através dele, seria possível a organização das massas;

Parece-me que o cerne da emancipação da mulher – e essa questão se insere na linha geral da construção da nova vida – é também uma questão de organização, e aqui não podemos escapar do ponto de vista de classe. (KRUPSKAYA, 2017, p.118).

O posicionamento da líder bolchevique nos parece claro: a organização das massas de trabalhadores e a luta pelo fim de qualquer forma de exploração imposta às mulheres pelos arranjos capitalistas deveriam ter para o poder soviético, principalmente àqueles que estavam na linha de frente da estruturação da sociedade socialista, a mesma importância que a luta contra os latifundiários.

Verificamos que Krupskaya não almejava apenas que as mulheres conquistassem espaços mais notórios na vida pública ou ambientes mais cômodos na rotina doméstica, contudo, ansiava que tanto os homens quanto as mulheres compreendessem que a organização desses espaços, certamente é fruto da exploração do trabalho de toda a classe trabalhadora e por isso precisavam de uma

reforma social revolucionária e conjunta, portanto, baseada no senso de coletividade.

Não se encontram em Krupskaya uma defesa sexista de sociedade, pelo contrário, a militante demonstrou preocupação quanto à construção da autonomia dos sujeitos perante o coletivo. Para além da reivindicação do “rótulo” de feminista para Krupskaya, reputamos que, sendo a exploração do trabalho da mulher o cerne das relações de sua opressão e que Krupskaya dedicou toda a sua vida a militar por uma sociedade coletivista ancorada em uma perspectiva materialista, cujo horizonte para a ação política é a luta pela emancipação humana, podemos sim, considerá-la um grande nome do feminismo e do enfrentamento pela emancipação das mulheres de sua época ao lado das gloriosas feministas como Kollontai, Clara Zetkin e Rosa Luxemburgo.

Krupskaya é também uma sólida referência para as questões que em nossos dias são objetos de redefinições, visto que a luta pela autonomia das mulheres atravessa gerações e segue o movimento das contradições.

Os bolcheviques assentiram que as mulheres precisavam ser politizadas, ter acesso à vida social, ocupar cargos públicos, salvaguardar a maternidade, construir equipamentos para coletivizar atividades antes praticadas somente nos lares, porém até mesmo os homens ditos “esquerdistas”, não reconheceram de imediato que, ainda que o poder soviético promovesse tão importantes mudanças a fim de contribuir para a emancipação das mulheres, era preciso abandonar privilégios remanescentes do patriarcado, pois de nada adiantava, lutar para que homens e mulheres trabalhassem nos mesmo setores e com salários iguais nas fábricas, mas ao retornar para casa, não dividir tarefas como varrer, lavar a louça, dar banho e alimentar as crianças. Dito isto, asseveramos que a noção de uma educação baseada no senso de coletividade era no pensamento de Krupskaya um elemento de transfiguração social.

É possível que nada revele tão explicitamente o quanto avançamos do que a situação das mulheres. Mas, quanto mais longe chegamos, mais evidente se torna a insuficiência do que foi feito. O crescimento do movimento de trabalhadoras está, por si só, intimamente ligado a todo nosso avanço e construção. (KRUPSKAYA, 2017, p.109).

Após mais de 10 anos da Revolução de Outubro, em seu discurso na Conferencia Nacional das Mulheres Orientais em 1928, Krupskaya destacou que para trilhar o caminho da emancipação da mulher oriental era preciso dar mais

importância em “criar uma militância interessada na questão de classes” (KRUPSKAIA, 2017, p.117).

Não deve limitar-se ao 8 de março, mas ser constante. Além disso, não deve ser direcionada apenas às mulheres, e sim em maior medida e com mais força à população masculina. Considero necessário que nas *sovpartchkola**, nas escolas regulares, nos cursos de ciências sociais correspondentes haja uma seção dedicada à emancipação das mulheres, aos caminhos para a concretização, à necessidade de que qualquer trabalhador consciente, qualquer cidadão consciente lute por ela. (KRUPSKAYA, 2017, p.11).

Com o olhar da grande educadora que é, teceu ainda considerações sobre a importância do acesso de mulheres trabalhadoras à arte, pois identificou o papel organizador do saber artístico. Orientou que as mulheres frequentassem os clubes de cinemas e os espetáculos de teatro e que nestas manifestações culturais deveria ser discutida a questão da emancipação da mulher com clareza, principalmente porque há tempos as igrejas atraíam e, em maior número, mulheres analfabetas por meio do apelo dos discursos de paz, dos cânticos e dos adornos decorativos dos templos: estes por alguns instantes, como “entorpecentes ideológicos”, aliviavam a escravidão doméstica, mas o que realmente preocupava era a manipulação empregada para convencer as mulheres que o trabalho doméstico, ainda que penoso, era o legado da “mulher de família”.

Como destacou Krupskaya, há mais de um século, existem ainda muitas dificuldades a serem superadas para a plena libertação feminina em relação à histórica opressão familiar “[...] as mulheres estão soterradas até o pescoço pelo trabalho em casa, pelos afazeres domésticos, pelo cuidado com as crianças [...] que não lhe permitem nem em pensamento deixar o fogão, a pia, os filhos. (KRUPSKAYA, 2017, p.103)”. À vista disso, admitiu que os limites de liberdade das mulheres são resultantes da herança capitalista, tanto na estruturação da família quanto na divisão social do trabalho e, por esta razão, lutou pela organização da classe trabalhadora rumo à superação do capitalismo, somando esforços para a constituir uma sociedade coletivamente emancipada.

3 KRUPSKAYA E A EDUCAÇÃO SOVIÉTICA

A proposta pedagógica de N. Krupskaya reflete uma expressão educativa de base marxista, visto que aloca a emancipação humana como produto da profunda transformação social advinda do movimento radical da classe trabalhadora. O novo homem será/é fruto da educação intelectual e das experiências decorrentes da prática revolucionária oriunda da formação baseada no senso de coletividade que representa, nessa investigação, o cerne das ideias pedagógicas da militante e, para Krupskaya, o horizonte a ser perseguido numa sociedade dita comunista.

A categoria da coletividade, cuja primazia é do coletivo sobre o individual, contudo, sem excluir as especificidades de cada indivíduo, embora façam parte do conjunto, concebe o trabalho como fortalecedor da camaradagem entre os indivíduos e tem a escola do trabalho como esteio do desenvolvimento multilateral para a construção de uma sociedade autônoma. Tencionamos explicitar que esta concepção se distribui pela extensa obra de Krupskaya.

Para correlacionar as ideias que nortearam a ação pedagógica e militante de Krupskaya, organizamos suas produções em seções temáticas que surgiram com frequência nos escritos que investigamos, por exemplo, a questão das mulheres trabalhadoras, os ensinamentos de Marx como guia de ação, assim como as orientações que conduziram o *Narkompros* que, nos dizeres de Freitas (2017), teve “sua época de ouro” entre (1917-1929)²⁸. Localizamos também textos que traduzem os discursos realizados em diferentes contextos, as elaborações de prefácios, as correspondências²⁹ que nos aproximam do pensamento e da experiência da revolucionária entre (1898 -1915) e as produções que destacam o legado leninista. Pontuamos que, embora parcialmente, a obra de Krupskaya tenha sido traduzida para o português, espanhol, inglês e francês, todavia nos reportamos apenas aos textos em língua portuguesa e espanhola. Desta forma, o quadro abaixo apresenta

²⁸ N. K. Krupskaya foi uma forte liderança no grupo que formulou as concepções e práticas para as mudanças educacionais do período inicial da Revolução Russa, e que orientaram a política educacional do então Comissariado do Povo para a Educação, o Narkompros. Este período (1917-1929) é considerado a época de ouro da Revolução Russa, pela força e originalidade das suas formulações. (FREITAS, 2017).

²⁹ O conjunto de Cartas de Krupskaya que marcam a transição do século XIX para o século XX, relatam parte do cotidiano dos revolucionários o que nos leva a acreditar na possibilidade de se aproximar e dialogar com o pensamento da revolucionária, e como estes reverberam na sua pedagogia (FREITAS, 2019, p.55).

as diversas publicações³⁰ que serviram de aporte teórico para embasar a investigação.

Quadro 1 - Publicações investigadas

Prefácios	Legado leninista	Discursos
Prefácio - Educação Pública e Democracia (1915). v.1.	Como viveu Lenin no exterior (1922) Lenin: sobre educação e o professor público (1927)	Comunicado às operárias e camponesas sobre a morte de Lenin (1924)
Prefácio - O legado de Lenin sobre a emancipação da mulher (1933)	Dias de Lenin (1931) O papel de Lenin na luta pela escola politécnica (1932)	Caminhos para a emancipação da mulher oriental (1928)
Como Lenin estudou Marx.	Lenin como propagandista e agitador (1933)	Apenas no país dos soviets a mulher é livre e tem direitos iguais (1935)
Prefácio - Os dez dias que abalaram o mundo (1919)	Lenin e a moral comunista (1937)	Fragmento do Discurso pronunciado no VI Congresso das Juventudes Comunistas da Rússia. (1924)
	Lênin e a politecnia (19--)	
Orientações ao Narkompros (1917-1929) ³¹	A questão da mulher Trabalhadora ³²	Traduções para o Espanhol
Materiais para revisão do programa do partido (1917). v.2	A Mulher e a educação das crianças (1899) v.1	La unión de la juventude (1917)
Sobre a questão da escola socialista (1918)	Deve-se ensinar “coisas de mulher” aos meninos? (1909-1910)	Acerca de la educación pré-escolar (1973).
A questão da educação comunista. (1921). v.2.		Guerra e Maternidade (1920)
Sobre a questão da educação comunista da juventude. (1922)	A trabalhadora e a religião (1922)	La educación laboral e la enseñanza, (1986).
	O Partido Comunista e a trabalhadora (1924)	La educacion de la juventud. 19--.
As tarefas da escola de primeiro grau. (1922). v.3.	A religião e a mulher (1927)	Acerca de La educacion comunista: artículos y discursos. Moscú: Ediciones em lenguas extranjerias, 19--.
Auto-organização escolar e organização do trabalho. (1923). v.3.	As operárias e camponesas nos conselhos (1927)	
Sobre os complexos. (1925)	Sobre o congresso das operárias e camponesas (1927)	Lenin (Recuerdos)
Sobre a questão do trabalho socialmente necessário da escola. (1926). v.3.		Mi vida com Lenin (1893-1917). Santiago de Chile: Ediciones Ercila, 1937.
Sobre o Politecnicismo. (1929). v.4.	Emancipação da mulher oriental (1928)	

³⁰ [...] o conjunto de seus escritos encontram-se em edições distintas e em fragmentos de revistas e periódicos, por exemplo: a) Obras pedagógicas de Krupskaya em dez volumes, Moscou, Academia de Ciências Pedagógicas da RSFSR (República Socialista Federativa Soviética da Rússia)114; Obra Pedagógica de Krupskaya em seis volumes. (Academia de Ciências Pedagógicas SSSR)115; Produções do Instituto Marxismo-leninismo; Seção francesa e diversos textos em inglês e espanhol (FREITAS, 2019, p.82).

³¹ Escritos selecionados traduzidos por Natalya Pavlova e Luiz Carlos de Freitas. Publicado pela Expressão Popular.

³² Escritos selecionados traduzidos por Priscila Marques. Organizados por Graziela Schineider. Publicado pela Boitempo.

Cartas	Marx como guia de ação	Outros
Carta a Gorki (1932)	A escola politécnica e a organização dos pioneiros (1932)	A transformação da escola de ensino em escola do trabalho: sua inevitabilidade (1915)
Cartas de Krupskaya (1898 -1915)	Marx e a educação comunista da juventude (1933)	O que o professor deve dominar para ser um bom educador soviético (1933)
Carta aos Operários e Operárias da Fábrica “As Três Montanhas” (1933)	Os ensinamentos de Marx para o educador soviético: Guia para a ação (1938)	Por uma educação internacionalista (1934)

Fonte: Elaborado pela autora.

3.1 A marxista da práxis social

No início do século XX, os pedagogos soviéticos debateram e enfatizaram a contribuição de Karl Marx para uma reforma radical na esfera social e consequentemente na educação. Formularam uma teoria educacional que abarcasse tanto os princípios de uma pedagogia comunista quanto o debate da sociabilidade instaurada a partir do capitalismo.

Neste aspecto, Krupskaya cooperou ativamente. Foi uma grande estudiosa dos propósitos das escolas europeias e americanas questionando seus métodos de ensino e o sentido do trabalho na produção das relações sociais. Como uma pedagoga da práxis social, reconheceu o poder de subjugação intelectual dessas escolas e criticou incessantemente o fato de ignorarem os interesses dos estudantes com o propósito de afastá-los da vida real, das contradições e lutas, impondo-os os objetivos da burguesia.

Na tese de C. Freitas (2020) intitulada de ‘Por uma pedagogia da práxis! A pedagogia soviética enquanto alternativa histórica’, a autora examina os fundamentos ontológicos da pedagogia soviética, seus desdobramentos e limites, assim como, investiga também, os termos utilizados e suas implicações para designar a teoria pedagógica planejada para/na experiência bolchevique. A pesquisadora constata que na literatura brasileira atual é mais comum o uso da expressão pedagogia socialista, apesar de que na literatura internacional prevaleça o uso do termo pedagogia soviética em alusão ao período de experiência dos pedagogos revolucionários.

Baseada nos escritos de ROSSI (1981) ressalta que, embora muitas teorias desenvolvidas entre os séculos XV e XVI, XVIII a início do século XX, apontem para uma concepção pedagógica voltada para o trabalho, principalmente por tentarem conjugar trabalho e instrução, pontua que há pedagogias que, pelo caráter liberal, ocupam-se em alinhar a proposta educacional às demandas dos Estados nacionais e, “não reconhecem o caráter de classe da educação, portanto, o máximo que conseguem é perspectivar uma formação técnica, diga-se, profissional.” (FREITAS, C., 2020 p. 85). Essa compreensão de uma pedagogia voltada para o controle das massas e para a mera preparação profissional não se aplica as concepções pedagógicas desenvolvidas por Krupskaya, pois se posicionou contra ao que chama de “laboratórios para formação de servos da burguesia”. Para ela, as escolas deveriam ser um local de desenvolvimento de uma nova concepção de sociedade.

Salientamos que não é objetivo nosso analisar as repercussões nas quais se desdobram as variadas concepções de socialismo, nem tampouco discutir, como fez Tonet (2016) no artigo “Marxismo, educação e pedagogia socialista”, que aponta para ser equivocada a formulação de uma teoria educativa socialista, apesar de indicar as contribuições dos fundamentos desta pedagogia para a educação geral relacionando-as para uma prática do processo educativo como:

[...] à natureza da sociedade, do ser humano, do processo histórico, das consequências da propriedade privada e da existência das classes sociais, do processo de exploração do homem pelo homem [...].(TONET apud FREITAS. C. 2020, p.88).

Com efeito, ressaltamos que a temática nos chamou atenção por ter sido Krupskaya umas das organizadoras dos fundamentos pedagógicos elaborados para a sociedade em gestação à luz do socialismo e, baseados nessa questão, pontuamos que os mais de vinte textos traduzidos por Freitas e Caldart (2017) que compõe a imprescindível coletânea de publicações de Krupskaya tenha sido intitulada de “A **Construção** da Pedagogia Socialista”, para possivelmente alertar que uma pedagogia de fato revolucionária seja erguida em projetos efetivados historicamente e que considerando o contexto de sua estruturação, ela se deu, conforme destaca o artigo “A Coletividade como Práxis Pedagógica em Krupskaya”³³

³³ Artigo que compõe a coletânea Canto do Assum Preto. Essa coletânea contribui para formação de uma nova cultura, com suporte, sobretudo, em Lênin, Gramsci e Krupskaya, sem o descuido da base materialista-histórica, permitindo leitura crítica e radical da realidade, aprendendo seus nexos, transformações e movimentos contrários. Ademais, com arrimo na teoria social e luta política e esteados na crítica ontológica à sociabilidade burguesa, intensifica denúncias do caráter destrutivo do capitalismo como momento de uma velha continuidade: acumulação do capital e da fetichização das

“nos conflitos diários da lida com os educandos e nas contradições entre a velha educação czarista e a nova educação socialista”. Essa concepção ajusta-se ao pensamento da autora que investigamos e também;

[...] reafirma a assertiva marxista de que as condições para o socialismo precisavam ser engendradas no seio do capitalismo, assim mesmo, o acesso à educação capitalista, com toda a sua contradição, é necessária. Logo, a classe trabalhadora precisa se apropriar desta educação, para a viabilização e organização de um projeto histórico vistas à emancipação humana, que exige, por sua vez, uma tomada de consciência de classe. (FREITAS, C., 2020, p.103).

A Pedagogia experienciada por Krupskaya como alternativa à sociabilidade burguesa se compromete com a emancipação do trabalho e para fortalecer a escola como locus da formação multilateral, portanto pode ser considerada socialista e, a julgar pelo caráter marxista, asseveramos que não é de qualquer trabalho que esta pedagogia se ocupa, mas do trabalho que é ao mesmo tempo socialmente produtivo, consciente e emancipador. Quanto ao caráter classista da escola, Krupskaya nos norteia que; “o que torna a escola socialista não é o fato de ser liderada pelos socialistas, mas sim que suas metas correspondam às necessidades da sociedade socialista” (KRUPSKAYA, 2017, p.76).

Em homenagem ao centenário da revolução russa, Freitas (2017) ao traduzir e organizar para a língua portuguesa escritos de Krupskaya, conta-nos que a pedagoga escrevia de forma simples e direta, visto que seu principal objetivo era atingir a massa de trabalhadores, sendo grande parte composta por analfabetos, e também ser compreendida pelos educadores, uma vez que fazia parte de sua concepção pedagógica uma reorientação dos conteúdos e dos métodos de ensino, assim como mudanças na finalidade da escola que deveria converter-se de uma mera escola de ensino para a escola do trabalho.

Ao perceber que a burguesia se interessou pelo controle da escola pública, inclusive tornando-a obrigatória, Krupskaya alerta para o valor mercantil incutido no processo de alfabetização ofertado às massas, principalmente em países já industrializados, pois além de assimilarem conteúdos elementares, também absorviam a ideologia capitalista tanto através do fomento ao chauvinismo quanto por meio do apelo à religião.

[...] governar massas alfabetizadas é mais fácil do que lidar com pessoas que não são capazes de ler os regulamentos internos ou ordens do governo, que não podem assinar o seu nome, que são incapazes de fazer um cálculo mais simples. E quanto mais o país é industrializado, maior quantidade conhecimento é exigida de operários e camponeses (KRUPSKAYA, 2017, p. 67).

No início do período pós-revolucionário a alfabetização das massas se colocou como tarefa central, especialmente, para Krupskaya, Pistrak e Makarenko. Capriles (1989, p. 18) destaca que “a Rússia era, especialmente no setor da educação, um dos países mais atrasados do mundo. A maioria da população era analfabeta”. Promover uma política de instrução pública para modificar essa herança do czarismo foi um dos principais objetivos dos integrantes do *Narkompros*.

Ciente da importância da leitura da palavra para o entendimento das questões sociais, nossa pedagoga trabalhou incessantemente na base do desenvolvimento sociocultural objetivando a erradicação do analfabetismo, dado que numa sociedade de classes a escola representa, nos dizeres de Krupskaya, um elemento de subjugação intelectual.

Seu trabalho pelo fim do analfabetismo teve início com as aulas noturnas aos operários e seguiu com a experiência da escola livre de *Longjumeau* e, após a Revolução de Outubro, com forte atuação junto aos pioneiros e *konsomoles*. Integrou ainda o comitê pela erradicação do analfabetismo e apoiou o Decreto que propôs em 1918, uma mobilização daqueles que sabiam ler e escrever para colaborar com o processo de alfabetização das massas.

Os bolcheviques, além de decretaram em 1919 a prioridade quanto à erradicação do analfabetismo no plano de governo, conceberam condições materiais para a alfabetização compulsória da população russa, dentre as medidas destacam-se a redução da carga horária de trabalho, a otimização dos espaços para alfabetização, além de estruturar salas destinadas para este fim. Krupskaya trabalhou ativamente na campanha pela alfabetização, empregando, por exemplo, seu saber pedagógico na constituição de cartilhas para os operários e soldados. (CAPRILES, 1989).

A educação pública e laica esteve no centro das atenções da União Soviética, pois mesmo enfrentando um contexto de guerra civil, fome, miséria e violência, desenvolveram estratégias para a erradicação do analfabetismo e à formação política do povo.

Anos mais tarde, à frente da organização do sistema educacional soviético, elegeu a criação de bibliotecas como um instrumento político para conscientização popular quanto às tarefas pós-revolução na construção da sociedade socialista. Para ela, o uso coletivo de livros era uma forma de preparar intelectualmente os trabalhadores para assumirem o poder.

Logo, teve grande influência na concepção do poder soviético quanto às bibliotecas fazerem parte de sua infraestrutura ideológica e também para a ampliação desses equipamentos tornarem-se uma das principais ações do Estado. Conforme Muñoz (2014, p.6) em seu artigo "Nadezhda Konstantinovna Krupskaya: Feminista e Bibliotecária" o objetivo das bibliotecas no sistema soviético era sobretudo, "facilitar a mobilização das massas trabalhadoras, servir de guia de leitura para a educação comunista e aumentar o nível cultural, facilitando assim o domínio da teoria marxista-leninista".

Figura 12 - Cartaz de 1920: "O que a Revolução Russa deu às mulheres³⁴,"



Fonte: Mulher, Estado e Revolução. Goldman (2014).

O reconhecimento do trabalho de Krupskaya nessa frente proporcionou à revolucionária a reputação de ser a precursora da biblioteconomia na Rússia. C. Freitas (2020) destaca que além do grande aumento do número de matrículas, cresceu consideravelmente o número de pessoas com formação superior e

³⁴ Ao fundo, lugares como uma biblioteca, uma escola e um centro de empregos (GOLDMAN, 2014, p.93).

Capriles (1989) ressalta que no contexto da Guerra Civil, foram editados 115 mil livros dos clássicos da literatura russa.

Silva (2012) no artigo *“Uma mulher, a biblioteconomia e as bibliotecas soviéticas”* realça:

[...] a contribuição e a influência da educadora Nadezdha Konstantinovna Krupskaya[Sic] no desenvolvimento da biblioteconomia, dos bibliotecários e das bibliotecas soviéticas com o objetivo de melhorar o nível educacional de seu país através do incentivo à leitura, da expansão das bibliotecas e da melhoria na formação dos bibliotecários como ferramentas de transformação da sociedade. (SILVA, R., 2012, p. 01).

Krupskaya por seus serviços prestados recebeu a medalha de melhor professora e bibliotecária da União Soviética, visto que contribuiu fortemente para uma revolução cultural cujo foco era possibilitar que os trabalhadores também pudessem ser ávidos leitores, assim como ela, desde a juventude, teve a oportunidade de conhecer as ideias do pensador, literato e anarquista Lev Tolstói que também foi responsável por influenciar a construção de seu pensamento revolucionário. O propósito de Krupskaya era também legitimar o papel dos livros na educação política do novo homem.

Figura 13 - Medalha N. K. Krupskaya



Fonte: http://ciml.250x.com/archive/ussr/krupskaya/portuguese/krupskaia_portuguese.html

Tendo em vista que a educação dual é produto da sociedade de classes, destacamos também o trabalho de Krupskaya pela superação da dicotomia histórica entre trabalho manual e trabalho intelectual. E este se constitui um dos principais interesses da teoria educativa concebida no seio e a partir da revolução de outubro. Krupskaya nos direcionar a refletir que “a educação continuará sendo um privilégio

da classe burguesa até que as finalidades da escola sejam alteradas” (KRUPSKAYA, 2017, p.70).

Figura 14 - Krupskaya em campanha pelo fim do analfabetismo (1937)



Nesta foto Nadezhda Krupskaya está em pé a esquerda. Acima dela está escrito na faixa: “Operários e camponeses, construam a sociedade. Abaixo o analfabetismo (Krupskaya)”.

Fonte: 100 Anos da Revolução Russa: a Transição Socialista como Atualidade Histórica (2017).

Concomitante a experiência de educação soviética, aflora-se uma nova concepção para a pedagogia do trabalho, que tem o trabalho como princípio educativo, pois a formação se dá no trabalho e para o trabalho emancipado. Sendo assim, práxis é também princípio pedagógico. Krupskaya (2017) questiona em que consiste a preparação para o trabalho ofertada na sociedade capitalista, pois para ela:

Os países capitalistas avançados estão começando a prestar mais atenção à produção de trabalhadores preparados multilateralmente para o trabalho: eles organizam escolas profissionais de todos os tipos, cursos no turno e outros. Na medida em que cresce a demanda por trabalhadores qualificados, quer-se transformar o ensino técnico em ensino geral, e começam a uni-lo com o ensino básico, com a finalidade de reformar a escola pública. (KRUPSKAYA, 2017, p.37).

Para barrar o avanço dos ideais capitalistas no âmbito educacional, somente uma revolução da classe trabalhadora e esta deveria ser orientada por uma teoria cuja visão do mundo seja materialista e que atenda plenamente aos interesses dos trabalhadores. Sendo assim, em seu artigo “Marx e a educação comunista da

juventude”, Krupskaya descreve algumas medidas que foram indicadas por Marx em *O Manifesto Comunista* que estão relacionadas à educação e indica o que o proletariado precisará considerar quando estiver no poder: São elas: “[...] educação pública e gratuita para todas as crianças. Eliminação do trabalho fabril das crianças na sua forma atual e combinação da educação com a produção industrial” (KRUPSKAYA, 2017, p.191).

O aporte teórico das contribuições de Marx para a educação não foram sistematizados e dispostos em uma obra específica, “[...] sabe-se que o fundador da filosofia da práxis não se ocupou direta e especificamente da elaboração teórica no campo da educação” (SAVIANI, 2011, p.17). No entanto, pretendemos refletir acerca do princípio educativo da práxis como integrante do seu programa de formação que serve, nas palavras de Krupskaya, como um “guia de ação” para a construção da pedagogia soviética. Muito embora a temática educacional não tenha sido explicitamente a centralidade do debate das ideias discutidas por Marx, sua obra é de grande contribuição para a educação, pois sua análise articula educação e suas potencialidades para emancipação humana no movimento das contradições sociais.

Concordamos com Sousa Jr. (2009) em seu artigo “O programa marxiano de educação e o fundamento da práxis”, quando pontua que basicamente a partir de três elementos, especialmente destacados, que se encontra a síntese do programa de educação marxiano: o trabalho, a escola e a práxis político-educativa, o que converge com o pensamento de Marx e Engels quando associam as formulações de ensino com eixos integrantes da politecnia, conforme destaca Manacorda (1991, p. 27) “[...]: ensino intelectual; Segunda: educação física nas escolas [...]; terceira: adestramento tecnológico que transmita os fundamentos científicos gerais de todos os processos de produção [...]”.

Na trilha da tradição marxista, Krupskaya compreende que a centralidade de um sistema educacional deve objetivar também superar a lógica do capital e assim, buscar a transição para o socialismo pelo viés revolucionário que deve ser analisado do ponto de vista do materialismo histórico;

O materialismo histórico é de grande importância no sentido de que ele não só descreve os acontecimentos históricos, mas ele explica as razões, e com isso, leva a uma compreensão da realidade para entender como por quais caminhos pode-se transformar o mundo capitalista em socialista, para entender o socialismo. (KRUPSKAYA, 2017, p. 246).

Giancaterino (2010, p.14) expôs que Marx contribuiu para a educação do

homem moderno em sua teoria educacional, o marxismo, combinando a teoria e a prática e apresentando aos aprendizes a necessidade crucial da atividade racional num sentido de responsabilidade social necessária para uma existência mais humana.

Destarte, para analisar a educação no modo de produção capitalista sobre o prisma marxista, é necessário considerar o abismo existente entre a educação ofertada para a burguesia e para os trabalhadores, como também o projeto de educação destinado ao proletariado (LOMBARDI, 2010). Dito isto, é inescusável admitir que, na sociedade de classes, a educação é organizada para atender às demandas do mercado e para engendrar o afastamento entre o conhecimento e o cotidiano e, baseados nessa concepção, Krupskaya e tantos outros educadores soviéticos defenderam o ensino por complexos, pois a organização da educação apartada da realidade dos educandos constrói um caminho para fortalecer o estranhamento e as práticas tradicionais de ensino que primam pelas repetições mascaradas de fabulosas habilidades de aprendizagem e tonificam o engessamento do pensamento crítico e, por conseguinte, das interferências no cotidiano.

Krupskaya ao articular a teoria marxista a formação humana, na publicação do “Guia para a ação”, divulgado em Pedagogia Soviética, 1938, esclarece que;

Sob o capitalismo, há uma nítida divisão entre trabalho intelectual e manual. O trabalho intelectual é privilegiado. Portanto, os capitalistas se preocupam em munir com conhecimento as suas próprias crianças, tentando, ao mesmo tempo, por todos os meios, dificultar o acesso aos filhos dos trabalhadores ao conhecimento; o trabalho físico é considerado trabalho sujo, que é inteiramente colocado para os explorados. Na sociedade socialista sem classes, não pode existir tal diferença entre trabalho intelectual e manual. (KRUPSKAYA, 2017, p. 253).

Depreende-se da citação acima que o desprezo do trabalho manual em virtude da primazia do trabalho intelectual é uma estratégia do capital para assegurar a acumulação, ao passo que desmerece a força de trabalho, certificando a soberania da ideologia capitalista e a desagregação da classe trabalhadora. A responsabilização única da escola quanto à condução do desenvolvimento econômico e a superação dos problemas sociais foram semeadas pelo crescimento industrial que legitimou a dualidade estrutural da educação através da divisão entre a preparação intelectual dos dirigentes da sociedade e o trabalho manual para os dirigidos. Krupskaya critica esta dicotomia enfatizando que a escola capitalista faz de

seus alunos verdadeiros rebanhos esvaziados da capacidade de pensar de forma independente.

“O desenvolvimento econômico requer insistentemente a transformação da escola de ensino em escola do trabalho, mas essa conversão não é viável sem uma reestruturação de toda a organização da atividade da educação pública.” (KRUPSKAYA, 2017, p. 38).

A escola do trabalho - caminho para romper com a histórica dualidade e tencionada por Krupskaya - não é a de mera preparação profissional, cujo foco é apenas o ensino da técnica e a formação profissionalizante com vistas à capacitação e habilitação para o mercado. A escola do trabalho pretendida por Krupskaya se estende aos fundamentos elaborados por Pistrak³⁵, Blonsky³⁶, e Shulgin³⁷, visto que esses teóricos apoiavam a ideia de que os educandos devem se apropriar de todas as dimensões da vida e têm de fazer isso através da práxis, pois dessa forma é possível depreender que o trabalho fundamenta toda a vida social. Dito isto, asseveramos que “a concepção apresentada por Krupskaya e outros autores socialistas envolve a chamada ‘Pedagogia do meio’, que considera a formação do sujeito possível em sua interação com o meio social” (LODI, 2016, p. 225).

Krupskaya revela no texto “Educação pública e democracia”³⁸ que os bolcheviques precisavam vencer muitos obstáculos para a concretização do projeto da escola do trabalho pós-revolução, pois estas escolas, por enquanto eram raras. Para alinhar ensino e produção numa visão multilateral, era necessária a transformação do magistério e do ambiente pequeno-burguês, assim como a eliminação da miséria resultante da guerra. Compreendiam que só seria viável colocar em prática a escola do trabalho a partir do envolvimento coletivo da classe

³⁵ Moisey Mikhaylovich Pistrak (1888 - 1940) foi um educador socialista que viveu na Rússia e influenciou fortemente as ideias pedagógicas do período pós-revolução russa de 1917. Principalmente por sua obra "Fundamentos da Escola do Trabalho", escrito em 1924.

³⁶ Pavel Petrovich Blonsky (Павел Петрович Блонский) nasceu em 1884 em Kiev onde se estudou entre os anos de 1902 e 1907, o que lhe permitiu atuar ativamente durante a Revolução de 1905, sendo também preso. Faleceu em 15 de fevereiro de 1941. Filósofo, educador e psicólogo, são algumas das designações que encontramos sobre ele, apontado como um dos grandes pedagogos do seu tempo. Desde cedo atuou sobre o tema de psicologia educacional, proferindo palestras sobre isso. (FREITAS, C., 2020, p.161).

³⁷ Viktor Nikolaevich Shulgin (1894-1965) (Виктор Николаевич Шульгин) colaborou com Pistrak na Escola-Comuna do Narkompros. Além de pedagogo, também era historiador e realizou grandes contribuições para a educação soviética. Shulgin, demonstrou ser grande conhecedor da pedagogia burguesa tecendo amplo debate com as obras de Dewey. (FREITAS, C., 2020, p.160).

³⁸ O texto foi escrito ainda no ano de 1915. A sua primeira edição foi publicada em 1917 pela editora Vida e Conhecimento, antes da Revolução de fevereiro. Isso explica o fato do livro não colocar todos os pingos nos “is” e de ser escrito em uma linguagem estranha, para evitar a censura. Devido à censura, em vez de nomeá-lo “Educação pública e classe operária”, eu o intitulei “Educação pública e democracia” (KRUPSKAYA, 2017, p. 38).

trabalhadora nesta tarefa, representada principalmente pelas suas organizações. A escola atrairia para si novas forças tornando-se de fato “uma ferramenta de transformação da sociedade moderna” (KRUPSKAYA, 2017, p.41).

A reforma na educação pública era urgente, pois para Krupskaya (2017, p.39), “mais do que em qualquer outra área, na educação pública que se revela o atraso econômico da Rússia, seu baixo nível cultural”.

[...] enquanto a organização da questão escolar permanecer fora da esfera de influência da democracia operária (da classe operária), a escola do trabalho será uma ferramenta dirigida contra seus interesses. Somente uma democracia operária (da classe operária) pode fazer a escola do trabalho uma “ferramenta e transformação da sociedade moderna”. (KRUPSKAYA, 2017, p.39).

Cabe-nos dizer que Krupskaya identificou a urgência quanto à supressão da fragmentação entre trabalho intelectual e manual para construir a sociedade socialista, pois entendia ser esse processo crucial diante da estatização dos meios de produção. Contudo, reconheceu que as condições reais das escolas e da população no contexto da Rússia pós-revolução eram instáveis e precárias e as dificuldades para abarcar a responsabilidade de vencer a superestrutura ideológica remanescente do capital representavam intensos entraves cuja superação dependia do árduo trabalho conjunto do Estado, dos que estavam à frente do Comissariado do Povo para a educação pública e também do magistério.

Posto isto, nos questionamos; como a escola deveria ser para estar em condições de formar os indivíduos para atuarem na sociedade socialista? Krupskaya em seu texto “Sobre a questão da escola socialista” traça um caminho a fim de conduzir essa questão, esclarecendo que desde a educação infantil a escola deve fortalecer o propósito de que o trabalho é à base da sociedade humana para revelar a importância do trabalho produtivo e de cada indivíduo na organização societária;

Em primeiro lugar, a escola deve fazer todo o possível para fortalecer a saúde e a força da geração mais jovem: ela deve proporcionar às crianças uma alimentação saudável, bom sono, roupas confortáveis e quentes, cuidados de higiene com o corpo, ar fresco e limpo, e uma quantidade suficiente de exercícios. Tudo isso as classes dominantes garantem para seus filhos, mas precisamos que isso seja garantido a todas as crianças sem distinção, independentemente da classe econômica dos pais. (KRUPSKAYA, 2017, p.70).

A pedagoga reforça que deve ser também preocupação da escola dar

relevância a corporeidade como instrumento relacional com a sociedade. Possibilitando fortalecer e dar oportunidade para que sejam exercitados, por meio de atividades pedagógicas, os órgãos do corpo com os quais os educandos percebem o mundo exterior, como por exemplo, a visão, o tato, o paladar e cita ainda as experiências de importantes educadores como Frobel³⁹ e Montessori⁴⁰ no estímulo da criatividade das crianças. Krupskaya deu importante atenção aos possíveis estímulos para mediar a aprendizagem e destaca que “a arte e a linguagem são um poderoso instrumento de aproximação entre as pessoas e são meios para compreender os outros e a si mesmo” (KRUPSKAYA, 2017, p.71) e, por saber que a finalidade das escolas de ensino é o adestramento através da imitação esvaziada da práxis, ressalta a valia do trabalho coletivo para potencializar as habilidades de se trabalhar e viver em coletividade.

Freitas, K. (2019, p. 31) agrega nosso pensamento ao declarar que para descontinuar a lógica da educação burguesa, “faz-se necessário pensar numa educação que engendre a gênese do novo sistema, em que se possa formar a omnilateralidade⁴¹ necessária à sociedade pós-revolução”, e esta ideia antagônica aos interesses capitalistas, fazia parte do plano de Krupskaya; dissolver a segregação que coloca de um lado o potencial criativo para o trabalho produtivo como exclusivo da classe dominante e do outro a força e a habilidade braçal como uma predestinação única dos filhos da classe trabalhadora. A formação para a omnilateralidade não poderia, segundo Krupskaya, ser confundida com a preparação para o multiartesanato⁴², pois esta envolve a formação unilateral fundada pela divisão social do trabalho e pela reificação.

Alcançamos em Krupskaya que a sociedade a ser estruturada deve percorrer um caminho pedagógico baseado no desenvolvimento humano integral a fim de preparar todos os sujeitos para intervir nos conflitos e propor soluções e resultados

³⁹ Friedrich Wilhelm August Frobel (1782 – 1852) foi um pedagogo alemão influenciado pelo trabalho de Pestalozzi, tendo fundado o primeiro jardim de infância. (FREITAS, 2017, p.71).

⁴⁰ Primeira mulher a se formar em medicina em seu país, foi também pioneira no campo pedagógico ao dar mais ênfase à auto-educação do aluno do que ao papel do professor como fonte de conhecimento. Individualidade, atividade e liberdade do aluno são as bases da teoria, com ênfase para o conceito de indivíduo como, simultaneamente, sujeito e objeto do ensino. Montessori defendia uma concepção de educação que se estende além dos limites do acúmulo de informações. (<https://novaescola.org.br/>)

⁴¹ Omnilateralidade compreende todas as dimensões do ser humano para se alcançar o desenvolvimento. (QUARESMA, 2004, p.03).

⁴² Conjunto de atividade manuais ensinadas na escola, porém sem direcionamento para o trabalho consciente e emancipado.

para confrontos da vida prática, portanto “a educação do homem novo é forjada assente à realidade, do indivíduo para o coletivo, na apreensão dos princípios que nortearão a nova sociedade” (NOBRE, 2015, p.13).

Seguindo esse mesmo raciocínio, Nobre (2015) salienta que:

[...] a transição revolucionária põe em evidência uma categoria fundamental do marxismo, denominada de práxis, cuja importância transcende a tomada de poder, acompanhando todo o processo revolucionário. A práxis revela seu caráter pedagógico à medida que mobiliza um conjunto de forças a fim de consolidar as conquistas da revolução, ao mesmo tempo em que educa os sujeitos para viver na nova sociedade, dentro das condições impostas pelo movimento real. (NOBRE, 2015, p.10).

Tassigny (2004), no artigo sobre “Ética e ontologia em Lukács e o complexo social da educação”, esclarece que a gênese do complexo social da educação continua indefinido em Lukács. Todavia, explicita a relação trabalho e práxis na formação e desenvolvimento do ser social:

A práxis educativa do homem foi precedida de um longo devir histórico e houve, certamente, uma “pré-história” da sua aparição, bem como uma estratificação progressiva de suas qualidades constitutivas, até suas formas evoluídas (*ad quem*), já cristalizadas, existindo de forma autônoma na sociabilidade. (TASSIGNY, 2004, pag. 84).

Nobre (2015, p. 19), apoiada em Tassingny, desenvolve a análise sobre a práxis educativa “afirmando que ela é manifestação da práxis espiritual dos homens, produto da relação sujeito-objeto, surgindo na vida cotidiana como resposta às necessidades da realidade objetiva”. A autora prossegue em sua análise reconhecendo que a práxis como categoria fundamental ao processo de formação humana não retira a centralidade do trabalho na constituição do ser social. Portanto, cabe expressar que: “[...] o trabalho e todas as formas de práxis dele originadas, transformam sua atividade em outra sempre mais ampla e ao mesmo tempo diferenciada e consciente [...]” (LUKÁCS, 2010, p. 78).

As práxis resultantes dessas atividades cooperam para formar o ser numa multiplicidade cada vez mais diversa, proporcionando, por exemplo, que as participações nos movimentos sociais, nos partidos políticos, nos sindicatos, nas associações de moradores ou na comunidade escolar deem a esses espaços o caráter de agências formativas das sociedades modernas, descentralizando o papel exclusivo da escola de mediar à percepção que os problemas que atingem o coletivo

afetam os indivíduos de maneira desigual.

O entendimento da práxis como princípio educativo não recusa o caráter educativo do trabalho, pelo contrário, complexifica-o na totalidade. Todavia, se para alguns críticos limitados e sedentos por receitas instantâneas de como transformar a sociedade pelo complexo educativo, há em Marx alguma lacuna quanto à concretude de um plano educacional descrito minuciosamente em seus escritos, em Krupskaya há claramente uma orientação baseada no marxismo-leninista que propõe através da mediação educativa do senso de coletividade ações crítico-práticas para sujeitos conscientes de si mesmo.

Esta direção para o senso de coletividade é esteio do princípio político-pedagógico da práxis porque reflete a luta pela superação da sociedade capitalista e se coloca como elemento fundamental no desenvolvimento de uma nova sociabilidade considerando a totalidade das relações concretas.

Estamos longe de termos esgotado as indicações de Marx e Krupskaya sobre a educação e a escola. Assim sendo, concordamos que eles consideraram a realidade dos sujeitos históricos e não os reduziram a um mero projeto de difusão de ideologias ou inovações. Desse modo, assentimos o pensamento da pedagoga quando descreve como os ensinamentos de Marx deram indicações para cooperar com a escola soviética pretendida;

[...] Não somente as indicações de Marx nos ajudam, entretanto, em nosso trabalho de educação. Ajuda-nos todo seu ensino, tomando em conjunto, ajuda seu método dialético de estudar fenômenos. Nós vamos ser capazes de concretizá-lo plena e amplamente, desenvolvendo as indicações de Marx bem melhor, quando o seu ensino se tornar propriedade das amplas massas. (KRUPSKAYA, 2017, p. 206).

A reestruturação da escola com vistas à emancipação humana, tanto na obra de Marx quanto na de Krupskaya se mostra possível através da revolução do proletariado que deve perpassar a práxis político-educativa. Krupskaya não defendia o fim da escola, mas a sua reorganização, eliminando assim, a dualidade estrutural e seu caráter de classe. Deste modo, o trabalho coletivo representa a base da práxis pedagógica da escola e se traduz como elemento unificador entre a escola e a vida prática desenvolvida no movimento dialético dos contextos sociais.

Nessa direção, Nobre (2015, p.13) salienta que;

[...] a práxis perpassa pela transformação do modo de produção capitalista

para o trabalho associado, não somente pela criação de estratégias que visam alterar o modo de produção, mas por conter no processo de transformação uma articulação dialética entre a objetividade e a subjetividade, entre o indivíduo e o coletivo.

Para explicitar a articulação dialética entre os sujeitos na busca por radicais mudanças no plano da educação soviética, Krupskaya (2017) defendia que uma propaganda ampla de ideias pedagógicas deve ser realizada entre a população. Deve ser lançada uma ponte entre a educação pública e familiar. Neste sentido, evidencia-se o reconhecimento do ambiente escolar como continuidade dos princípios familiares que precisam refletir a práxis da coletividade. A escola deve se apresentar como um dos espaços em que a auto-organização dos estudantes possibilite a compreensão da sociedade para a edificação de ideais e valores opostas do velho egocentrismo doutrinado pelo capital.

3.2 Coletividade como elemento para uma formação revolucionária

Krupskaya é proprietária de uma produção teórica valiosa, amplamente vasta⁴³ e cujo legado pedagógico é de grande envergadura. A revolucionária iniciou seus escritos com a elaboração de panfletos quando tinha pouco mais de vinte anos. Devido à tirania czarista escrevia clandestinamente usando entre tanto pseudônimos, o Sáblina. Até 1938, um ano antes de sua inusitada morte⁴⁴, escreveu para a Academia de Ciência Pedagógica Soviética da RSFS⁴⁵. Krupskaya viveu por 70 anos. Logo, por quase cinco décadas dedicou-se às tarefas da militância.

Reconhecemos os limites da nossa exploração e, sem termos a pretensão de esgotar aqui a discussão quanto à coletividade nas concepções pedagógicas da educadora soviética, ao que nos foi possível investigar observamos que, em síntese, a revolucionária expressa em vários artigos e discursos que;

“[...] coletividade é uma práxis que se constrói nos conflitos diários da lida com os educandos e nas contradições entre a velha educação tzarista e a nova educação socialista”. (SOUSA, A. A; OLIVEIRA, E. G.; ARRAIS NETO, E. A, 2018, p.121).

A preocupação que os educandos tenham consciência de si e do mundo através da compreensão de seus próprios sentimentos, pensamentos e da realidade experienciada, eram para Krupskaya fundamental e imanente ao processo educativo de caráter emancipador. Com efeito, a valorização da educação como formação política e cultural através das atividades artísticas na escola, desde a educação infantil, tais como a dança, a pintura, o teatro e a música, emerge dos textos da pedagoga como indispensáveis para enobrecer a liberdade do pensar, a construção da autonomia e de hábitos coletivos, sendo esse ato, capaz de propiciar a reconhecimento da curiosidade e o desenvolvimento da criatividade.

⁴³ “No curso de sua vida, chegou a mais de três mil publicações: livros, panfletos, artigos, resenhas entre outros. Muito do seu trabalho foi traduzido para vários idiomas entre eles, o espanhol, o inglês e o francês e, mais recente, para a língua portuguesa, traduzidos diretamente do russo” (FREITAS, K. , 2019, p.83).

⁴⁴ “Faleceu em 26 de fevereiro de 1939, um dia depois de completar setenta anos e alguns dias antes de participar de um importante congresso do Partido, no qual teria um discurso a fazer. Por ocasião do seu aniversário, Krupskaya ganhou um bolo de Stálin e há grande especulação que esse “presente” teria acabado com a sua vida envenenando-a. Oficialmente, Krupskaya teria morrido de apendicite, por isso esteve em agonia antes de sua morte. Os restos mortais da educadora foram cremados e depositados ao lado do mausoléu de Lenin, no muro de Kremlin, na Praça Vermelha” (LODI, 2018, p71).

⁴⁵ O texto “*Os ensinamentos de Marx para o educador soviético – Guia para a ação*” foi publicado em Pedagogia Soviética, 1938, n.5. pela Academia de Ciências Pedagógicas da República Socialista Federativa Soviética da Rússia.

Nesse sentido Freire (1996) colabora com esta ideia;

[...] a curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação a desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere e alerta faz parte integrante de fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos. (FREIRE, 1996, p.18).

Nessa perspectiva, Krupskaya enfatiza que mudanças nos métodos de ensino – principalmente ao que é ofertado as crianças e aos jovens - eram necessárias para despertar a consciência coletiva e construir as relações de pertencimento. Semelhantemente, Tuan (1983) e Buttimer (1982), nas suas exposições a respeito, valorizam a tríade; percepção, experiência e valores. Tais valores, em caráter de princípios, podem ser apreendidos por meio de experiências do mundo vivido, considerando as subjetividades dos indivíduos sem a necessidade de dissipar suas individualidades.

Percebemos em Krupskaya que lapidar o coletivo, no sentido de comunidade, não se traduz em eliminar a personalidade dos educandos, mas em influenciá-los para uma consciência comum baseada na camaradagem e na solidariedade fraterna. Concordamos que

[...] o coletivo não há de ser a negação pura e simples da individualidade. Esta deve ser confrontada com o outro, com o coletivo, como momentos naturais e simplesmente diferentes (SOUSA, A. A; OLIVEIRA, E. G.; ARRAIS NETO, E. A. 2018. p.130).

Tencionando incitar o mérito da luta de classes no esclarecimento das principais leis do desenvolvimento social, Krupskaya apoia juntamente com Pistrak que a educação seja engendrada por meio do sistema de ensino por complexos⁴⁶, pois seria o caminho para garantir uma compreensão dos fenômenos produzidos pela vida de acordo com o método dialético. “O método dos complexos é um método de estudo, não um método de instrução, não um método de dar aulas” (KRUPSKAYA, 2017, p.310). Nessa proposta metodológica, os conteúdos fazem correspondência com a realidade vivida pelos educandos, na tentativa de superar o estranhamento promovido pela velha escola capitalista.

⁴⁶ [...] a essência do método dos complexos consiste em que ele toma para estudo uma determinada complexidade dos fenômenos (complexo) em sua totalidade, ligações, interações e relações; é preciso ainda agregar: toma-a também em seu desenvolvimento. (KRUPSKAYA, 2017, p.318).

Para esclarecer as conexões reais, é preciso distinguir o essencial do secundário e falar exatamente sobre o que é essencial, o mais importante, o que é decisivo. Eis porque é imperativo que o conteúdo do complexo seja ditado pela vida. (KRUPSKAYA, 2017, p.125).

Krupskaya (2017, p.311) para reforçar a importância do ensino por complexos como conexão entre conteúdo e realidade concreta lembra-nos que “o sistema de disciplinas levou a escola a um afastamento da vida” e Pistrak (2018, p. 177) corrobora ao esclarecer que os temas dos complexos devem ter o trabalho como núcleo central, pois estes “representam uma série de elos de uma única corrente que conduz ao domínio da atualidade”.

A essência do sistema de disciplinas é fragmentar os conhecimentos a ponto de se tornarem desconexas. O objetivo desse método de ensino é afastar os fenômenos da vida real reprimindo o pensamento crítico e tornando a relação social da escola o mais abstrata possível. Krupskaya não defendia o fim do ensino por disciplinas ou simplesmente a ligação entre elas, apoiava que;

A ligação, a união, consiste de fato na característica essencial do sistema de complexos, no entanto a essência da questão não está na ligação de disciplinas escolares, mas na ligação dos fenômenos que de fato encontram-se na vida, e no estudo destes fenômenos em sua complexidade, em suas interações, no estudo da correlação entre os fenômenos. (KRUPSKAYA, 2017, p.313).

O emprego do conteúdo ensinado nas escolas à realidade objetiva é na visão de Krupskaya mobilizador da autonomia dos estudantes, pois exige o desenvolvimento de suas personalidades e reafirma o compromisso com o coletivo e a organização da consciência. O elemento unificador entre teoria e prática no ensino por complexos é o trabalho e, nas palavras de Krupskaya (2017), o trabalho representa a base da vida das pessoas, sendo seu processo de organização responsável pela constituição das sociedades humanas.

Assim sendo, a repressão da personalidade e o disciplinamento externo dos indivíduos, em hipótese alguma poderiam fazer parte das ações da escola traçada para a sociedade socialista. Portanto, era necessária a superação dos métodos de ensino e a reformulação do currículo, “a escola do trabalho exige uma relação viva com ela, específica. Velhas formas de controle são impraticáveis”. (KRUPSKAYA, 2017, p.38).

Conforme Novaes (2017) em seu artigo “A contribuição de Nadezhda Krupskaya para a construção dos fundamentos da escola do trabalho emancipado”, o sistema de ensino por complexos pressupõe ainda os professores como

trabalhadores coletivos e uma reorientação conjunta da atividade docente através da auto-organização;

Em muitas escolas experimentais da primeira fase da revolução, as professoras e os professores viviam no mesmo espaço, moravam juntos, cultivavam a terra, debatiam textos, o que certamente facilitava a organização dos complexos temáticos. Se isso é verdade, o sistema de complexos pressupõe a retomada do controle dos sistemas escolares pelos professores, isto é, retomar o controle do processo produtivo da escola (o que ensinar, como ensinar, como avaliar, como dividir o trabalho educacional, os fins/sentido da escola e os métodos escolares, etc.) (NOVAES, 2017, p. 278.).

Pelo visto, a escola capitalista precisa fortalecer o estranhamento para produzir alienação e amparar sua postura negacionista. Isto posto, reputamos o legado da pedagogia soviética quanto ao importante papel de correlacionar a escola ao meio social direcionando seus atores a questionarem os conflitos de interesses de classes e problematizarem as relações ancorados na dialética.

Mesmo com todos os seus dilemas, até hoje a escola, principalmente a Universidade pública, se apresenta como produtora de possíveis respostas para diversos problemas sociais. À vista disso, despontam iniciativas políticas e pedagógicas nas instituições de ensino representadas por movimentos organizados como; coletivos feministas, núcleos de estudos que visam o direito à diversidade das manifestações culturais de etnias e segmentos sociais heterogêneos que tornam a relação com as instituições de ensino mais orgânica e concreta.

A escola deve reagir à vida. Não importa quão grande seja a utilidade da intervenção da escola na vida, é importante apenas que a escola não feche os olhos para a vida, deseje ativamente interferir nela. (KRUPSKAYA, 2017, p.109).

Desta forma, salientamos que resgatar as concepções pedagógicas de Krupskaya hoje, sobretudo no contexto brasileiro, se faz imprescindível, pois atravessamos uma crise no sistema de ensino, como por exemplo, o projeto de reformulação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)⁴⁷, processo seletivo obrigatório para o ingresso ao ensino superior que já apresenta defasagens quanto a fragmentação das disciplinas por grandes áreas, terá ainda seu conteúdo adaptado

⁴⁷ Criado em 1998, o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) tem o objetivo de avaliar o desempenho do estudante ao fim da escolaridade básica. O exame é dividido em quatro áreas de conhecimento e são fragmentadas em: Ciências Humanas e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias, Linguagens, Códigos e suas Tecnologias e Matemática e suas Tecnologias. A redação pode ser considerada a quinta área pelo peso que possui na pontuação final.

para acompanhar a reforma do Novo Ensino Médio⁴⁸ devido a aprovação da BNCC,⁴⁹ uma iniciativa de caráter conservador que reflete os interesses mercadológicos de grupos privatizantes e representa um risco à autonomia dos docentes entre outros dilemas.

Krupskaya mesmo vivendo constantemente sob ameaças de prisão e exílio foi uma grande estudiosa da escola capitalista, pois estava ciente que uma das maiores responsabilidades da revolução no campo da educação seria fazer das escolas um local para o desenvolvimento de uma nova concepção de sociedade através do trabalho coletivo e socialmente útil, e não um espaço meramente de controle e de preparação profissional, pois era necessário o abandono da escola enquanto ambiente de coerção de comportamentos que despersonalizam os estudantes.

Com efeito, para compreender os interesses burgueses, examinou as medidas tomadas quanto às interferências na personalidade das crianças e na preparação para o trabalho investigando também a experiência pedagógica de John Dewey⁵⁰ reconhecendo como a organização da Escola Nova poderia ser razoavelmente útil para o desenvolvimento físico e mental das crianças até mesmo chegando a favorecer o desenvolvimento multilateral da personalidade delas.

Korneychik, importante pesquisador da educação russa, destaca o esforço de Krupskaya para aprofundar-se em teorias que pudessem contribuir com a construção da pedagogia socialista:

Ela estudou um vasto número de fontes originais, as obras de K. Marx e F. Engels, e também quase todas as obras pedagógicas de Rousseau, Pestalozzi, R. Own, Fellenberg, Dewey, Kerchensteiner, Ferster e muitos outros. Além de trabalhos teóricos, ela se baseou também em artigos jornalísticos, obras literárias, material epistolar, memórias de educadores. (KORNEYCHIK, 1958/1959, p. 32)

No entanto, sem distanciar-se de sua postura revolucionária, a cerca do escolanovismo concluiu que;

⁴⁸ Segundo informações do portal oficial do Ministério da educação: O novo Ensino Médio é uma reforma na grade curricular aprovada pela Lei nº 13.415/2017 que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e estabelece uma mudança na estrutura do ensino médio, ampliando o tempo mínimo do estudante na escola de 800 horas para 1.000 horas anuais (até 2022) e definindo uma nova organização curricular, mais flexível, que contemple uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC). <http://portal.mec.gov.br>

⁴⁹ Segundo informações do portal oficial do Ministério da educação: É um conjunto de orientações que deverá nortear a (re)elaboração dos currículos de referência das escolas das redes públicas e privadas de ensino de todo o Brasil. A Base trará os conhecimentos essenciais, as competências, habilidades e as aprendizagens pretendidas para crianças e jovens em cada etapa da educação básica. <http://portal.mec.gov.br>

⁵⁰ John Dewey (1859-1952) foi um filósofo e pedagogo norte-americano.

Na comparação com escolas secundárias convencionais, a escola “nova” é um enorme passo a diante. Mas essa absolutamente não é a escola que a classe operária quer (KRUPSKAYA, 2017, p.55).

Considerou também ser essa escola elementar, pois seu principal objetivo está alicerçado em atender às necessidades do Estado e assim perpetuar o ambiente de artificialidade típico da burguesia. (KRUPSKAYA, 2017). Como defensora da formação multilateral, Krupskaya compara a experiência da escola nova a internatos rurais;

Essas escolas mais se assemelham com internatos, tanto pelos seus objetivos, como pela sua estrutura. O estilo de vida nas escolas “novas” é completamente burguês.[...], mas um internato, mesmo sendo razoavelmente organizado, continua a ser um internato, isto é, ele isola o estudante da vida real, restringe a esfera das impressões sociais e de vivências do estudante (KRUPSKAYA, 2017, p.56).

O debate a cerca dos princípios e métodos da escola nova se encontram expressos tanto na obra de Krupskaya como também na de Shulgin e suas contribuições orientaram as estratégias do Comissariado do Povo para a Educação quanto à essência da escola do trabalho.

Os educandos, na concepção pedagógica de Krupskaya, ao serem preparados para viver na sociedade socialista, necessitavam familiarizar-se com o processo produtivo do seu próprio trabalho e também com o panorama econômico geral para entenderem como funcionam os principais ramos de produção e assim adquirirem consciência das decisões que afetam a vida prática, sendo igualmente capazes de propor reestruturações, ainda que na unidade familiar, em benefício da coletividade. Desta forma, Krupskaya apoiava que a escola:

“[...] ela deve preparar não somente a habilidade de trabalhar individualmente, mas deve desenvolver a capacidade para o trabalho coletivo, e aqui o mais importante é a capacidade de organizar-se para o trabalho.” (KRUPSKAYA, 2017, p. 86)

O posicionamento da educadora fica claro: a práxis revelada na relação escola e trabalho tendo a coletividade como elemento de formação revolucionária dará suporte para o desenvolvimento de sujeitos autônomos e o fortalecimento da militância desde a mais tenra idade.

Reforçamos nossas convicções a cerca da coletividade como práxis educativa alicerçadas em Freire (1996) que pontua:

Somente quando os oprimidos descobrem o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando,

assim, sua "convivência" com o regime opressor. Se esta descoberta não pode ser feita em nível puramente intelectual, mas da ação, o que nos parece fundamental é que esta não se cinja a mero ativismo, mas esteja associada a sério empenho de reflexão, para que seja práxis. (FREIRE, 1996, p.52)

Em *‘Acerca del trabajo de las organizaciones infantiles’*, artigo publicado no Pravda (1923), Krupskaya fortalece o entendimento de que a essência da coletividade está assentada no trabalho realizado com a juventude em prol da luta de classes. Para ela “a preparação da nova geração para a produção comunista é um dos problemas mais importantes do comunismo” (KRUPSKAYA, 2017, p. 85), pois é preciso forjar a consciência coletiva desde a infância através do trabalho coletivo para que se reconheçam como membros da sociedade de classe e lutem pelo bem comum. Nessa empreitada, a escola deve ter importante participação, sobretudo favorecendo a auto-organização dos educandos, pois esta ação representa um alicerce para a construção da identidade dos sujeitos que devem ser acostumados a:

[...] a compartilhar as alegrias e as tristezas com a coletividade, para que se esforcem em formar hábitos coletivistas, quer dizer, a arte de trabalhar e atuar coletivamente, de maneira organizada, subordinando sua vontade à coletividade [...]. (KRUPSKAYA, 19-- , p.27. Tradução nossa).

E como a instituição de ensino poderia mediar à auto-organização dos educandos ainda na pré-escola? Krupskaya aponta como ação prática que a auto-organização para os jovens se dê por meio da valorização dos jogos e a arte, pois os via como “importantes meios de educar o hábito da ação coletiva e de desenvolver hábitos organizacionais”. (KRUPSKAYA, 2017, p. 88). Ela observou que os jogos possuem relevante papel pedagógico, pois neles são reveladas as habilidades organizacionais como autodomínio, disciplina e agilidade e, após essa constatação, orienta que os educadores devem lançar um olhar sensível sobre os jogos que atraem os jovens em suas diferentes faixas etárias. Devem ainda atentar para os objetivos dos jogos e quais medidas são tomadas pelo coletivo para alcançá-los, pois nesse instante, estarão intervindo sobre as habilidades dos educandos para organização.

Krupskaya considerou que a auto-organização escolar representa um ensaio para a organização do trabalho de forma coletiva. A pedagoga defendeu que não se deve educar as crianças para o trabalho pelos mesmos métodos das pessoas

adultas, por isso a escola deve planejar a transição escolar das crianças para a juventude valorizando o caráter pedagógico dos jogos.

[...] de modo algum esta auto-organização deve ser uma cópia da vida política dos adultos, nem deve copiar a democracia ou a república soviética. “Aquilo que é bom e costumeiro na organização da vida em uma sociedade de classes é totalmente inaplicável para a vida da comunidade escolar.” (KRUPSKAYA, 2017, p.116).

A pedagoga ressalta que quando resoluções de problemas são tratadas coletivamente, os sujeitos têm a oportunidade de se relacionarem de forma consciente com as adversidades apresentadas pela vida e aconselha que para valorizar a importância pedagógica da auto-organização é importante que a escola reúna as crianças não somente quando infringirem alguma regra, pois desta forma, a auto-organização passa a ter sentido repressivo (KRUPSKAYA, 2017)

Ao avançarmos na análise sobre a perspectiva da coletividade na formação de sujeitos autônomos na sociedade soviética, asseveramos que para Krupskaya a sociedade poderia ser percebida e transformada por ela mesma à medida que a incorporação do senso de coletividade proporcionasse a reflexão sobre o comportamento individual frente às interações com os outros. A prática da auto-organização escolar instiga a organização para o trabalho e este deve ser baseado nos princípios da coletividade.

Conforme esse ponto de vista, a educação quando direcionada as práticas coletivas possibilita a dignificação dos sujeitos por suas capacidades para além das atividades laborais. Krupskaya, mais uma vez corrobora com a ideia de trabalho como princípio educativo ao salientar que o melhor método de aprendizagem é o método do trabalho: “É extremamente importante que o trabalho tenha natureza coletiva, por isso contribui para o desenvolvimento de habilidades para trabalhar e viver em coletividade” (KRUPSKAYA, 2017, p.72).

Exercitando sua práxis social, Krupskaya reconheceu que as questões da escola e a sua reestruturação estão intimamente relacionadas a dimensão educativa do trabalho socialmente produtivo e a reorganização da ordem social. Com efeito, o senso de coletividade, no sentido de práxis revolucionária, é medular, sendo o processo de formação teórico-político imprescindível para a práxis instalar-se no centro da nova sociedade, alterando tanto a maneira da lida com o outro, quanto à relação com as coisas em seus diferentes contextos cotidianos.

E, daí, o educando, sob responsabilidade do Estado e munido do estrato mais relevante do conhecimento das suas diversas áreas, retornaria à família e à vida social com a missão de transformar o seu meio, para isto, expressando sua inquietude e curiosidade, organizar-se-ia coletivamente para contrair mais responsabilidades práticas, revigorando sua maneira de compreensão e intervenção no mundo. (SOUSA, A. A; OLIVEIRA, E. G.; ARRAIS NETO, E. A. 2018. p.120).

Seria contraditório se a Revolução de Outubro, ao iniciar o desmonte da divisão da sociedade de classes, permitisse a continuidade de um sistema educacional segregado, desse modo, sem perder de vista a dimensão de igualdade, Krupskaya atentou para que um dos primeiros atos do Commissariado da Educação Pública fosse aprovar a Declaração do sistema único de educação tornando a escola num espaço acessível e também unificada do ponto de vista de gênero;

“Compreende-se, portanto, que o Commissariado de Educação Pública se esforce por tornar a escola em todos os níveis disponível igualmente para mulheres e homens. Meninos e meninas frequentam a mesma escola, aprendendo com os mesmos professores, pelos mesmos programas, com os mesmos livros didáticos. Portanto, isso significa que temos um sistema educativo unificado.” (KRUPSKAYA, 2017, p. 83).

Novaes (2017) reclama que a obra de Krupskaya também deva ocupar seu lugar de vanguarda quanto aos estudos que hoje denominamos de marxismo e gênero, visto que a autora foi pioneira nas discussões que denunciam a discriminação fundamentada no sexo.

A solidariedade coletivista é compreendida por Krupskaya como a saída para romper com o egoísmo, a competitividade e a segregação característica das relações naturalizadas pelo capital. A aproximação da tomada de consciência na instância mais interna do ser, si mesmo, contribui para fortalecer a autodeterminação dos sujeitos.

Reputamos ser possível que os fundamentos da coletividade em Krupskaya tenham influenciado fortemente as concepções pedagógicas do educador ucraniano Anton Semyonovich Makarenko. Para ele, os princípios da pedagogia socialista estavam alicerçados na organização da coletividade. A materialização de suas ideias quanto a coletividade se deu na experiência pedagógica com a colônia de Górkí⁵¹. No entanto, baseados no estudo de Oliveira (2012) que destacou os limites e as dificuldades do processo educacional experienciado por Makarenko, pontuamos:

⁵¹ Sugerimos a leitura de **Poema pedagógico**. ANTON MAKARENKO, 2. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1980.

O trabalho de Makarenko não foi fácil, considerando que o pedagogo enfrentou uma série de problemas, começando pela sua falta de experiência e conhecimento em conviver com os chamados delinquentes, passando pela resistência dos próprios jovens, manifestada em oposição a ele, somadas as dificuldades econômicas e materiais, além de obstáculos criados por outros educadores e autoridades¹⁵, que, além de não compreenderem suas propostas, desaprovavam seu trabalho como professor, pois era considerado controverso.(OLIVEIRA, 2012, p.45).

A concepção de Makarenko segue a trilha de Krupskaya quando concordam que a lógica da nova educação deve orientar-se pela camaradagem e pela prática do trabalho coletivo na resolução dos conflitos cotidianos de forma socializada. O trabalho coletivo para os educadores não se resumia em trabalhar junto ou realizar tarefas distintas num espaço comum. Reconheciam ser o trabalho o elemento unificador do trabalho coletivo e este era necessário para a edificação do novo homem. Em sua obra “Poema Pedagógico”⁵², Makarenko exprime que:

[...] mesmo quando os camaradas se encontram em condições análogas, alinham juntos, cumprindo funções aproximadamente iguais, não só uma simples amizade, mas os laços da responsabilidade comum pelo trabalho, pela sua participação comum na ação da coletividade (MAKARENKO, 1982, p. 140)

A coletividade foi para Makarenko e Krupskaya objeto da educação comunista, instrumento para tornar o homem sujeito de sua própria história e o caminho para o desenvolvimento do trabalho produtivo. Era preciso unir os educandos, incentivá-los para se organizarem, pois para os educadores a auto-organização possibilita o exercício do senso de coletividade. Nessa direção lutaram para reestruturar a escola como espaço de poder e lócus da manifestação do espírito coletivo. Ambos reconheceram que o trabalho coletivo realizado na escola tem potencial pedagógico e se materializa como experimentação para o movimento da vida que se expressa para além dos muros da escola.

Nesse sentido, a prática social é resultante da práxis da coletividade. O envolvimento com as questões de interesse coletivo é naturalizado pela educação concreta. Os sujeitos humanizam-se por meio do trabalho coletivo.

Entretanto, quanto à concepção de coletividade, Krupskaya aprofundou-se nos estudos que envolvem as etapas de desenvolvimento da criança e suas subjetividades. Sendo assim, estudou os interesses das crianças para traçar um percurso pedagógico baseando-se na auto-organização escolar. O conhecimento

⁵² Poema Pedagógico (1925-1935). A obra foi originalmente publicada em 1933.

adquirido com a observação da experiência do escolanovismo colaborou para projetar um caminho em que a coletividade pudesse, na experiência soviética, ser uma práxis revolucionária, contudo reconhecendo a indissociabilidade entre instrução e trabalho produtivo sem se distanciar “da centralidade da formação humana, social e política da classe trabalhadora soviética” (RESES, 2017, p.322).

Destacamos ainda que Makarenko alinhou sua experiência pedagógica as diversas categorias como; a disciplina, a exigência, a renúncia, a perspectiva imediata, intermediária e distante, não claramente ainda encontradas em Krupskaya. O grande educador soviético foi reelaborando sua teoria segundo sua rica experiência prática no período da educação soviética pós-revolução. Conforme Silva *et al.* (2020, p.14) “a organização da coletividade foi a sua grande revolução pedagógica”.

Pontuamos que há controvérsias quanto ao posicionamento do educador ucraniano a respeito da divisão do trabalho⁵³, todavia é preciso ponderar quanto ao fato do stalinismo ter se apropriado da ideia da coletividade transformando-a em um elemento de controle totalmente distinto do que pensavam inicialmente tanto Makarenko quanto Krupskaya:

Desta forma denotamos que, pela apropriação da burocracia estalinista, o conceito de coletividade tornou-se mesmo a negação do indivíduo enquanto sujeito ativo de suas possibilidades históricas. (OLIVEIRA, 2012, p.102).

De acordo com Silva *et al.* (2020, p.13) baseada nos escritos de Luedemann (2002) “o estudo das pedagogias tradicionais, de base liberal e burguesa existentes à época não deram a Makarenko o suporte necessário para colocar em prática a pedagogia socialista e seu método”. Para a autora, Makarenko criticou a ausência da sistematização dos métodos de educação de caráter marxista pós-revolução e o alinhamento com as ideias da Escola Nova porque estas representavam um ‘contrassenso do marxismo’, o que levou ao questionamento de sua prática pedagógica.

Ressaltamos que tais questionamentos a cerca da prática pedagógica do educador ucraniano não abalaram a autonomia de sua pedagogia nem tampouco seu engajamento quanto à construção da sociedade socialista. Inclusive, os princípios filosóficos da pedagogia soviética, sobretudo categorias apropriadas por

⁵³ Sugerimos a leitura das seguintes obras: **De minha experiência de trabalho**. IN: LUEDEMANN, C. da S. Anton Makarenko: vida e obra – a pedagogia na revolução. São Paulo: Expressão Popular, 2002.

Makarenko, são objeto de estudo e servem como referência para compor o modelo socioeducativo de importantes frentes sociais no Brasil, como por exemplo, o MST⁵⁴:

Alguns relatos da aplicação da Pedagogia Educacional de Makarenko são apontados em Monta (2014) e Machado (2013), e foram encontrados na Escola Regional de Meriti no Rio de Janeiro. Fundada nos moldes socialistas e com a Pedagogia de Makarenko, foi criada em 1921 para crianças e adolescentes desfavorecidos economicamente. Outro caso foi o curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Pelotas (RS). Foi organizado de acordo com a Pedagogia de Makarenko e teve como alunos um grupo específico, que fazia parte dos Movimentos dos Sem-Terra de oito estados brasileiros. Encontramos, também, experiências bem sucedidas nos acampamentos e assentamentos dos movimentos dos Sem-Terra, como as Escolas Itinerantes em Acampamento (Rio Grande do Sul) e Escola do Assentamento Conquista da Fronteira, no Paraná, com uma pedagogia marcada pela prática social e inspirada na pedagogia russa de Makarenko, Pistrak e Krupskaja. (SILVA *et al.* 2020, p.18).

Fundamentada no processo histórico-dialético, a concepção de uma educação voltada para o senso de coletividade representa uma alternativa para a organização social num contexto de desigualdades, desse modo está na contramão dos preceitos neoliberais de corporações como a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico - OCDE e o Banco Interamericano de Desenvolvimento - BID, visto que se beneficiam de uma formação orientada pela competitividade e o individualismo, pois desta forma os valores capitalistas são disseminados e fortalecidos.

Parafraseando Schnneider (2017, p. 11), se as mulheres foram ‘os soldados invisíveis’ dos processos revolucionários na Rússia, inferimos que se faz urgente à necessidade do resgate do legado teórico-prático destas combatentes para que seja abandonada a cultura de serem “objeto de representações e análises privilegiadas do ponto de vista do homem”, para quem sabe um dia, Krupskaya, cuja até a pronúncia do nome ainda traz certa estranheza à língua portuguesa, seja também referência ao cenário educacional brasileiro, sobretudo quanto à concepção de coletividade no fazer pedagógico, principalmente nesses tempos em que o egoísmo apresenta-se como sinônimo de modernidade.

⁵⁴ O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, o MST, foi criado formalmente no Primeiro Encontro Nacional de Trabalhadores Sem Terra, que aconteceu de 21 a 24 de janeiro de 1984, em Cascavel, no estado do Paraná. (CALDART, 2003, p.51). Esse movimento reivindica entre suas referências educacionais a obra de Makarenko, onde em suas diversas instituições de ensino afirma aplicar a concepção makarenkiana, por exemplo, nas escolas dos diversos assentamentos espalhados pelo Brasil e em particular no Instituto de Educação Josué de Castro - IEJC pertence ao Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária – ITERRA. (OLIVEIRA, 2012, p. 76).

3.3 Elementos basilares à práxis revolucionária

A coletividade enquanto práxis da atividade educacional revela sua dimensão dialética entre ações teórico-práticas e político-educativas. Nesse mister, tencionamos apontar os elementos que poderiam impulsionar o sujeito potencialmente revolucionário na concepção pedagógica de Krupskaya.

Considerando o contexto da Rússia revolucionária, a união de certos eixos, representados aqui como suportes para a manifestação do senso de coletividade, traçam uma caminho para conceber o fundamento da coletividade como práxis revolucionária. Pontuamos que a manifestação do senso de coletividade não deve ser entendida como a simples junção de tarefas, mas essencialmente como um exercício para construir uma nova concepção de relação social, cujo percurso para Krupskaya, perpassa pela organização da classe trabalhadora.

O proletariado almeja dominar o poder estatal não para assegurar direitos e privilégios especiais para si, mas para construir toda a sociedade para que nela não haja lugar para a opressão e a exploração. Mas é necessário fazer isso de fato e não apenas ficar no desejo. (KRUPSKAYA, 2017, p.11).

Essa transfiguração social sujeita-se ainda a determinadas ações, tais como Vázquez (2007, p.165) pontua: “conquista do poder político; organização do proletariado como novo poder político e a utilização desse poder para transformar radicalmente o modo de produção.” Porquanto, salientamos que a socialização do poder político junto ao proletariado carregou imensos desafios para um cenário já castigado pelas sucessivas guerras. Coube aos educadores soviéticos, assim como Krupskaya, lançar uma ponte entre a educação e a construção da nova sociedade. Pretendiam que o novo homem fosse capaz de assumir e (re) construir as responsabilidades sociais sob uma perspectiva humanizada. Todavia, reconheciam que o complexo que envolve a escola enquanto espaço de formação deveria sofrer radicais alterações para esperar novos tempos.

Shulgin (2013) um dos grandes colaboradores das concepções pedagógicas da escola do trabalho e que também debateu amplamente as ideias de Dewey, reitera em sua obra, “Rumo ao politécnico”, que escola não é somente conteúdo, escola produz relação social, todavia ela não deve ser considerada a única agência formativa da sociedade moderna (NOVAES, 2017). Diversas mudanças na estrutura social russa para além do complexo educativo integravam o bojo para consumir a coletividade enquanto práxis revolucionária:

Malgrado as dificuldades iniciais, a escola russa reconheceu a coletividade como práxis revolucionária, tendo por suporte os eixos: **políticas públicas universais, leitura e intervenção no contexto, trabalho, autonomia, autodeterminação e auto-organização coletiva** (SOUSA, A. A; OLIVEIRA, E. G.; ARRAIS NETO, E. A, 2018, 124) (grifo nosso).

Para Krupskaya, o pleno desenvolvimento e a formação multilateral deveriam ser subsidiados pelo Estado que tem a incumbência de garantir serviços públicos de qualidade a fim de assegurar a integridade e a dignidade do povo. No entanto, esclarece que a validação de tais políticas públicas, em hipótese alguma, poderia servir de estratégia de dominação e sujeição, de modo que a escola soviética não poderia tornar-se mais um instrumento de adestramento para conduzir a sociedade de acordo com os interesses do Estado.

Confirmando que as ideias de Marx serviam como um plano de ação à educadora, observa-se o mesmo pensamento no revolucionário quando realiza uma crítica ao programa de Gotha, quanto à ideia de uma escola gratuita, universal e livre da intervenção da ideologia estatal. Ambos ratificam que ao financiar as escolas, o Estado não deve considerar-se “educador do povo”:

[...] Absolutamente condenável é uma “educação popular sob incumbência do Estado”. Uma coisa é estabelecer, por uma lei geral, os recursos das escolas públicas, a qualificação do pessoal docente, os currículos etc. e, como ocorre nos Estados Unidos, controlar a execução dessas prescrições legais por meio de inspetores estatais, outra muito diferente é conferir ao Estado o papel de educador do povo! O governo e a Igreja devem antes, ser excluídos de qualquer influência sobre a escola. (MARX, 2012, p.45).

Krupskaya endossa que “no estado burguês – seja uma monarquia ou uma república, não importa – a escola é um instrumento de subjugação intelectual de amplas massas nacionais” (KRUPSKAYA, 2017, p.65). Neste sentido, ressaltamos que durante toda a sua militância, Krupskaya trabalhou para além de uma revolução nas estruturas econômicas, mas também pela reorganização intelectual e moral de uma sociedade a qual ela julgava que deveria viver livre da arbitrariedade imposta pelas agências formativas da sociedade, pois, no socialismo, é essencial que a educação ressalte a formação do sujeito.

O trabalho na escola é antes de tudo um fenômeno de ordem social, por isso deve ser concebido como uma das modalidades mais importantes do trabalho coletivo. Por outro lado, os cuidados com a moradia, a saúde e a segurança devem

ser políticas públicas universais que asseguram o direito dos indivíduos a uma formação para a coletividade.

Para alcançar os princípios que conduzem ao trabalho coletivo desde a infância e seu desenvolvimento multilateral, Krupskaya acreditava que o ponto de partida se alicerça na manutenção permanente pelo Estado dos serviços que promovem o bem-estar da vida das crianças e dos jovens, inferindo que o senso de coletividade reside na vida social e nas suas estruturas sistemáticas de funcionamento. Assim sendo, o Estado, sem manipular sua intervenção, deve ser o responsável pelo provimento das estruturas que aproximam a escola da vida social.

Em linha gerais, se fez imprescindível considerar também os elementos norteadores que compõem a base comum da aprendizagem das crianças e dos jovens. Krupskaya esclarece que o programa de educação soviética deveria dispor de uma visão de mundo plena, intimamente associada com a compreensão daquilo que está acontecendo na vida.

Uma citação um pouco longa, mas esclarecedora, do livro “Canto do Assum Preto” de 2018, capítulo ‘A Coletividade Como Práxis Pedagógica em Krupskaya’, nos auxilia nesse sentido:

- a. formação de hábitos para a vida coletiva, proporcionando às crianças e jovens uma escola coletiva, sem distinção de qualquer natureza, haja vista ser a própria organização escolar orientada pelo senso de coletividade;
- b. abordagem acerca da lógica do funcionamento societário em que vive, propiciando a compreensão da interdependência das modalidades econômicas, Estado e classes. Neste sentido, Krupskaya acentua, na composição curricular, a relevância dos estudos da História, do Marxismo e Economia Política.
- c. ampliação da capacidade de expressar e comunicar sentimentos e ideias, sendo necessário o domínio das linguagens em suas diversas tipologias. Vale ainda resguardar o potencial criativo, mediante domínio de técnicas de arte e produção artística, crítica e consciente, o que remete à necessidade de os estudantes permanecerem atentos ao entorno, seja local, nacional e internacional;
- d. estimulação do interesse pela investigação de fenômenos e fatos sejam eles provenientes das Ciências Naturais ou Sociais;
- e. incentivo às tentativas de interferência na vida, por menor que seja a capacidade de contribuição da escola para transformar algo, evitando a contemplação ou distanciamento das crianças e jovens aos problemas do seu entorno; afinal, a
- f. “a escola deve reagir à vida”. (KRUPSKAYA, 2017, p. 109);
- g. direcionamento da Matemática, Química etc., para o ponto de vista dos trabalhadores;
- h. inserção do trabalho produtivo na escola, de maneira que as crianças assumam a responsabilidade por atividades para o bem coletivo dos integrantes da escola, pois o trabalho coletivo educa para a ajuda mútua e solidariedade;

desenvolvimento de autodisciplina por intermédio do trabalho produtivo;
j. o trabalho como centro do estudo dos programas escolares, feito parte constitutiva da vida da comunidade escolar, como método de estudo.
(SOUSA, A. A; OLIVEIRA, E. G.; ARRAIS NETO, E. A. 2018. p.126).

Ao pensar o desenvolvimento integral do ser humano, nossa pedagoga concluiu que era necessário oportunizar a todos, sobretudo o que as classes dominantes já possuíam, sem se distanciar do coletivismo, do trabalho e da emancipação, pois era um grande desafio para os bolcheviques estruturarem uma sociedade emancipada sem dar continuidade ao trabalho explorado. (LODI, 2018).

É válido anunciar que Krupskaya não se ocupou em dar prioridade à produção de um “tratado sobre educação”, mas com seriedade defendeu que os estudantes devam ter direito, em primeiro lugar, a uma alimentação saudável, cuidados com a higiene do corpo e um ambiente limpo na escola, pois assim seria possível aprenderem a alegria do trabalho produtivo e criativo. Em suas produções é perceptível o cuidado para que os educandos inteiram-se de modo reflexivo sobre o mundo que os cercam; com efeito, apontou a leitura e intervenção no contexto como um elemento indispensável à práxis revolucionária.

[...] a população está interessada em que a escola fundamental, média e superior tenha uma finalidade comum; formar pessoas desenvolvidas multilateralmente, com predisposições sociais conscientes e organizadas, que tenham uma visão de mundo reflexiva, integral e que claramente entendam tudo o que está acontecendo ao seu redor na natureza e na vida social; pessoas preparadas na teoria e na prática para todos os tipos de trabalho, tanto físico quanto mental; pessoas capazes de construir uma vida social racional, cheia de conteúdo, bonita e alegre [...] (KRUPSKAYA, 2017, p. 70).

Para Krupskaya, essas pessoas eram fundamentais para que o socialismo se concretizasse plenamente, pois como seria possível (re) produzir um comportamento solidário, autônomo e revestido de atitudes coletivistas se a escola se mantivesse sendo condutora e reforçando os interesses capitalistas? Na visão da revolucionária, quando os educandos pudessem atuar como partícipes ativos da sociedade estariam exercendo sua autonomia, fortalecendo a autodeterminação e, sem esses elementos, não seria possível a organização com vistas ao abandono da conduta da escola burguesa que persiste em castrar a criatividade da juventude e colaborar para perpetuar a condição societária hegemônica.

A preocupação de Krupskaya atravessa o tempo e nos atinge fortemente, visto que o sistema educacional brasileiro sofre imensa precarização e, para alinhar-se às exigências capitalistas adota posturas incoerentes de cortes no orçamento das

instituições e de desrespeito para com os profissionais da educação, tratando investimentos como meros gastos e pesquisadores como promotores de balbúrdia.

Nos textos investigados da autora observamos que a educadora recomenda que os educandos tomem conhecimento da conjuntura política e que a familiarização com o panorama econômico deve ser fornecida “por meio de livros didáticos, ilustrações, cinemas, visitas a museus, exposições, fábricas, usinas, e por meio de participação na produção” (KRUPSKAYA, 2017, p.85), ou seja, pela relação viva entre a escola e o trabalho produtivo, pela valorização do potencial pedagógico da arte e fortalecimento do senso de pertencimento.

Lembrado por Gadotti (1991, p. 84), Paulo Freire afirma que “a transformação da educação não pode antecipar-se à transformação da sociedade, mas esta transformação necessita da educação”. Todavia, não caberia interpretar as afirmativas dos últimos autores citados enquanto anacrônicas, considerando nosso objeto de investigação, pois o debate que provocamos nos conduz ao entendimento de que os educadores coadunam suas ideias quanto a uma proposta pedagógica transformadora e revolucionária não somente ao nível institucional, mas também do ponto de vista da comunidade por meio da inserção dos sujeitos conscientes de si e do mundo.

Nessa perspectiva, a leitura do contexto também requer reflexão da própria existência, que para Paulo Freire consistem em;

[...] exercer a consciência é ter clareza sobre o aspecto dialético da educação, em que a conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica. (FREIRE, 2006, p. 30)

Inferimos que no pensamento de Krupskaya, a incorporação do senso de coletividade no âmago social corrobora com edificação dos princípios comunistas e, talvez seja por isso, que nas sociedades capitalistas, inclusive em nossos dias, se disseminem a idolatria ao egocentrismo e o discurso de ódio à temida “doutrinação comunista” principalmente nos espaços pedagógicos.

Neste sentido compreendemos porque Krupskaya defendeu tanto a transformação da escola repressora rumo à construção de um possível debate entre a sistematização da instrução e as relações com o trabalho, evidenciando com o seu pensamento revolucionário a edificação de uma abordagem pedagógica orientada

para a produção de novas formas de convivência onde não cabiam desigualdades quer sejam elas entre as classes ou de gênero.

Almejamos avançar nas discussões a respeito dos elementos basilares à práxis revolucionária elucidando que em Krupskaya, a palavra ‘autogoverno’ aparece como sinônimo de emancipação (LODI, 2018, p.82) e conforme Freitas (2017) auto-organização é sinônimo de autogestão, autodireção e organização própria ou local, mas como para Krupskaya, o termo não se emprega quanto à direção escolar e sim ao desenvolvimento da organização dos estudantes que é transferida para os processos sociais, em atendimento ao pensamento da autora, foi utilizado largamente à expressão auto-organização nessa investigação.

A categoria auto-organização em Krupskaya é empregada ora à escola ora aos educandos (sejam crianças ou jovens) ou à classe trabalhadora de modo geral. Elucidamos que esta, não se assemelha a concepção tratada na perspectiva liberal que atende à opressão do capital através de mascarados discursos em “prol da democracia” e também não intenciona reforçar a metodologia das instituições de educação burguesas que assentam seu “sucesso” no fomento à competição entre os indivíduos dissimulando os “pilares da educação” para fortalecer a mercantilização da escola.

Krupskaya igualmente a Pistrak supõe:

“[...] desde o início consideramos necessário apontar a questão do aspecto social da escola soviética e fixar as finalidades da auto-organização como finalidades ligadas com as tarefas da construção revolucionária” (PISTRAK, 2018, p.52).

Na concepção da revolucionária, a auto-organização enquanto elemento de alcance da práxis revolucionária está comprometida com a superação de todas as formas de exploração das relações sociais capitalistas revestidas de exploração e alienação. A auto-organização é também manifestação da práxis do senso de coletividade e representa;

[...] um meio de infundir, dentro de certos limites, vida e trabalho. Para que se aprenda a viver conjuntamente, é preciso aprender a respeitar o trabalho, conhecer as inclinações das outras pessoas, é preciso aprender a levar em conta os outros com as suas necessidades e suas emoções. Para aprender a trabalhar junto, é preciso aprender a conhecer o tamanho de suas forças e das forças dos outros. (KRUPSKAYA, 2017, p.115).

Deste entendimento se fortalece a valorização que Krupskaya dá em seus escritos às experiências significativas das crianças, pois a prática da auto-

organização reflete na vida comum e no caráter educativo do trabalho coletivo da comunidade escolar (KRUPSKAYA, 2017).

Nessa perspectiva, a pedagoga pontua que é preciso empenhar-se para que a educação de hábitos coletivistas desde a infância oportunize que na vida adulta, tais costumes sejam transferidos de maneira orgânica; “Nós podemos dizer com toda certeza que a nova geração precisará de hábitos de organização em maior medida do que nós (KRUPSKAYA, 2017, p. 118)”.

De acordo com (FREIRE, 2006, p. 70)

“[...] se trabalho com crianças, devo estar atento à difícil passagem da heteronomia para a autonomia, atento à responsabilidade de minha presença que tanto pode ser auxiliadora como pode virar perturbadora da busca inquieta dos educandos”.

O incômodo porventura causado em virtude da repetição da ideia de que para Krupskaya toda a ideologia que embasa e fortalece o comunismo deve estar presente desde a educação das crianças, é apenas para reforçar que para a autora, a transformação pedagógica reside na criança e na juventude e, tomando de empréstimo o dizer popular “as crianças são o futuro da nação”, afirmamos autorizados por Krupskaya que é nessa direção que se assentam as mudanças das práticas individualistas para coletivistas da sociedade dita socialista.

Nesse sentido, a missão revolucionária não seria limitada a socialização do poder político à classe trabalhadora, pois, sendo a revolução de outubro, a percussora de outros levantes, a tarefa revolucionária ganhou espaço também no campo da educação reverberando transformações resultantes das tarefas que envolvem esse complexo.

Segundo Krupskaya, um possível caminho para reconfigurar a sociedade pelo complexo da educação é o ativismo social, pois este representa a forma como cada indivíduo conduz um determinado trabalho social pelo qual será responsável ante ao coletivo. Nessa direção, o coletivismo se relaciona diretamente ao ativismo social e segundo a autora,

“[...] entre os hábitos que deve proporcionar a escola soviética ao aluno, o principal é o hábito de ativista social, não de militante individualista, mas coletivista. [...] Faz falta educar sistematicamente nos alunos o costume de enfocar qualquer questão do ponto de vista dos interesses de todos. (KRUPSKAYA, 1986, p. 143-144).

Vale ressaltar que para Krupskaya o ativismo social pode até ter início no espaço escolar, mas não se limita a ele, pois rompe com as barreiras entre escola e comunidade, distribuindo-se pelos fenômenos da vida social uma vez que a práxis

revolucionária orienta-o.

O trabalho social aqui defendido não tem qualquer relação com o entendimento burguês cuja prática do trabalho social transfere para os sujeitos as tarefas de responsabilidade do Estado. O trabalho social na visão socialista deve ser organizado vinculado à produção real e voltar-se para o movimento da totalidade, pois o controle da auto-organização se dá pelo indivíduo dentro da coletividade, possibilitando a transformação do mundo do trabalho pelo homem. Nessa trilha, Krupskaya orienta em seus escritos que não importa o grande número de trabalhos sociais que a escola resolverá, o mais importante são as habilidades sociais formadas por ela.

[...] todo o trabalho de tais escolas, que abrange o estudante por inteiro, favorece o desenvolvimento multilateral de sua personalidade. O trabalho coletivo organizado de modo racional ensina a habilidade de viver e trabalhar em conjunto. A auto-organização escolar desenvolve a habilidade de organizar a vida social. (KRUPSKAYA, 2017, p.55).

Destacamos que a produção teórica de Krupskaya muito colaborou para a centralidade da abordagem de uma educação emancipatória e sua concepção a cerca do senso de coletividade representou, principalmente no período da transição social, um caminho para transformar os espaços pedagógicos, políticos, culturais, assim como a relação entre homens e mulheres, aproximando-os da expectativa de nova geração ansiada pelos socialistas. A revolucionária trabalhou para que a partir da tomada de consciência de si, fosse possível perceber a interdependência do outro nas relações sociais. Alcançamos em Krupskaya que o autoconhecimento revela a urgência da empatia e o caminho para a construção de uma sociabilidade cooperativa através da auto-organização e que a educadora soviética compreende como dinâmica da coletividade a práxis do “eu sou porque nós somos”⁵⁵.

⁵⁵ “Na perspectiva filosófica, ‘eu sou porque nós somos’ baseia-se no princípio de *ubuntu*. A palavra surgiu no idioma Zulu e representa uma ideia que leva à percepção de que nos humanizamos por meio dos demais. O termo transmite um significado muito importante, de que todos os seres humanos formam uma parte inseparável do tecido que forma a humanidade. Ou seja, o que cada um faz, ou que deixa de fazer, tem consequências na vida dos demais”. Fonte: <https://marista.org.br>.

4. O PRODUTO EDUCACIONAL

O Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, PROFEPT, tem como um de seus requisitos a elaboração de um Produto Educacional como objeto de aprendizagem que deve ser materializado numa produção didática. Segundo a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), esse recurso objetiva ser utilizado por profissionais da educação em espaços pedagógicos formais e não formais, classificando-se em: mídias educacionais, protótipos educacionais e materiais para atividades experimentais, propostas de ensino, materiais interativos, atividades de extensão e material textual.

Os materiais textuais integram os produtos educacionais agrupados como: manuais, guias, texto de apoio, artigo em revistas técnicas ou de divulgação, livros didáticos e paradidáticos, histórias em quadrinhos e similares. Na presente investigação, a ferramenta instrutiva escolhida foi um guia referencial em formato de literatura de cordel. O material foi elaborado baseado na experiência do projeto de extensão coletivo feminista As Sertanistas do IFCE, *Campus* Quixadá e na influência dos desdobramentos da pesquisa intitulada “O senso de coletividade em Krupskaya: educação, mulher e revolução” conduzida pela pesquisadora que também é componente do grupo observado.

Um material educativo não é apenas um objeto (texto, multimídia, audiovisual ou qualquer outro) que proporciona informação, mas sim, em determinado contexto, algo que facilita ou apoia o desenvolvimento de uma experiência de aprendizado, isto é, uma experiência de mudança e enriquecimento em algum sentido: conceitual ou perceptivo, axiológico ou afetivo, de habilidades ou atitudes. (KAPLÚN, 2003, p.6).

Reputamos valoroso o potencial didático da literatura de cordel e por essa razão, o objetivo medular do produto educacional é tornar-se uma ferramenta para encorajar a formação de novos coletivos feministas enquanto projeto de extensão e núcleos de estudos, bem como enriquecer o debate a respeito da auto-organização das mulheres através da divulgação das ações e fortalecimento do projeto extensionista As Sertanistas do IFCE *Campus* Quixadá.

4.1. Na tessitura do produto educacional: quanto ao objeto

4.1.2 As Sertanistas

A pesquisa investigou também a auto-organização coletiva fundamentada no pensamento da militante russa como elemento de transformação social e, considerou as contribuições da autora para a educação e a emancipação das mulheres. Desta feita, julgamos pertinente à elaboração de um produto educacional que dialogasse com os princípios e categorias que nortearam a investigação científica. Assim sendo, o objeto de análise do produto educacional concretizou-se no coletivo feminista As Sertanistas.

O projeto de extensão⁵⁶ As Sertanistas trabalha educação, questões de gênero e feminismo como temáticas inerentes aos direitos humanos, à justiça social e à promoção da cidadania. Agrega os servidores docentes e técnico-administrativos em educação (com destaque para equipe multiprofissional do setor de assistência estudantil, CAE⁵⁷) e discentes, tanto do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - IFCE, *campus* Quixadá quantos alunos (as) e professores (as) de escolas públicas, assim como também, mulheres e meninas de alguns municípios do Sertão Central Cearense⁵⁸, isto é, a comunidade externa em geral.

Apresenta como compromisso fundante a transformação social e a emancipação da mulher e promove reflexões-ações-reflexões sobre questões de gênero e feminismo na sociedade viabilizando a construção da autonomia feminina, a partir do pensamento crítico, da desconstrução cultural de paradigmas opressores e do combate a todas as formas de violência, preconceito, desigualdade e subordinação da mulher com foco no Sertão Central Cearense.

Com estratégias metodológicas de acolhimento, escuta, partilha, esclarecimento, cura e emancipação feminina, as ações desse projeto envolvem:

⁵⁶ Ação processual, de caráter educativo, social, cultural, científico ou tecnológico, formalizada com objetivo específico e prazo determinado, visando resultados de mútuo interesse para a comunidade externa e acadêmica. O projeto pode ser vinculado ou não a um programa. Atividades tais como curso, evento e prestação de serviços podem ser incluídas na proposta do projeto, quando realizadas de forma integrada. Fonte: <https://ifce.edu.br/proext/arquivos/manual-da-extensao-ifce.pdf>

⁵⁷ A Coordenadoria de Assuntos Estudantis é composta por uma equipe de multiprofissionais como psicólogo, dentista, enfermeiro escolar, assistente social e assistente de alunos.

⁵⁸ Características geoambientais dominantes: Domínios naturais dos sertões e das serras secas. Composto por 13 Municípios: Banabuiú, Choró, Deputado Irapuan Pinheiro, Ibaretama, Ibicuitinga, Milhã, Mombaça, Pedra Branca, Piquet, Carneiro, Quixadá, Quixeramobim, Senador Pompeu e Solonópole. <http://www2.ipece.ce.gov.br>

grupo de estudos, de pesquisas de campo, documentação fotográfica, promoção e participação em eventos sobre questões de gênero, entrevistas, coleta de depoimentos, aplicação de questionários, rodas de conversa e/ou palestras em escolas públicas e em demais ambientes que envolvam a comunidade interna e externa da Instituição.

4.1.3 O ponto de partida

A iniciativa para a criação do primeiro coletivo feminista do IFCE *Campus* Quixadá surgiu no início de 2018 a partir do olhar de Marisângela dos Santos, a assistente social que realiza um trabalho na Instituição de ensino desde a sua fundação em 2010. Mari, como é conhecida pela comunidade acadêmica, percebeu a necessidade da formação de um grupo voltado para discutir as questões das mulheres, considerando, sobretudo, a natureza dos cursos ofertados à época no *campus*, uma vez que estes estavam voltados, quase que exclusivamente, para as áreas de tecnologias e suas aplicações às engenharias. Neles, o quantitativo de estudantes do sexo masculino era predominante, o que colaborava para a externalização e naturalização de práticas machistas no ambiente acadêmico.

A princípio, a ideia era promover junto aos discentes discussões sobre temáticas que envolvem preconceito, assédio e também refletir sobre as dificuldades enfrentadas pelas mulheres para defenderem seus posicionamentos em sala de aula e terem seu espaço enquanto estudante e mulher respeitado e garantido.

Tal proposta foi inicialmente materializada com a chegada das estagiárias da CISNE – Faculdade de Quixadá (CFQ)⁵⁹ –, através da realização de um projeto de intervenção. O projeto não foi preliminarmente voltado para reunir mulheres feministas ou discutir a crítica literária do feminismo, mas voltado para unir mulheres que estavam inseridas no *campus*, eram elas; professoras, técnicas administrativas em educação e alunas. O objetivo preliminar da iniciativa era desenvolver um coletivo de escuta e ações que seriam concretizadas mediante o apoio da equipe da assistência estudantil.

As primeiras ações difundidas pelo recém e pequeno grupo de mulheres foram simples, porém de grande importância, como a leitura e a produção de

⁵⁹ Criada em 2012 para ofertar principalmente cursos voltados para o Bacharelado e para o Ensino Superior de Tecnologia, a CISNE – Faculdade de Quixadá (CFQ) rompeu com a proposta puramente tecnicista abrindo em 2014 o Curso de Serviço Social. <https://faculadecisne.edu.br/>

poesias como forma de fomentar e garantir a liberdade de expressão das mulheres, bem como a divulgação de dicas de encorajamento às estudantes. Tais orientações eram por elas mesmas produzidas e divulgadas nos espaços da Instituição. Tamanha simplicidade representou o lançamento de uma semente que almejava se fortalecer e crescer, assim como a construção identitária do coletivo de mulheres.

Aline Nobre, aluna do curso de Engenharia Ambiental, Shirley e Dayane, alunas do curso de Geografia, Denise, enfermeira do *Campus* e Mari foram as primeiras organizadoras das reuniões que buscavam agregar mulheres da comunidade acadêmica e propagar o trabalho da equipe. Juntas, decidiram o primeiro nome do coletivo, a saber; Maria Bonita! Surgiram diversas opções de nomenclatura para o batismo, porém Maria Bonita carregava uma representatividade ímpar com o sertão, com as duras histórias narradas sobre o rústico cotidiano de mulheres tão valentes e corajosas. Mulheres estas que lidavam com a dupla tarefa de cuidar de suas casas e frequentar uma instituição de ensino, tanto para trabalhar quanto para estudar, todas estavam em busca de galgarem um futuro melhor. Lidavam ainda com a dificuldade de transporte para chegarem ao *campus*, com o rijo calendário acadêmico e a incompatibilidade de horários para os encontros do recém-formado coletivo.

Acreditando que o coletivo precisava ganhar força, as participantes decidiram divulgá-lo numa Assembleia do curso de Licenciatura em Geografia tomando a iniciativa de fazer o convite para que outras mulheres se unissem ao movimento. Após esse concílio, integraram-se ao coletivo a professora Camila Sampaio, coordenadora do curso de Geografia e atual condutora do projeto As Sertanistas, e também as discentes Pâmela, Carol e Débora. Já no primeiro encontro com as novas componentes do coletivo foi discutida uma agenda de atividades, ficando organizado que os encontros seriam quinzenais, sendo um encontro para estudos e outro encontro para planejar ações durante o mês. Foi estabelecido também que em qualquer um dos encontros haveria abertura para partilhas de dificuldades vivenciadas pelas componentes do coletivo, pois o grupo nunca perdera sua essência acolhedora baseada na empatia.

Figura 15: Primeiro encontro após a nova formação, março (2019)



Fonte: Portfólio As Sertanistas.

4.1.4 Sertanistas, presente!

A atuação do coletivo As Sertanistas concentra-se no acolhimento de mulheres que estejam, direta ou indiretamente, inseridas no território de exercício do movimento feminista. A promoção de estudos e atividades que contribuam para a educação/esclarecimento sobre questões de gênero e feminismo enquanto elementos de transformação social possibilitam trocas de experiências e partilha de saberes que buscam colaborar no processo de desconstrução dos paradigmas patriarcais em alguns municípios do Sertão Central Cearense, em especial, de Quixadá.

Apoiar mulheres na ocupação de espaços de poder e luta por direitos humanos e sociais, incentivar o conhecimento de questões naturais (corpo e seus processos) e reflexão de questões sociais (papel social e preconceitos enfrentados) da mulher, contribuir para o fortalecimento da autonomia, igualdade de direitos, dignidade e respeito às mulheres no Sertão Central Cearense são alguns dos objetivos das ações executadas pelo projeto extensionista As Sertanistas.

Sempre atentas a realidade que nos cerca, uma das primeiras campanhas educativas promovidas pelo coletivo teve o intuito de ressaltar a importância da promoção de relacionamentos amorosos saudáveis, combatendo os relacionamentos abusivos que são marcas culturais da sociedade patriarcal na qual o machismo estrutural vigora. Foram realizados momentos de diálogo em sala de

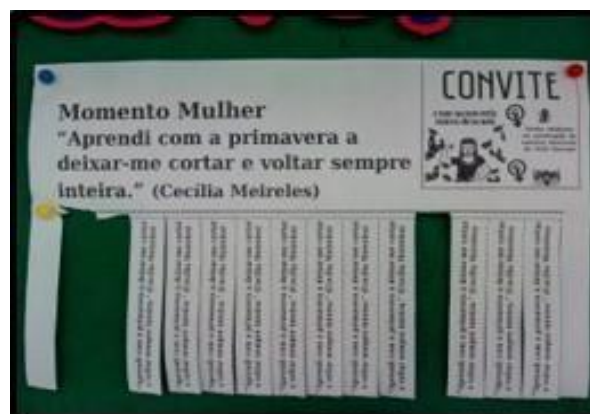
aula e distribuição de materiais produzidos pelas sertanistas. Tal ação representou a concretização dos primeiros planos da formação inicial do coletivo.

Figura 16: Mensagens de suporte às Mulheres distribuídas nas salas de aula durante palestras



Fonte: Portfólio As Sertanistas.

Figura 17: Mensagem de apoio às mulheres no mural do Campus



Fonte: Portfólio As Sertanistas.

O sertão Central cearense está banhado de vida, em forma de mulheres que existem e resistem – elas são a mais pura expressão de coragem, afeto, luta e esperança de empoderamento⁶⁰ feminino como ferramenta de sobrevivência com o semiárido. Cientes dessa realidade, As Sertanistas participaram do importante evento III Jornada de Gênero- Mulheres do Sertão: Vozes que existem e resistem! Foram dois dias de acolhimento, escuta, partilha, conhecimento e autoafirmação na luta terna pela construção de uma sociedade com equidade de gênero.

Figura 18 - Cartaz do evento III Jornada de Gênero



⁶⁰ Para a Plan International Brasil, “empoderamento” é um processo que requer uma mudança multidimensional com o intuito de desenvolver a capacidade das meninas para tomar decisões importantes em suas vidas, assim como mudar a estrutura de regras rígidas. Além disso, criar marcos legais e políticos de mudança para transformar as relações sociais, onde o desenvolvimento das meninas é profundamente afetado por relações de poder, pelo rebaixamento social e pela violência. Fonte: <https://plan.org.br/afinal-o-que-e-empoderamento-feminino/>

Figura 19: Sertanistas e participantes da oficina “Vozes em foco”



Fonte: Portfólio As Sertanistas.

Buscando avançar nessa construção, as Sertanistas uniram suas vozes a de outros movimentos locais, a exemplo, a parceria com o importante coletivo feminista Projeto Severinas Mulheres do Sertão⁶¹. Juntas, Sertanistas e Severinas oportunizam, em eventos de participação conjunta ou cada coletivo respeitando sua respectiva agenda, que discussões e reflexões sobre igualdade de gênero e relações de poder fortaleçam suas identidades e a de mulheres sertanejas que, por vezes, são injustamente lembradas apenas pelo sofrimento diário inerente ao modo de vida.

Tão importante quanto discutir uma base teórica para orientar os movimentos de mulheres, os coletivos feministas que despontam no sertão central cearense destacam-se, principalmente, pela práxis da coletividade. Suas atividades buscam o acolhimento e o fortalecimento de mulheres rumo à desconstrução do machismo e a consolidação da autonomia feminina.

⁶¹ O projeto Severinas - Mulheres do Sertão são imagens e vídeos de mulheres que viveram toda a sua vida no Sertão, que carregaram água na cabeça e nunca deixaram a força secar, que criaram seus filhos sendo matriarcas da família ou engolidas pelo patriarcado. São imagens de rostos, corpos, rugas. São falas de silenciamento, de luta, relatos de vida, pequenas delicadezas cotidianas de mulheres que vivem no interior do Ceará, mais precisamente na região do Sertão Central. Afeto e escuta, empoderamento e sororidade, mulheres de várias gerações reunidas compartilhando histórias, essa é a essência do Severinas. Fonte: <https://prosas.com.br/projetos/32319-projeto-severinas-mulheres-do-sertao>.

As representantes das Sertanistas estiveram no Assentamento Recreio⁶², em Quixeramobim-CE simbolizando o coletivo do IFCE *campus* Quixadá e partilhando uma valorosa ação realizada pelas componentes do projeto Severinas Mulheres do Sertão e aproveitaram a oportunidade para buscarem informações que embasaram a pesquisa “Geografia e gênero: a imagem fotográfica como fomentadora da identidade e territorialidade da mulher camponesa no sertão central cearense”.

O objetivo da pesquisa foi analisar a função da imagem fotográfica, através do estudo de caso da exposição do projeto “Severinas Mulheres do Sertão”, como instrumento de fortalecimento da identidade e, conseqüentemente, de territorialidade de mulher camponesa no sertão central cearense. A investigação científica desenvolveu-se em conjunto pelas Sertanistas Daiany, Andressa e Camila e foi apresentada na Semana Universitária da Universidade Estadual do Ceará, UECE em 2019.

Figura 20: As Severinas, As Sertanistas e as gloriosas mulheres do sertão do Quixeramobim (2019)



Fonte: Portfólio As Sertanista.

⁶² Integrante do Projeto Recreio do INCRA, o assentamento Recreio conta com 50 famílias assentadas, beneficiando uma população estimada em 300 pessoas. Fonte: <https://www.dnocs.gov.br/php/comunicacao/noticias>.

Figura 21 - Observação do projeto fotográfico do coletivo As Severinas



Fonte: Portfólio As Sertanistas

Figura 22 - Integrantes dos Projetos Severinas e As Sertanistas



Fonte: Portfólio As Sertanistas

As Sertanistas estiveram presentes também na III Semana Acadêmica da Licenciatura em Geografia do IFCE-Quixadá promovendo um Cine debate por meio da promoção de roda de conversa em torno da obra cinematográfica, Absorvendo

Tabu⁶³. O curta metragem trata as questões naturais e sociais da mulher, respectivamente, a menstruação e o preconceito, numa comunidade indiana. A temática apresentou-se como uma importante oportunidade para As Sertanistas dialogarem sobre as relações da cultura, o lugar e a mulher na atualidade.

Figura 23 - Cartaz do evento Cine Debate



Fonte: Portfólio As Sertanistas

Figura 24 - Diálogos sobre o filme Tabu



Fonte: Portfólio As Sertanistas

Na trilha da temática sobre gênero, sexualidade e diversidade sexual, As Sertanistas em conjunto com o Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão em Geografia (LEPEG) de Quixadá, organizaram no primeiro semestre de 2020 o minicurso⁶⁴ *LGBTQIA+ e formação docente: reflexões de uma educação para a diversidade*, realizado através da ferramenta *Googlemet* para docentes e alunos de todos os *campi* do IFCE. O minicurso oportunizou, entre tantas discussões, o debate sobre o uso correto dos termos vinculados à diversidade sexual e o papel da escola no combate à desigualdade de gênero.

Dentre as inúmeras ações das Sertanistas destacam-se; participação no VI Seminário LECGEO⁶⁵ através da apresentação do trabalho *Mulheres e o Sertão: histórias de resistência* e, na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia – Universo IFCE 2019, produção de oficina sobre educação e arte, como um instrumento de

⁶³ Absorvendo Tabu filme que acompanha o cotidiano de uma comunidade rural na Índia. Em Harpur, a primeira menstruação significa que as meninas devem interromper os estudos. Em muitos casos, o machismo resulta na falta de produtos de higiene adequados.

⁶⁴ O minicurso foi ministrado pela Professora Jossefrania Vieira Martins do Campus Limoeiro do Norte.

⁶⁵ O Laboratório de estudos sobre Espaço, Cultura e Política (LECgeo) foi fundado oficialmente em abril de 2008 na Universidade Federal de Pernambuco <https://www3.ufpe.br/lecgeo/>.

transformação social na I Mostra do FAS Mulheres⁶⁶- O futuro é mulher!, que ocorreu na Casa de Saberes Cego Aderaldo⁶⁷, e ainda apresentação do trabalho: *A influência do livro A Política Sexual sobre o pensamento feminista no Sertão Central Cearense*.

Integrou também o evento Mulheres do Mundo – Mostra Sesc de Cultura⁶⁸ e a Mesa redonda sobre o Movimento LGBT no Sertão Central Cearense em setembro de 2019 também em evento no espaço institucional da Secretaria da Cultura do Estado do Ceará (Secult - CE), Quixadá.

Figura 25 – Ação Março Feminista



Fonte: Portfólio As Sertanistas

Figura 26 – Roda de Conversa



Fonte: Portfólio As Sertanistas

Acentuamos como destaque a atividade realizada em torno da temática outubro rosa, cujo principal objetivo foi educar, desmistificar a doença e despertar para a necessidade do diagnóstico precoce do câncer de mama, a atenção pela defesa da vida das mulheres bem como destacar o papel Estado quanto a promoção de políticas públicas de atendimento integral à saúde feminina.

Ademais, o coletivo organizou uma programação para o mês dedicado à luta e resistência das mulheres, batizado de março feminista. No evento intitulado de "Se flores nascem no sertão, machistas não passarão: a educação como instrumento de emancipação", a programação contou com instalações artísticas expostas na instituição, roda de conversa sobre o tema: *Por que precisamos do feminismo?*

⁶⁶ Fotografia, Artes e Saber (FAS) é um projeto desenvolvido pela Secretaria da Cultura. <https://www.secult.ce.gov.br/>.

⁶⁷ A Casa de Saberes Cego Aderaldo é um espaço institucional da Secretaria da Cultura do Estado do Ceará (Secult), voltado à arte, à educação e ao patrimônio no município de Quixadá/CE. Fonte: <https://www.secult.ce.gov.br/>.

⁶⁸ <http://www.mostrasescdeculturas.com.br/>

Palestra abordando a tese; *Mecanismos de Fortalecimento da Mulher no Século XXI* debate com discentes do ensino integrado⁶⁹ por meio da proposição; *Feminismo da escola, pra quê?*, Além do mais uma exposição nomeada de *Feira Cultural das Minas*⁷⁰ com o intuito de descortinar talentos e expor o trabalho de artesãs e mulheres empreendedoras locais.

FIGURA 27 - Ação outubro rosa⁷¹



Fonte: Portfólio As Sertanistas

FIGURA 28 – Sertanista em debate⁷²



Fonte: Portfólio As Sertanistas

Enfatizamos que a Lei 11.892⁷³, de 29 de dezembro de 2008, que criou os Institutos Federais, fortaleceu o papel das atividades de extensão e ratificou a indissociabilidade com o ensino e a pesquisa, o que contribuiu para harmonizar e articular o saber sistematizado com a comunidade interna e externa da instituição de ensino. Por meio das ações de extensão, o IFCE contribui para efetivar a socialização do conhecimento e da cultura.

⁶⁹ Ensino integrado ou integração curricular são terminologias usadas no Brasil para caracterizar a educação geral ou propedêutica articulada a educação profissional do ensino médio.

⁷⁰Evento itinerante organizado por um coletivo de empreendedoras e artistas que ocorre em algumas cidades brasileiras com a intenção de ampliar a presença feminina no cenário dos negócios, divulgar e comercializar mercadorias produzidas exclusivamente por mulheres.

⁷¹ Palestra promovida com o apoio da enfermeira da CAE e membro das sertanistas Denise Oliveira.

⁷² Tema do debate: Por que precisamos do feminismo?

⁷³ Lei que Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11892.htm.

4.2 DESENVOLVIMENTO DO PRODUTO: CAMINHOS E APROXIMAÇÕES; O GUIA REFERENCIAL

4.2.1 *Cordel: recurso e resistência*

Cordel, estilo literário de origem europeia, nasceu em Portugal e teve seu princípio marcado pela presença dos chamados trovadores medievais⁷⁴. As explanações eram disseminadas oralmente entre o povo, que, em sua maioria eram analfabetos. Os relatos míticos eram geralmente sobre reis, princesas, cavalaria, castelos, tesouros, guerras e conquistas de terras, o que marcou o estilo da narrativa em seu berço. Durante o renascimento⁷⁵, ocorreu um considerável progresso tecnológico que permitiu a impressão em papéis. O cordel que antes era apenas contado e cantado ganhou versão textual.

Quanto à estrutura, os folhetos seguem a regra da métrica⁷⁶ e rima, sendo classificados de acordo com o tamanho das estrofes; seis linhas são sextilhas, já os cordéis cujas estrofes possuem sete versos, são chamados de septilhas. São constituídos a partir de folhas de papel normalmente de cor parda e dobradas em quatro partes, por essa razão, os livretos se apresentam sempre contendo o número de páginas em múltiplos de quatro.

Quando trazidos pelos lusitanos ao Brasil no século XVIII, os folhetos adquiriram características de histórias não tão fantásticas quanto às europeias, mas de narrativas de vivências reais de índios, negros e caboclos das terras americanas,⁷⁷ gerando a independência desse estilo no Brasil, principalmente na região Nordeste, esteio desse gênero poético onde ficou popularmente conhecido por literatura de cordel.

Política, educação, economia, saúde, cultura e tantos outros assuntos gerais são exemplos de temáticas sociais que podem a luz da literatura de cordel ganhar sonoridade e beleza. Segundo Severo e Araújo (2015, p. 407) “o cordel, mais de que

⁷⁴ Os trovadores eram artistas da nobreza do período medieval, em oposição aos jograis que eram das classes inferiores. A sua própria origem já está conectada com a música, pois compunham as poesias e as melodias para se acompanharem ao alaúde, por exemplo. Algo como poetas-cantores.

⁷⁵ O Renascimento foi um movimento cultural, econômico e político que surgiu na Itália do século XIV, se consolidou no século XV e se estendeu até o século XVII por toda a Europa.

⁷⁶ Metrificação é a arte que ensina os elementos necessários à feitura de versos medidos

⁷⁷ O território que hoje corresponde ao Brasil era, segundo as cartas de Pero Vaz de Caminha, chamadas de “terras americanas.”

um ‘estilo’ literário perpassa as expressões culturais e se traduz em diversas possibilidades educativas e comunicativas”.

Tendo em vista que esse estilo literário ocupa um espaço de criação percebido em níveis que, variam do simbólico ao histórico e, possui relação direta com a identidade cultural do povo nordestino, sobretudo dos sujeitos que vivem no sertão - lócus do nosso objeto do produto educacional -, propomos neste trabalho a exploração do potencial didático do cordel, por meio das experiências das Sertanistas, seus aprendizados, suas lutas e a necessidade de ampliar esse importante projeto através do fomento da auto-organização de novos coletivos feministas considerando a urgência social da temática. A escolha por este formato foi unânime entre as integrantes do coletivo para compor nossa proposta de produto educacional.

Os cordéis que compõem o guia referencial estão imbuídos da memória do saber tradicional, das experimentações do viver coletivo, do saber científico em conto poético, numa linguagem ao mesmo tempo descomplicada e formosa, que nos atrai pela sonoridade das letras na construção dos versos e rimas e também pela contação deleitosa das conjunturas.

Ter o cordel como produto educacional pode representar um passo valioso para o devido reconhecimento e resgate desse tipo de literatura e igualmente dar aos sujeitos, a oportunidade de apreciar o legado e a expressividade de mulheres que inspiram o fazer solidário e coletivo.

Segundo Diniz (2016);

“[...] o cordel pode conduzir o leitor a uma viagem fascinante, a um universo textual completamente diferente do habitual onde a rima é um dos elementos que atrai, que desperta a curiosidade além de suscitar a sensibilidade artística”. (DINIZ, 2016, p.4).

Prestigiar a cultura popular é também papel da educação, visto que corrobora com o cuidado à manutenção do saber, seja ele científico ou empírico, manifestado em instrumentos de visível potencial pedagógico como a literatura de cordel.

4.2.2 Descrição, Metodologia e aplicação

Reconhecemos que é também função das instituições de ensino a promoção de espaços de diálogo para oportunizar que sejam desconstruídos paradigmas que oprimem, principalmente, os sujeitos que estão na linha de frente dos ataques e desigualdades inerentes ao sistema capitalista. Posto isto, situamos de que forma o IFCE tem institucionalizado as discussões em torno das questões que envolvem o protagonismo feminino, direitos e emancipação das mulheres investigando o eixo Extensão.

Foram realizadas consultas no Sistema de Gerenciamento da Pró-reitoria de Extensão (SIGPROEXT), uma ferramenta existente desde 2014, que permite o cadastro, a validação e o acompanhamento dos eventos, dos cursos, dos projetos e dos programas desenvolvidos nessa área, cuja atuação se volta às atividades de extensão na instituição.

No âmbito do IFCE, segundo o Manual de Extensão (2014) as ações são classificadas em: evento, projeto e programa. Estas compreendem um conjunto de ações de médio a longo prazo, com clareza de diretrizes e são orientadas na direção de um objetivo comum, articulando a pesquisa e ensino.

Foram localizadas e organizadas no quadro abaixo, ações considerando a classificação descrita pelo manual de extensão e cuja temática está inserida no escopo do nosso produto educacional:

Quadro 2 – Ações da Extensão que envolvem questões sobre as mulheres

TIPO DE AÇÃO	CAMPUS	TÍTULO	ÁREA TEMÁTICA	LINHA DE EXTENSÃO	PERÍODO
EVENTO	Baturité	Live no instagram sobre trabalho e mulher.	Educação	Acesso à Educação	Maio 2020
	Paracuru	Premiação de mulheres pesquisadoras e extensionistas do IFCE campus Paracuru e de mulheres paracuruenses – 2020	Direitos Humanos e Justiça	Acesso à Educação	Março 2020
	Tabuleiro	Semana da Mulher	Trabalho	Empreendedorismo	Março 2020
	Juazeiro	Mês da Mulher - Sobre lutos e lutas	Direitos Humanos e Justiça	Questões de gênero e diversidade sexual	Março 2020
	Tianguá	A valorosa contribuição das mulheres na agricultura	Educação	Acesso à Educação	Março 2020

	Sobral	Eu, tu e elas - feminismo em pauta.	Direitos Humanos e Justiça	Questões de gênero e diversidade sexual	Março 2020
	Quixadá	Março Feminista - "Se flores nascem no sertão, machistas não passarão: a educação como instrumento de emancipação"	Direitos Humanos e Justiça	Questões de gênero e diversidade sexual	Março 2020
PROJETO	Quixadá	Coletivo Feminista As Sertanistas	Educação	Acesso à Educação	Dezembro 2019
	Juazeiro	Combate às desigualdades de gênero e estudos feministas	Direitos Humanos e Justiça	Questões de gênero e diversidade sexual	Dezembro 2019
	Paracuru	Feminismos plurais na terra da luz: biografias de resistência	Direitos Humanos e Justiça	Questões de gênero e diversidade sexual	Abril 2019
PROGRAMA	0	0	0	0	0

Fonte: Dados; <http://sigproext.ifce.edu.br/>. Quadro: Produzido pela autora (2020)

Ainda no sistema, verificaram-se informações referentes ao local de atuação, fomento, municípios de abrangência, formas de avaliação, formas de divulgação e atividades realizadas para cada ação.

Apesar de considerarmos muito importantes os trabalhos que já foram realizados, percebemos a carência de iniciativas de ações em suas três categorias, voltadas para as questões de gênero e feminismo no IFCE, tendo em vista que a instituição possui 33 *campi* sendo 44%⁷⁸ dos estudantes do sexo feminino.

A falta de ações nos encorajou a revelar o projeto coletivo feminista As Sertanistas, primeiramente pela imprescindível dignidade de suas práticas e, depois, para encorajar a auto-organização de novos coletivos, ampliando as ações da extensão na desconstrução e combate às expressões de opressão e violência que as mulheres são histórica e culturalmente submetidas.

Englobado na classificação materiais textuais da CAPES e intitulado de “As Sertanistas em cordel: a práxis da coletividade: guia referencial para formação de coletivos feministas no IFCE”, o produto educacional foi elaborado considerando os procedimentos metodológicos ancorados nos três eixos para análise e construção de mensagens educativas indicadas por Gabriel Kaplún, a saber: o eixo conceitual, o pedagógico e o comunicacional.

O primeiro se refere aos conteúdos, sua seleção e organização. A construção do segundo implica uma análise dos destinatários da mensagem, propondo identificar suas ideias construtoras e os possíveis

⁷⁸ Dados retirados da plataforma IFCE em números no primeiro semestre de 2020.

conflitos conceituais a provocar. Finalmente, o eixo comunicacional propõe, através de algum tipo de figura retórica ou poética, um modo concreto de relação com os destinatários.
(KAPLÚN, 2003, p.8).

O eixo conceitual está concatenado com as ideias centrais expostas pelo material. Os conceitos constituem a base teórica utilizada para embasar o produto. Estes, de natureza científico-filosóficos, nos auxiliaram no estabelecimento de conexões entre a inter-relação do conteúdo principal e os secundários. A base teórica foi ancorada a cada encontro das Sertanistas, sendo 6 no total, através das leituras e do debate dos seguintes materiais: “Nadezhda Krupskaya: Uma estrela vermelha” – partes selecionadas do livro da pesquisadora Samantha Lodi -, “A Coletividade como práxis Pedagógica em Krupskaya”, - capítulo do livro Canto do Assum Preto, textos escolhido do Livro “Mulher Estado e Revolução”, de Wendy Goldman como também da obra de Heleieth Saffioti, “A Mulher na Sociedade de Classes; mito e realidade”.

A atuação nas discussões durante as reuniões quinzenais do coletivo foi uma importante ferramenta para As Sertanistas compreenderem os contextos pedagógicos dos sujeitos aos quais o produto se destina, se suas demandas poderão ser respondidas pelo produto, bem como o aprofundamento do debate que orienta o grupo.

O eixo pedagógico, segundo Kaplún (2003) é o articulador principal de um material educativo e no pensamento do autor “expressa o caminho que estamos convidando alguém a percorrer, que pessoas estamos convidando e onde estão essas pessoas antes de partir”, instigando um caminho de possibilidade de conhecimento através de um itinerário pedagógico.

O produto educacional sugerido representa uma experiência mediada para a aprendizagem e, por esta razão, fizemos esforço para que ele fosse discutido e construindo coletivamente. Os cordéis entraram para o planejamento de ações das sertanistas e sua produção tornou-se uma atividade permanente no decorrer do primeiro semestre de 2020. O guia referencial proposto foi engenhado por e para mulheres que buscam fortalecerem e consolidarem os seus direitos e as sua vozes.

Tendo em vista que a literatura de cordel possui estilo e métrica próprias, os textos passaram por revisões de cordelistas profissionais e estes realizaram adaptações, produções e edições para atender a proposta do material didático.

No tocante ao eixo comunicacional, Leite (2018) aponta que o segmento diz respeito ao formato, diagramação e linguagem empregada no material educativo. O eixo comunicacional nos encaminhou a repensar sobre os conceitos e os caminhos para aprendê-lo, ou seja, sobre o itinerário pedagógico que percorremos desde a apreensão dos saberes impregnados aos textos investigados à produção dos cordéis como expressão do conhecimento.

No produto educacional alvitrado, a linguagem acaba sendo o principal elo entre a mensagem e seus interlocutores. Através da elaboração dos cordéis, as componentes do grupo feminista pesquisado criaram um modo concreto de relação com os receptores do produto que em nossa proposta se constituem de mulheres, sejam elas servidoras, discentes ou representações da comunidade.

O guia referencial é todo em formato de literatura de cordel respeitando a métrica desta arte, assim como sua linguagem direta e objetiva. Destacamos ainda que o projeto gráfico realizado para essa produção buscou inspirar-se na técnica de xilogravura⁷⁹ um importante expoente da cultura popular nordestina e para concretizar o feito, contamos com o impecável trabalho de uma designer gráfica.

Na página **Apresentação** do material didático reforçamos a razão pela qual escolhemos a configuração em cordel e o objetivo do produto educacional. Em seguida, apresentamos as seções que estão organizadas de forma que contemplam as seguintes ideias:

- 1. Conhecendo a Extensão
- 1.1 Você sabe o que é Extensão?
- 1.2 Ações da Extensão

Nesta parte apresentamos ao público do que se trata o eixo Extensão na instituição de ensino destacando sua importância para a formação inicial e continuada e também evidenciando os segmentos de atividades que são desenvolvidas na esfera extensionista. Os cordéis constantemente se dirigem aos leitores convidando-os a repensarem sobre em quais áreas de atuação da extensão eles poderão ter a oportunidade de participar.

- 2. As Marias que vão, sim, com as outras!
- 2.1 Por que precisamos do feminismo?

⁷⁹ “Mais do que arte de gravar em madeira, a xilogravura é esculpida por interioranos, camponeses e cidadãos, que expressam a vida do homem com a natureza, as lendas, os mitos, a religiosidade, enfim, tudo que retrata as histórias, os conhecimentos e as experiências de vida (GUEDES, 2016, p.12)”.

- 2.2 Tem espaço para o feminismo no IFCE?
- 2.3 As Aventuras de Krupskaya, nossa inspiração!

Nesta seção realizamos a discussão sobre a indispensabilidade do feminismo, pois nós mulheres ainda hoje somos vítimas do machismo estrutural e suas consequências sobre os nossos corpos, comportamentos e relações sociais. Perscrutamos considerar que o feminismo busca a igualdade e a harmonia social. Ao apontar a necessidade do movimento feminista retomamos algumas das muitas mulheres que lutaram pela emancipação feminina e, entre elas, destacamos a revolucionária Krupskaya: “a Estrela Vermelha”, mulher, professora e militante que ousou lutar contra um sistema autoritário usando a educação como sua principal arma, por isso a chamamos de nossa inspiração. Questionamos ainda os leitores quanto ao espaço que o feminismo e os coletivos dessa natureza devem ocupar no IFCE e incitamos reflexões sobre as consequências do protagonismo da auto-organização das mulheres.

- 3. Se flores nascem no sertão, machistas não passarão!
- 3.1 Conhecendo o projeto coletivo feminista as Sertanistas
- 3.2 Sertanistas, presente!

Se para Krupskaya, as ideias de Marx eram como um guia de ação⁸⁰ ao idealizarmos esse produto educacional também nos guiamos por um referencial. Nosso norte e objeto de estudo foi o projeto extensionista Coletivo Feminista As Sertanistas do IFCE, Quixadá que, como ‘flores que brotaram no sertão central’, existem, resistem e ressignificam suas ações em cada contexto experienciado, portanto nossa referência da práxis da coletividade. Como um dos objetivos do coletivo é dar voz as mulheres, destacamos as histórias de cinco sertanistas: Aline, Camila, Dayane, Lucicléia e Mari para que através da narração de suas vivências, outras tantas mulheres se sintam representadas e quem sabe se unam para fortalecer o espírito da solidariedade coletivista.

- 4. A alegre partida; vem com a gente?

⁸⁰ Indicamos a leitura do texto: *Os Ensinamentos de Marx para o Educador Soviético – Guia para a ação.* (KRUPSKAYA, 2017)

- Apresentando outras flores do sertão
- Contatos e as referências

Em alusão ao título do famoso poema “A triste partida do célebre repentista nordestino Patativa do Assaré”⁸¹ em que o porta-voz do sertão lamenta tristemente o período de estiagem e suas consequências. Todavia, na última seção do guia referencial, lamenta-se o fim da coletânea de cordéis, porém não com tristeza, mas com alegria. A ilustração de mulheres se despedindo erguidas num “pavão misterioso”⁸² é também uma homenagem ao clássico cordel brasileiro do final dos anos 20 e integra a mensagem final do material que é exatamente fazer um convite as leitoras.

No tópico “conhecendo outras flores do sertão” apresentamos os nomes científicos da flor-de-cebola-brava, da coroa-de-frade, da flor-do-deserto, da flor-de-mandacaru e da flor-de-cera e de forma sintética informações sobre como essas espécies têm uma estreita identidade com o cotidiano nos sertões. Cada uma dessas flores foi indicada para também agraciar as sertanistas que compartilharam suas histórias nos cordéis.

A compilação das criações passou ainda por discussões em reuniões realizadas de forma remota através de plataformas digitais, em razão do distanciamento social decorrente da pandemia que nos assola em 2020.

⁸¹ Patativa do Assaré (1909-2002) foi um poeta e repentista brasileiro, um dos principais representantes da arte popular nordestina do século XX. Com uma linguagem simples, porém poética, retratava a vida sofrida e árida do povo do sertão. Projetou-se nacionalmente com o poema "Triste Partida" em 1964, musicado e gravado por Luiz Gonzaga. Seus livros, traduzidos em vários idiomas, foram tema de estudos na Sorbonne, na cadeira de Literatura Popular Universal. Fonte: <https://www.ebiografia.com/patativa>.

⁸² O romance do pavão misterioso é um clássico da literatura de cordel brasileira escrito por José Camelo de Melo Rezende(1885-1964) poeta e célebre cordelista brasileiro.

4.2.3 Avaliação e validação do produto educacional

Conforme Leite (2018) recomenda-se que os produtos educacionais produzidos na área de ensino, em especial os materiais textuais, caso do nosso guia referencial, sejam produzidos e avaliados de modo coletivo, respeitando as especificidades do público alvo a que se destinam.

O produto educacional, consequência da investigação desta pesquisa, foi elaborado conforme metodologia estruturada em aspectos comunicacionais, pedagógicos, teóricos e críticos que foram desenvolvidos de forma interativa com a colaboração dos sujeitos que constituem o objeto do produto.

O público alvo deste trabalho são mulheres que compõem a comunidade acadêmica de cada campus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará e seu objetivo principal é através das práticas do projeto de extensão do coletivo feministas As Sertanistas, estimular a auto-organização de grupos inéditos através da efetivação de novos projetos para assim fortalecermos a identidade das mulheres no IFCE e também reunirmos forças para lutarmos contra as situações de opressão de gênero.

Sem perder de vista o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, consideramos que, como o coletivo feminista que inspirou a construção da nossa ferramenta didática constitui-se em um projeto de extensão inicialmente planejado e, até o presente momento executado, entre tantas outras mediações, com o apoio dos membros da Coordenadoria de Assuntos Estudantis (CAE), refletimos ser prudente que o Guia Referencial produzido fosse avaliado e validado tanto pelas coordenadoras e coordenadores dos setores de Extensão como das Coordenadorias de Assuntos Estudantis dos *campi* do IFCE, pois em nosso entendimento, esses setores terão maior condições de avaliar a viabilidade do produto educacional. Como o público alvo do Guia Referencial são também os componentes da comunidade acadêmica da Instituição, convidamos para participar do processo de validação os Técnicos Administrativos em Educação (TAEs) do Campus Quixadá, assim como os discentes e docentes dos cursos de Licenciatura em Química, Ensino Médio Integrado em Química e Licenciatura em Geografia.

Ruiz (2014) orienta que a validação de materiais educativos na modalidade materiais textuais ocorra por meio de entrevistas, sejam elas individuais ou coletivas ou até mesmo através de grupos de discussão e “sugerem a organização de um

guia de perguntas a partir de cinco componentes: atração, compreensão, envolvimento, aceitação e mudança da ação” (LEITE, 2018, p 334). Dito isto, ressaltamos que foram selecionados eixos e descritores para produzir as perguntas que foram enviadas aos avaliadores via *Formulários Google*.

Os eixos selecionados abarcam tanto reflexões sobre a linguagem do material educativo, quanto sobre os conteúdos, a estética, a criticidade e a instigação que os leitores (as) possam, por ventura, experienciar ao conhecerem o guia referencial. Sendo assim, separamos o formulário avaliativo segundo os seguintes eixos e respectivos descritores:

Quadro 3 – Eixos e descritores

FORMULÁRIO PARA AVALIAÇÃO E VALIDAÇÃO	
1 Conteúdo	1.1 Aborda questões que direcionam a atuação de coletivos feministas 1.2 A sequência do conteúdo dos cordéis é adequada e lógica 1.3 O Guia favorece o entendimento das ações da extensão promovidas na Instituição 1.4 Destaca o fortalecimento da identidade das mulheres através da auto-organização coletiva.
2 Linguagem	2.1 O vocabulário é adequado ao público-alvo 2.2 As informações são transmitidas com clareza 2.3 A linguagem do gênero literário cordel favorece a apreensão da mensagem do Guia.
3 Estética e organização do produto educacional	3.1 A capa expressa ideias centrais do Guia Referencial 3.2 As ilustrações complementam as informações apresentadas no produto educacional
4 Estímulo e motivação quanto à proposta do material	4.1 A leitura do Guia Referencial possibilita que o leitor desenvolva conhecimentos sobre auto-organização coletiva. 4.2 Ficou claro que Instituição de Ensino é também espaço adequado para a manifestação da coletividade através da formação de coletivos. 4.3 Ao conhecer as práticas do projeto de extensão Coletivo Feminista As Sertanistas, o leitor é motivado a participar da organização de coletivos feministas. 4.4 O Guia Referencial pode auxiliar na organização de coletivos de outra natureza.

Fonte: Elaborado pela autora.

A avaliação e validação do Guia referencial realizou-se a partir da adaptação do questionário *Suitability Assessment of Materials* (SAM) voltado aos especialistas para avaliação da dificuldade e conveniência do material educativo, assim como o público-alvo do produto educacional. O padrão utilizado é da escala tipo *Likert*

(0=inadequado, 1=parcialmente adequado, 2=adequado, 3=totalmente adequado), na qual há lista para checagem de atributos relacionados ao conteúdo, linguagem, ilustração gráfica e motivação quanto à proposta do Guia. Disponibiliza também um espaço após cada bloco de afirmativas dos eixos descritores para possíveis contribuições dos avaliadores.

Para que o material seja considerado adequado, o resultado do cálculo de percentagem de escores obtidos deve ser igual ou superior a 60% (DOAK, 1996). A escolha dos Juízes se deu por meio dos critérios anteriormente apresentados. O questionário foi respondido por meio da ferramenta *Google forms*. O cálculo foi realizado por meio do somatório total dos escores dos avaliadores, dividido pelo total de juízes (Apêndice C).

Participaram da validação do produto educacional 39 avaliadores separados por grupos que englobam eixo de atuação e público-alvo. Dos 33 *campi* do IFCE, 20 dispõem de Coordenadoria de Extensão e 29 de Coordenadoria de Assuntos Estudantis. O formulário para a participação voluntária da avaliação e validação do material didático, disponível no Apêndice B, foi enviado a todos eles. Considerando o público alvo do Guia Referencial, também foram convidados (as) os TAEs do Campus Quixadá e os discentes e docentes dos cursos de Licenciatura em Química, Ensino Médio Integrado em Química e Licenciatura em Geografia.

Quadro 4 – Avaliadores do Guia Referencial

AGRUPAMENTO	COMPONENTES	QUANTITATIVO
Grupo 1	Coordenadores (as) da Extensão	7 avaliadores
Grupo 2	Coordenadores (as) da CAE	8 avaliadores
Grupo 3	Discentes Campus Quixadá	14 avaliadores
Grupo 4	Servidores TAEs e docentes	10 avaliadores
		Total: 39

Fonte: Elaborado pela autora.

Os 39 (trinta e nove) avaliadores foram identificados com idade média de 34 anos, sendo que o mais jovem tem 18 anos e o de maior idade, 53 anos. Foi predominante a participação de 76,9% do sexo feminino, equivalente a 30 avaliadoras. Quanto ao grau de instrução, 12,8% (5 pessoas) possuem ensino

médio, 20,5% (8 pessoas) graduação, 15,4% (6 pessoas) são especialistas, 17,9% (7 correspondentes) são mestres e 33,3% (13 pessoas) são doutores (as). Esses dados encontram-se no Apêndice C.

O questionário aplicado contém 13 (treze) itens sendo afirmações relativas aos eixos: conteúdo, linguagem, ilustrações e estimulação/motivação. O escore de referência foi calculado multiplicando-se o quantitativo de questões (13) pelo maior escore (3), totalizando 39 escores de referência, equivalente a 100%. Para o material ser considerado adequado é necessário que o resultado do cálculo de percentagem de escores seja igual ou superior a 60%.

Quanto ao quantitativo de escore por item do formulário, obteve-se 24 votos como “adequado” e 483 votos como “totalmente adequado”. Transformando os votos em escores: 24 votos x 2 escores (adequado) = 48 escores; 483 votos x 3 escores (totalmente adequado) = 1449 escores. Para finalizar o cálculo, somam-se o total de escores e divide-se o resultado pelo nº de avaliadores: $(48+1449)/39= 38,38$ (98,42%). Desta forma, o produto educacional atingiu aprovação de 98,42% e foi aprovado com média superior a 60%, ou seja, a referência de *Doak e Root* (1996).

Ainda no Apêndice C, apresentamos o percentual de votos por cada item do formulário e no quadro três, disponibilizamos todos os comentários e sugestões feitas pelos avaliadores segundo seus grupos. De modo geral, os comentários ressaltam a relevância do produto educacional enquanto ferramenta para o fortalecimento da identidade das mulheres na instituição de ensino e para a formação de coletivos. Destacam a linguagem adequada do guia, a beleza do projeto gráfico que se baseou na arte da xilogravura e o estímulo quanto à importância da auto-organização como exercício da coletividade nos espaços educativos.

Portanto, como o resultado de validação do Guia Referencial atingiu a média geral de escores obtidos na avaliação, refletiu a ideia de adequabilidade. O Guia Referencial para a Formação de Coletivos Feministas no IFCE será impresso e distribuído aos setores da CAE e da Extensão de todos os campi da Instituição. A versão em PDF será disponibilizada no repositório nacional EduCAPES e no repositório do IFCE (Sophia).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao revisitarmos o pensamento pedagógico de Krupskaya em articulação com os desdobramentos das principais categorias abordadas em seus escritos, percebemos que estas, considerando suas potencialidades e limites, deságuam no senso de coletividade e, por esta razão, o exploramos como nosso objeto de investigação. Verificamos em Krupskaya uma ampla compreensão materialista e dialética do ser, pois através da reflexão individual repensa-se no trabalho coletivo e que, por meio da auto-organização enquanto exercício da coletividade abre-se espaço para a formação de atitude solidária na direção de uma possível nova concepção de sociabilidade.

Vale ressaltar que Krupskaya assentiu que o socialismo não resolveria, inclusive de forma imediata, todos os problemas sociais, por isso trabalhou duro para que os bolcheviques tratassem de rever os padrões, as leis e a estrutura política e econômica da sociedade que estava construindo a experiência revolucionária. Não só para por em prática o plano de uma vida mais digna à classe trabalhadora, mas para também prepará-los para educar a próxima geração. Na visão de Krupskaya, era necessário substituir o “eu” por “nós” para que fosse possível abordar os problemas do ponto de vista do interesse geral, do ponto de vista da comunidade, uma vez que a coletividade, no sentido de práxis revolucionária deve ser o cerne da sociabilidade dita comunista.

Da articulação entre as singularidades do objeto emergiram as categorias que norteiam a literatura produzida por Krupskaya e, tendo em vista que são vastas, para refletir suas implicações, nosso enfoque residiu nas contribuições da autora em torno do trabalho socialmente útil e da auto-organização para sugerir a coletividade como práxis com vistas a emancipação humana.

A pesquisa bibliográfica adotada como procedimento nos guiou pela perspectiva da autora em torno das concepções sobre trabalho, educação, práxis, formação multilateral, escola do trabalho, escola de ensino, trabalho socialmente produtivo, auto-organização e complexos de estudos. Para fins de exemplificação e em atendimento às considerações finais deste trabalho, reunimo-las colocando-as em destaque na síntese das concepções pedagógicas de Krupskaya que foram por nós investigadas.

A socialização do poder político à classe trabalhadora não representava uma garantia de privilégios ao proletariado, mas uma tentativa de erguer uma nova sociedade e junto com ela um homem novo. Todavia, para este feito, Krupskaya esclarece que a **auto-organização** é necessária para preparar as condições materiais de realização dos objetivos das tarefas do Estado.

Krupskaya nos lembra que embora a categoria da auto-organização se apresente nas experiências de vida da juventude, a colaboração da escola é fundamental para que os jovens a compreendam como necessária e também como parte do processo de um desenvolvimento organizacional. Sendo assim, a pedagoga enfatiza que a auto-organização no espaço escolar pode ser, por exemplo, mediada pela escola através dos jogos, à medida que são reconhecidas as habilidades organizacionais como autodomínio, disciplina e agilidade por intermédio deles. Conforme Krupskaya (2017, p.120) “os hábitos organizacionais adquiridos no jogo, se transformam em hábitos de organização do trabalho, em hábitos de organização da vida”. Em razão dessa concepção, atuou junto ao Comissariado da Educação do Povo para que **o trabalho socialmente produtivo** das crianças se tornasse um meio para edificar a educação comunista, pois este trabalho quando elemento integrador entre à produção real e as dimensões socioculturais inerentes à vida, tem grande valor educativo e segundo Krupskaya (2017, p.62) “apenas uma estreita ligação do ensino com o socialmente produtivo pode destruir o caráter de classe da escola moderna”.

Ao descrever esse processo, a líder bolchevique denunciou o abismo existente entre a **escola de ensino** e a **escola do trabalho** no reforço a dicotomia entre trabalho manual e intelectual, pois para ela, seria imprescindível compreender como se organiza, do ponto de vista estrutural e dos métodos, a escola necessária à sociedade socialista e assim abandonar os padrões que faziam da escola um instrumento de dominação de classe.

Krupskaya foi uma grande estudiosa e questionadora da escola burguesa e manifestou veementemente insatisfação com a prática secular da repetição, da memorização e do fomento a competição, que em seus dizeres, contribui para castrar o movimento de emoção da vida escolar com o intuito de atender aos interesses da burguesia. A pedagoga esclareceu que esses métodos não poderiam ser sustentados numa sociedade cuja coletividade seja o seu pilar.

Essa missão se colocou como um dos compromissos da escola do trabalho materializada para além da preparação profissional e o ensino da técnica, visto que se compromete com a **formação multilateral** a fim de fornecer aos indivíduos o hábito do ativismo coletivo para abordar todos os fenômenos da vida social, o que implica no aprender a olhar para si mesmo como parte do todo.

Deste modo, os programas de ensino deveriam proporcionar aos educandos articulação com a realidade vivida através dos **conteúdos dos complexos** e, sendo Krupskaya, uma das grandes defensoras do sistema de complexos, se posicionou juntamente com Lunacharsky durante o tempo em que estiveram à frente do Narkompros (1929-1930) em defesa da educação integral, mesmo diante da pressão interna de alguns membros do Comissariado para antecipar a profissionalização; cujo objetivo era atender as demandas gradativas da industrialização russa.

Essas questões que expressam a visão pedagógica de Krupskaya foram essenciais na política educacional soviética, pois representavam uma inovação curricular e metodológica, mesmo diante das dificuldades e desafios enfrentados no período transitório do regime. Consideramos que sua concepção pedagógica representa um pilar para a construção da pedagogia revolucionária, pois coloca no horizonte de suas reflexões/ações a possibilidade da emancipação humana.

Cientes de que a militância era o coração da práxis revolucionária de Krupskaya e apoiados pela apreensão dos textos traduzidos da autora para compor a coletânea organizada por Graziela Schneider em “A Revolução das Mulheres”, fizemos o resgate das contribuições de Krupskaya para a emancipação das mulheres. Nessa trilha, apontamos como Krupskaya, em seu contexto histórico, apresentou considerações práticas e teóricas para a emancipação da mulher trabalhadora.

Krupskaya auxiliou na edificação das possíveis políticas públicas para a igualdade de direitos entre homens e mulheres mesmo numa nação arruinada pela guerra, examinando as condições para a plena emancipação das mulheres quando muitas delas precisavam se prostituir por um pedaço de pão ou eram caluniosamente tachadas de infanticidas e cooperou para a discussão da inserção das mulheres na vida pública como alternativa ao árduo trabalho doméstico.

Indiscutivelmente nossa militante reconheceu que a emancipação da mulher trabalhadora estava ligada de maneira indissolúvel à luta de classes e a consumação do socialismo. Não bastava o poder soviético conceder às mulheres os

mesmos direitos dos homens através do apoio legal, era necessário além da reformulação da produção, uma nova concepção da relação homem e mulher, para que deste modo, ocorressem mudanças na vida prática aliada às condições materiais subsidiadas pelo Estado.

Krupskaya não ignorou a opressão da mulher colocando-a em último caso e resultante apenas das injustas leis e da clausura do serviço familiar, no entanto compreendeu os mecanismos profundos da exploração das mulheres no sistema capitalista e por essa razão, reconheceu que; “para além da discussão de sexo, o elemento mais discriminador se dava por parte das questões de classe (LODI, 2018, p.77)”.

Tendo compreendido isto, traçamos os objetivos da pesquisa e realizamos o resgate bibliográfico da militante para rastrear em suas concepções o percurso para responder aos questionamentos que foram surgindo. A fim de apontar como foi constituída a natureza revolucionária de Krupskaya, tencionamos que a mesma tenha se desenhado provavelmente ainda na infância quando assistiu as injustas perseguições sofridas pelo pai e também por presenciar a exploração dos proprietários de terras sobre os camponeses no período em que viveu no campo. Mais tarde, na juventude, a participação em ciclos de debates com membros de clandestinos grupos estudantis garantiram-lhe o encontro com a teoria marxista.

A jovem enxergou o mundo à luz do marxismo e tão logo as preocupações com as desigualdades sociais se apoderaram de seu pensamento e moldaram sua práxis, fazendo-a compreender que somente o movimento revolucionário dos trabalhadores poderia provocar as radicais mudanças necessárias à injusta sociedade czarista.

Krupskaya identificou nas crianças e nos jovens um grande potencial revolucionário e, por esta razão dedicou-se ao trabalho junto aos Pioneiros e ao Komssomol até seus últimos dias. Viu na juventude uma oportunidade indispensável para apreensão mais favorável dos hábitos coletivistas visto que esses grupos tinham tido menos experiências com os costumes individualistas inerentes ao capital.

Destacamos também que, se foi o marxismo o responsável pelo encontro com o grande líder bolchevique, foi a militância a responsável por fincar o compromisso com a tarefa revolucionária que os acompanharam ao longo de toda a vida, num laço de esperança e cumplicidade.

E ainda que para alguns críticos a parceria entre Krupskaya e Lenin representasse uma mera condescendência ideológica, asseveramos ser questionável o entendimento de como deveria se comportar e viver um casal perseguido, coagido e difamado por um governo intolerante e autoritário. A parceria na luta e na crença de uma sociedade mais igualitária, da mulher corajosa que mesmo correndo os riscos da ilegalidade produzia e distribuía os panfletos denunciando a dura jornada da mulher operária com homem que cativava os operários analfabetos ao discursar sobre Marx, o casamento da teoria com a prática rumo a construção de uma práxis revolucionária, tudo isto nos soa exatamente ao que Kollontai descreve em sua autobiografia como amor-camaradagem: uma relação baseada na amizade, no respeito e na troca.

Krupskaya teve atuação própria nas atividades que se efetivaram em um determinado contexto histórico, sendo uma das grandes responsáveis pelas orientações da política educacional do *Narkompros*, era uma educadora da práxis social, das longas horas de ensino em três turnos diários e não carecia que o grande líder marxista a ensinasse sobre injustiças, luta e crença na revolução: esse tripé fazia parte de sua história, da sua docência e da sua utopia. Porém é iminente reconhecer que Lênin muito colaborou com o aprofundamento teórico sobre o marxismo, o que pode ter influenciado na inserção da noção de ensino geral e politécnico na reformulação das ideias do Partido Comunista Russo - PCR.

Perscrutamos reconhecer os interesses de classes e de suas respectivas lutas como elementos de transformação histórica e social retomando no pensamento de Krupskaya os elementos basilares para a materialização da coletividade enquanto práxis e, inferimos que se a sociedade socialista não foi edificada segundo a lógica essencial do socialismo que visava, entre tantas transformações, novas formas de sociabilidade orientadas por hábitos coletivistas, a práxis revolucionária de Krupskaya tem a competência de inserir o papel da escola como pauta fundamental na construção de uma sociedade sem classes o que contribuiu para fortalecer a pedagogia socialista.

Krupskaya dedicou-se as ideias voltadas para a construção da autonomia dos sujeitos levantando a bandeira da igualdade tanto na educação quando lutou pelo fim da dicotomia entre trabalho manual e trabalho intelectual quanto no comportamento apoiando-se na coletividade para a formação da atitude solidária.

Desafiando os padrões de seu tempo, enquanto Krupskaya ainda no início século XX já abominava a ideia de que não se deve ensinar “coisas de mulher” aos meninos e, ressaltava a urgência para a reorientação da educação das crianças sem fazer distinção por sexo através da escola livre para que por meio dos hábitos coletivistas fosse repensada uma nova concepção sobre a divisão de gênero do trabalho e suas consequências na vida social, presenciamos estarrecidos em pleno século XXI emergir um cenário de desmonte de políticas públicas que dão suporte à vida das mulheres, assim como o apoio declarado à segregação de gênero como, por exemplo, o corte do custeio do programa⁸³ “Mulher: Viver Sem Violência” criado em 2013 pela ex-presidenta, democraticamente eleita, Dilma Rousseff e também a constante reprodução e apoio, por parte de altas instâncias governamentais, do nêcio discurso de que “meninos vestem azul e meninas vestem rosa”, como se até mesmo as cores tivessem poder para encaixotar a liberdade de ser de cada um.

Motivadas pelas memórias de Krupskaya que assim como tantas outras mulheres que não se limitaram ou se renderam ao embrutecedor contexto histórico, resistiram as mais diversas injúrias e tentativa de subalternidade, construímos um produto educacional que agregasse ao mesmo tempo à práxis da coletividade, o protagonismo feminino e auto-organização como elemento fortalecedor da autonomia das mulheres. Krupskaya (2017, p.90) foi uma fiel defensora da escola livre, sua concepção de trabalho coletivo na escola abarcava as condições de igualdade de desenvolvimento que “favorecem a compreensão mútua e a aproximação espiritual dos jovens de ambos os sexos”. Para ela, a escola deve ser um espaço para se construir estratégias para encarar os desafios impostos pela vida com sabedoria e firmeza. É nessa direção que defendemos os objetivos do nosso produto educacional.

O cenário que compõe os ambientes acadêmicos se constitui ainda como locus onde prevalecem trações culturais, até este tempo, muito expressivos do patriarcado. Deste modo, publicizamos as práticas do projeto de extensão *Coletivo Feminista As Sertanistas* produzidas no IFCE - Campus Quixadá através de um Guia Referencial em formato de literatura de cordel, com o intuito de encorajar a auto-organização coletiva de novos movimentos de mulheres nos *campi* do IFCE.

⁸³ Programa que criou a Casa da Mulher Brasileira; um espaço de acolhimento e atendimento humanizado e tem por objetivo geral prestar assistência integral e humanizada às mulheres em situação de violência, facilitando o acesso destas aos serviços especializados e garantindo condições para o enfrentamento da violência, o empoderamento e a autonomia econômica das usuárias. <http://www.mulher.df.gov.br/casa-da-mulher-brasileira-cmb/>.

Salientamos que apesar de alguns dos movimentos auto organizados nas Instituições de Ensino não se declarem diretamente anticapitalistas, acabam caminhando para essa vertente visto que esses grupos questionam a visibilidade de pautas e efetivação de direitos para determinados sujeitos historicamente subalternizados.

São nas Universidades, sobretudo as públicas, que essas discussões se fortalecem como focos de resistência e são apoiadas por cursos de diferentes áreas, como por exemplo, o curso de Licenciatura em Geografia do IFCE Campus Quixadá que muito colabora para a consolidação do Coletivo Feminista As Sertanistas.

O espaço ocupado por coletivos está na contramão dos interesses individualistas e reforça através da auto-organização o quanto o senso de coletividade tem potencial emancipador. Alcançamos em Krupskaya que uma formação nortada pelo/para o senso de coletividade seja a direção para a escola reagir à vida e, desta forma, articulamos as ações do eixo Extensão como universo de formação de valores e consolidação de princípios através da proposta do produto educacional.

Dito isto, inferimos que numa sociedade cada vez mais diversificada e que infelizmente está repleta de discursos de ódio é fundamental o crescimento da auto-organização de coletivos, principalmente de grupos minoritários que buscam voz ativa e promovem discussões para disseminar informações na tentativa de barrar a discriminação e o preconceito. Esses argumentos se constituem na justificativa do material didático que construímos.

Ainda mais quando percebemos que as concepções da pedagogia socialista, projeto que foi produto da ativa militância de Krupskaya e tantos outros revolucionários, ainda em nossos dias “representa uma ameaça” para as nações imperialistas que tentam amordaçar aqueles que lutam pelo desenvolvimento de atividades educativas emancipadoras através de projetos estapafúrdios como, por exemplo, o movimento da Escola Sem Partido (ESP) que dentre tantos absurdos denuncia a suposta doutrinação comunista no ambiente escolar.

Nesse sentido, asseveramos a relevância da mentalidade coletivista tão defendida por Krupskaya, presente não somente em seus textos e discursos, mas em sua conduta humana e práxis social. Krupskaya foi como uma importante

“estrela” de seu tempo e, como uma Supernova⁸⁴, por sorte nossa, sua luz insiste em esperar nossos dias.

⁸⁴Supernova é um evento astronômico que ocorre quando a energia de uma estrela se esgota, ou seja, quando “morre uma estrela”. A explosão é capaz de gerar uma intensa luz por toda a galáxia. A ocorrência de uma supernova demonstra que vivemos em um universo em expansão e constante transformação. <https://socientifica.com.br/>.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEIRA, Gabriella. **Coletivos Feministas Estudantis**: a importância da auto-organização. Revista Capitolina (2015). Disponível em: <<http://www.revistacapitolina.com.br/coletivos-feministas-estudantis-importancia-da-auto-organizacao/>>. Acesso em 10 fev. 2019.
- BOITO, Misa (Org.). **A luta contra a opressão da mulher**: recuperando uma abordagem de classe. São Paulo: Editora Nova Palavra, 2016.
- CAPRILES, René. Makarenko: **o nascimento da pedagogia socialista**. São Paulo: Scipione, 1989.
- CUNHA, Marcel Lima. **Escola do trabalho soviética de Pistrak**: dois passos à frente, um passo atrás? 2012. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação) – Centro de Educação, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2012.
- DINIZ, Francisco Ferreira. **Projeto Cordel na Escola**. Site oficial (2017). Disponível em: <www.projetcordel.com.br>. Acesso em 20 jan. 2019.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1971.
- FREITAS, Kerginaldo Luis de. **O pensamento pedagógico de Nadezhda Krupskaya**: contribuições para uma pedagogia socialista no contexto da revolução russa. 2019. 116f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação. Fortaleza, 2019.
- FREITAS, Maria Cleidiane Cavalcante. **Por uma pedagogia da práxis!** A pedagogia soviética enquanto alternativa histórica. 2020. 271f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2020.
- GOLDMAN, Wendy. **Mulher, Estado e Revolução**: política familiar e vida social soviéticas (1917-1936). São Paulo: Boitempo, 2014.
- INSTITUTO FEDERAL DO CEARÁ. Pro-Reitoria de Extensão. **Manual da Extensão**; Instituto Federal do Ceará. Pró-reitoria de Extensão. - Fortaleza: IFCE, 2016. 60p. Disponível em: <<https://ifce.edu.br/proext/arquivos/manual-da-extensao-ifce.pdf>>. Acesso em 10 jan. 2019.
- JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim. (Org.) **1917: O ano que abalou o mundo**. São Paulo: Edições Sesc; Boitempo Editorial, 2017.
- KAPLÚN, Gabriel. Material educativo: a experiência de aprendizado. **Comunicação & Educação**, n. 27, p. 46-60, 2003.
- KAPLÚN, Gabriel. Contenidos, itinerarios y juegos. Tres ejes para el análisis y la construcción de mensajes educativos. In: **ponencia presentada en VI Congreso de ALAIC-Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación**, Santa Cruz de la Sierra, Bolivia. 2002.

KRUPSKAYA, N. K. **Cartas de Krupskaya**. Disponível em: <https://www.marxists.org/espanol/krupskaya/>>. Acesso em: 12 jul. 2019.

KRÚPSKAYA, Nadezhda. **Acerca de La educacion comunista**: artículos y discursos. Moscú: Ediciones em lenguas extranjeras, 19--.

KRUPSKAYA, N. K. **La educación de la juventude**. Madrid: Nuestra Cultura, 1978.

KRUPSKAIA, Nadezda. **Mi vida com Lenin (1893-1917)**. Santiago de Chile: Ediciones Ercila, 1937.

KRUPSKAYA, N.K. **A construção da pedagogia socialista**. São Paulo: Expressão popular, 2017.

KRUPSKAYA, Nadezhda Konstantinovna. **Lenin: su vida, su doctrina**. Tradução Alfredo Llanos. Buenos Aires: Editorial Resgate, 1984.

KOLLONTAI, Alexandra. **Autobiografía de una mujer emancipada**. Trad. Elena Herrero e Juan del Solar. 3. Ed. Editorial Fontamara: Barcelona, 1978.

LENIN, Vladimir Ilitch. **Sobre a Emancipação da Mulher**. Editora Alfa-omega: São Paulo, 1980.

LENIN, Vladimir Ilitch. **As tarefas das uniões da juventude** (Discurso no III Congresso de toda a Rússia da União Comunista da Juventude da Rússia – 2 de outubro de 1920). Revista HISTEDBR On-line, Campinas, 2011. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/41e/doc01_41e_1.pdf>. Acesso em: 10 de Mai. 2020.

LODI, Samantha Correa. **Entre a pena e a baioneta**: Louise Michel e Nadezhda Krupskaya, educadoras em contextos revolucionários. 2016. Orientador: 29 Mara Regina Martins Jacomeli. 6 f. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

LODI, Samantha. **Nadezhda Krupskaya**: um estrela vermelha. Uberlândia, MG: Navegando publicações, 2018.

LOMBARDI, J.C. **Educação e ensino em Marx e Engels**. Germinal: Marxismo e Educação em Debate. 2018. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/9581>> Acesso em: 12 abr. 2019.

LUNATCHARSKI, A. V. **A educação na Rússia revolucionária**: discurso no I Congresso de Toda Rússia para a instrução pública. 1918. Disponível em: http://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/livros-e-colecoes/livros-diversos/a-educacao-narussia-revolucionaria.pdf/at_download/file. Acesso em: 12 abr. 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Apresentação. In: GUERRIERO, I.; SCHMIDT, M.; ZICKER, F. (Orgs.). **Ética nas pesquisas em Ciências Humanas e Sociais na Saúde**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, p. 13-18, 2008.

MARX, Karl, ENGELS, F. **O Programa da Revolução**. Brasília: Nova Palavra, 2008.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**: rumo a uma teoria da transição. São Paulo: Editorial Boitempo, 2002.

NOBRE, Iziane Silvestre. **Trabalho, práxis e escola**: elementos de uma formação revolucionária. 2015. 124 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2015.

OLIVEIRA, Ciro Mesquita de. **A formação do homem novo na pedagogia de Anton S. Makarenko**: um estudo introdutório na perspectiva da ontologia marxiana-lukacsiana. 2012. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação) – Centro de Educação, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2012.

PAULO NETTO, José. **Introdução ao método da teoria social**. Disponível em: <<https://pcb.org.br/porta1/docs/int-metodo-teoria-social.pdf>>. Acesso em: mar. 2018.

PISTRAK, M. M. **Ensaio sobre a escola politécnica**. Tradução de Alexey Lazarev e Luiz Carlos de Freitas 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

PISTRAK, M. M. **Fundamentos da escola do trabalho**. Traduzido por Luiz Carlos de Freitas. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

ROSSI, Wagner Gonçalves. **Pedagogia do trabalho**: raízes da educação socialista. São Paulo: Moraes, 1981.

REED, John. **Dez dias que abalaram o mundo**. Porto Alegre: L&PM, 2017.

SAFFIOTI, Heleith. **A mulher na sociedade de classes**: Mito e realidade. Editora Expressão Popular: São Paulo, 2013.

SANTOS, Alzanira de Souza. O ensino por meio da literatura de cordel. 2016. 200f. Dissertação (Mestrado). Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Manaus, 2016.

SAVIANI, Nereide. **Concepção socialista de educação**: a contribuição de Nadedja Krupskaya. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, v. 11, n. 41 (especial), p. 28-37, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639893/7456>> Acesso em: 2 jun. 2019.

SAVIANI, Dermeval. Marxismo e pedagogia. Revista HISTEDBR on-line. v. 4. n. 41. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639892/7455>> Acesso em: 10 ago. 2019.

SEMERARO, Giovanni. **Filosofia da Práxis e as práticas político-pedagógicas**

Populares. Educação e Filosofia Uberlândia, v. 28, n. 55, p. 131-148, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/25025/15359>> Acesso em: 10 mai. 2020.

SILVA, Maria Abádia; AMBRÓS, Zelí Isabel .**O projeto educacional de Makarenko: coletividade, autogestão e trabalho.** Revista UFG, 2020, V.20, 62970. Disponível em: www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/download. Acesso em fev.2020.

SHULGIN, Viktor N. **Rumo ao politecnismo** (artigos e conferências). Tradução de Alexey Lazarev e Luiz Carlos de Freitas. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SIGPROEXT–IFCE. **Sistema de Gerenciamento da Pró-reitoria de Extensão.** Site oficial IFCE. (2019). Disponível em: <http://sigproext.ifce.edu.br>>. Acesso em 26 nov. 2019.

SILVA, Aline Aparecida Da. **Nadezhda Krupskaya: contribuições para a educação infantil na atualidade.** 2015. 139 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade 269 de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Educação, Maringá, 2015.

SILVA, Vagner Rodolfo Da. **Uma mulher, a biblioteconomia e as bibliotecas soviéticas.** Múltiplos olhares em Ciência da Informação, v. 2, n. 1, mar. 2012. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/moci/article/view/1570>. Acesso em: 08 ago. 2019.

SCHNEIDER, Graziela (org.). **A revolução das mulheres: emancipação feminina na Rússia soviética: artigos, atas, panfletos, ensaios.** São Paulo: Boitempo, 2017.

SOUSA, A. A.; OLVEIRA, E. G.; ARRAIS NETO, E. A. A Coletividade Como Práxis Pedagógica em Krupskaya. In: SOUSA, A. A.; SALES, F. J. L.; FEIJÓ, J. P. (org.). **Canto do Assum Preto.** Fortaleza: Edições UFC, 2018.

SOUSA JÚNIOR, Justino De. **Trabalho, práxis e o programa marxiano de educação.** ANPED. 2008. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt09-4739-int.pdf>. Acesso em: 10 out. 2019.

TONET, Ivo. **Marxismo, educação e pedagogia socialista.** In: Germinal. V. 8. n. 1. 2016. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/16978>. Acesso em: 10 mai. 2019.

TROTSKY, L. **A história da Revolução Russa.** Tradução de E. Huggins. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

TRAGTENBERG, Maurício. **A Revolução Russa.** São Paulo: Faísca, 2007.

VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da práxis.** Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1997.

GUIA

REFERENCIAL PARA FORMAÇÃO DE COLETIVOS FEMINISTAS NO IFCE

COLETIVO**AS SERTANISTAS****A PRÁXIS DA COLETIVIDADE**

GUIA

REFERENCIAL PARA FORMAÇÃO DE COLETIVOS FEMINISTAS NO IFGE

COLETIVO

AS SERTANISTAS

A PRÁXIS DA COLETIVIDADE



**FORTALEZA
2020**



EDITORIAL

TEXTOS: Aline da Silva Pereira e
Coletivo Feminista As Sertanistas

REVISÃO: Brasilina Saldanha

PROJETO GRÁFICO E ARTE: Samara Reis.

CORDELISTAS: Luciana Roberto Costa e Edmundo Diógenes.

ORIENTAÇÃO: Profa. Dra. Elenilce Gomes de Oliveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação(CIP)

P436g Pereira, Aline da Silva.

Guia referencial para formação de coletivos feministas no IFCE –
Coletivo As Sertanistas: a práxis da coletividade. / Aline da Silva
Pereira. – Fortaleza, 2020.

Produto educacional constituinte da dissertação de mestrado
intitulada: O senso de coletividade em Krupskaya: elemento de
transfiguração social, do Mestrado Profissional em Rede em
Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT.

1. Feminismo. 2. Mulher - Autoafirmação. 3. Movimentos
Feministas I. Título.

CDD 305.42

Bibliotecária responsável: Erika Cristiny Brandão F. Barbosa CRB N° 3/1099



“EU SOU PORQUE NÓS SOMOS”

APRESENTAÇÃO

1. CONHECENDO A EXTENSÃO

VOCÊ SABE O QUE É EXTENSÃO?.....	1
AÇÕES DA EXTENSÃO.....	4

2. AS MARIAS QUE VÃO, SIM, COM AS OUTRAS

POR QUE PRECISAMOS DO FEMINISMO?.....	7
TEM ESPAÇO PARA O FEMINISMO NO IFCE?.....	12
AS AVENTURAS DE KRUPSKAYA, NOSSA INSPIRAÇÃO!.....	15

3. SE FLORES NASCEM NO SERTÃO, MACHISTAS NÃO PASSARÃO!

CONHECENDO O PROJETO COLETIVO FEMINISTA AS SERTANISTAS.....	20
SERTANISTAS, PRESENTE!	24

 ALINE.....	24
 CAMILA.....	28
 DAIRANY.....	30
 LUCICLÉIA.....	35
 MARI.....	37

4. A ALEGRE PARTIDA; VEM COM A GENTE!?	41
APRESENTANDO OUTRAS FLORES DO SERTÃO.....	44
CONTATOS.....	46
SIGLAS.....	46
REFERÊNCIAS.....	47

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

**Importante ferramenta
Para a nossa educação
Mais do que só poesia
É da nossa tradição
Com ele muito se aprende
Eu sei que você entende
Essa nossa explicação**

**Confesso que dessa arte
Sou defensora fiel
Tem história secular,
Vem mostrando seu papel
Vou parar de enrolar
Pois do que estou a falar,
É do nosso bom cordel**

**Nesse guia o cordel
É um grande artifício,
É também uma homenagem
Num momento tão propício
Para as grandes guerreiras
Que se encontram nas trincheiras
Lutando com sacrifícios**



**O produto é um pedaço
De uma dissertação
Feito com habilidade,
Tempo e criatividade
Quer levar educação
Para todas as mulheres
Sejam do IF ou não**

**Quer passar uma mensagem
Sobre auto-organização
Também coletividade
Mostrar a contribuição
Do projeto vanguardista
Coletivo As Sertanistas
Revolução no sertão!**

**Um projeto de extensão
Como referencial
Nos traz fé que o feminismo
Seja o diferencial
Pois a nossa pretensão
É buscar por ascensão,
Nesse mundo desigual.**



CONHECENDO A EXTENSÃO

VOCÊ SABE O QUE É EXTENSÃO?

Falar do IFCE

**É pensar na comunidade;
É zelar pelas Ciências,
E sua diversidade;
É ver Tecnologias,
É por a IES nos seus dias,
É expor a realidade.**

O papel da extensão

**É desenvolver ações;
Assim, o IFCE
Faz as capacitações,
Dando possibilidade,
Apoio à comunidade,
Crescem as contribuições.**



**A expertise da extensão
Não é a memorizada
Marca participação
Gente diversificada;
Mulher, homem ou idosos
São alunos valiosos
Turmas bem articuladas**



**É um processo educativo
A atividade de extensão
Tem projeto criativo
Cultura e comunicação
Junta tanto pessoal,
Num trabalho social
Rumo à qualificação**

**Oferece oportunidades
Respeitando as vivências
De toda comunidade
Rica de experiência
Do saber surpreendente
Desse público excelente
A extensão tem sua essência**



**O IF vem tentando
Fazer grandes parcerias
A ciência exaltando
Para buscar melhorias
Inclusão e cooperação
Assim atua a extensão
Trabalhando com alegria**

**Os núcleos de estudos
Fazem parte da extensão
Eles são nossos escudos
Contra desinformação
Quero ações extensionistas
De estudos feministas
Nessa Instituição!**

**Graças ao IFCE
Há gente qualificada;
Tabus foram repensados,
Entendendo a caminhada
Da vida como ela é.
Parabéns IFCE,
Pela trilha dessa estrada.**



AÇÕES DA EXTENSÃO

**Dentro do IFCE,
O trabalho de extensão
É dividido por áreas,
Áreas temáticas, então.
De uma forma inteligente,
Digo para a nossa gente
Seus divisores quais são:**

**Direitos Humanos e Justiça,
Tecnologia e Produção,
Meio Ambiente, Saúde,
Tem mais Comunicação,
Trabalho e também Cultura,
Por fim, a mãe da estrutura,
A área da Educação.**

**Desenvolvendo programas,
Ações indissociáveis;
Elaborando projetos,
De inclusão aos vulneráveis;
Com alguns cursos e eventos,
Os Campi vivem momentos
Socialmente agradáveis.**

**Para quem não se 'formou'
Busque sempre o ideal
Já que não se conformou
Estudar é o principal
O tempo não foi perdido
Tem um curso pretendido
De formação inicial**



**Quando a vontade de estudar
Não puder ser adiada
Busque se matricular
Na formação continuada
Pra buscar aprofundamento
De algum conhecimento
E ficar mais qualificada**

**E quando a gente divulgar
Simpósio, fórum e jornada
Se quiser participar
Ficar bem e informada
Vai na Instituição
Que tem a programação**

**Disponível e organizada
Congresso, encontro e seminário
São uns tipos de eventos
Abrilham o cenário
De importantes bons momentos
Se há alguma restrição
Para a participação
Fiquem sempre bem atentos**

**Tem curso de violão
Uma imensa cantoria
Aula de interpretação
E também fotografia
Tem até curso intensivo
Pra ajudar, dar incentivo
Trazer grande melhoria**



**As ações da extensão
São uma oportunidade
Para a capacitação
No interior e na cidade
É também um incentivo
Para formar coletivos
Dentro da Universidade**

**Quero ver prestigiar
Dança, feira e exposição
Da cultura popular
Também tem atuação
Preservando a essência
Celebrando a existência
Dos projetos de extensão**

**Para encerrar as atividades
Tem uma programação
De respeito e qualidade
Pra fazer a diversão!
E pode chamar a família
Vem com toda alegria
Celebrar a extensão!**



2. AS MARIAS QUE VÃO, SIM, COM AS OUTRAS

POR QUE PRECISAMOS DO FEMINISMO?

**Desculpe a chegada bruta
Mas queremos tua atenção
Para um assunto importante,
Que causa preocupação
Todas passaram na pele
De meninas à mulheres
Seja percebendo ou não**

**Vai do furo na orelha
Ao assédio no trabalho
Passa pela violência
Do marido ou namorado
E são tantos agressores
Filho, irmão e até professores
Podem estar por qualquer lado**

**Mas nos doi de todo jeito
Na cabeça ou na moral
No corpo ou no bolso
E até sexual
Nós falamos sobre isso
Pra mostrar que o machismo
Só nos causa muito mal!**

**Nós Poderíamos ficar
O dia todo comentando
Do tanto que o machismo
Mata mais a cada ano
Mas o nosso objetivo
É falar de feminismo
É o que estamos destacando**

**O movimento surgiu
Com os direitos humanos
E se tem direito o homem,
Nós estamos protestando!
Pois humana a gente é
Quero saber se a mulher
Também não estava lutando!?**

**Mil novecentos e dez
A notícia dolorosa
O patrão não quis pagar
E fez ação criminosa
Mandou queimar elas vivas
Eram mais de 130
E milhares furiosas!**



**Depois desse pontapé
Fomos nos desenvolvendo
Primeira grande conquista
A onda só foi crescendo
Veio com as sufragistas
Movimento feminista
Agora o voto é valendo.**

**Depois veio outros direitos
Como poder estudar
Ir e vir pra onde quiser
De casar e separar.
Lutar pra sobreviver
Pois não deseja morrer
Caso precise abortar**

**Mas eu quero te dizer
Que a história não é curta
Que não foi pouca mulher
Envolvida em nossa luta
Pra acabar com a opressão
E pela libertação
Precisa de muita ajuda**

**O feminismo ainda não é
Toda a luta feminina
Feminismo é um movimento
Que nunca foi violento,
Nem tampouco egoísta,
É de todas as batalhas,
A luta mais pacifista.**

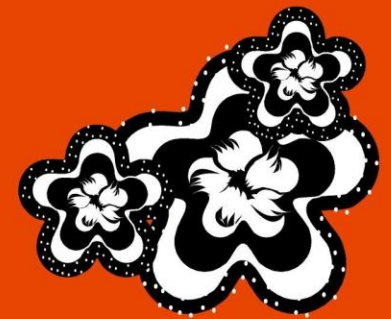


**De exemplo temos Dandara
E Tereza de Benguela
Aqualtune, Tia Simoa
E também Valdete Guerra
Poderia falar mais
Se caso eu fosse capaz
Fazer disso uma novela**

**Tia Simoa é cearense
Que não veio pra 'arrudeio'
Mobilizou resistência
Botou o povo no meio!
Não é "mulher de fulano"
Como ficam comentando
Defendeu os jangadeiros.**

**Sobre Dandara, igual
Tentam nos engabelar
Não está na nossa história
Por questão familiar
Resistindo aos colonos
Organizou o quilombo
E o povo preto pra lutar!**

**Essa história tá no sangue
Que tanto foi derramado
Lutar é nossa tarefa
Pra acabar o patriarcado
Considere também sua,
Que a labuta continua
Pro machismo ser enterrado!**



**Não é possível entender
Essa tal filosofia
Que oprime e quer reter
A nossa autonomia
E não faz nenhum sentido
Viver sempre permitindo
A opressão do machismo.**

**Se acham a tua independência
Uma bobagem um MI MI MI
Segue a tua resistência
Não se deixe oprimir
Erga a cabeça e insista
Sejas forte ativista
Contra todos os machistas!**

**Se os tempos são difíceis
Para quem é sonhador,
Imaginem para as mulheres
Que convivem com a dor
Chega desse sofrimento
Muda de comportamento
Denuncia o agressor!**

**Poder ter cidadania
Exigir dignidade
Uma existência sadia
Dentro da diversidade
Mas me pergunto, num canto,
Por que incomoda tanto
Nossa própria liberdade?**



TEM ESPAÇO PARA O FEMINISMO NO IFCE?

**Qual o lugar do feminismo
Dentro da Instituição?
É promover protagonismo
Fomentar a discussão
Organizar coletivo
Um movimento afetivo
Levar reivindicação**

**Também no IFCE
É lugar de feministas
É espaço para lutas
Revelar as ativistas
Garantir as discussões
Mudar as convicções
Desse mundo conformista**

**Favorecer intervenções
Discutir a equidade
Nossas representações
Querem visibilidade
Delatar perseguição
Dialogar a proteção
Essa é a nossa identidade**

**As mulheres vivenciam
Situações de violência
Casos que evidenciam
A falta de consciência
Privilégios e vantagens
De muitos homens selvagens
Sejamos resiliência!**



**Articular formação política
Manifestar insatisfação
Promover a autocritica
Oferecer atenção
É o trabalho efetivo
Para um grande coletivo
Que está em construção**

**Lutar por regalia
Não é nossa intenção
Mas buscar autonomia
Destruir a segregação
Que ainda é evidente
Um infeliz precedente
Que atrapalha a comunhão**

**Se tudo aquilo que é público
Pertence ao cidadão
É também conveniente
A nossa ocupação
E sem nenhum embaraço
Nós queremos mais espaço
Nessa instituição**

**É preciso intervenção
Contra os crimes de assédio
Presentes na Graduação
E também no Ensino Médio
Tem que formar Comissão
Fazer investigação
Nós queremos intermédio!**



**Queremos ver o Instituto
Abraçar a nossa causa
Nos dar apoio absoluto
Escutar as nossas pautas
Não vamos nos recolher
Não é justo esquecer
Dar um tempo, uma pausa**

**Contra a misoginia
E piada sem graça
Mostramos autonomia
Pra essa gente alienada
Vetamos a restrição
Pois somos revolução
Quem aqui é fraquejada?**

**Se negado é o espaço
Dentro da Instituição
Não vamos cruzar os braços
E aceitar a frustração
Para falta de assistência
Muita luta e resistência
Pelo bem da educação.**



AS AVENTURAS DE KRUPSKAYA NOSSA INSPIRAÇÃO!

**Vou falar de uma mulher,
Um exemplo de humanidade;
Uma página do tempo;
Um incentivo à igualdade;
Um ser que está sempre novo
Unindo as forças do povo
Pela Coletividade.**

**Foi Nadejda Krupskaya,
Uma mulher destemida,
Russa de São Petersburgo,
Pelo mundo conhecida,
Revolucionária nata;
Sua vida, ela retrata,
No belo texto Mi Vida.**



**Dia vinte e seis de março,
Na década sessenta e nove,
Nos anos mil e oitocentos,
Ou Século dezenove;
Foi o nascimento seu;
No século vinte viveu,
Até o ano trinta e nove.**

**Tudo começou na infância,
Muito jovem, na verdade:
Presenciou circunstâncias
De muita arbitrariedade
Um alicerce que forjou
E muito colaborou
Com a sua personalidade.**

**Seu pai era militar,
Foi um ex-oficial,
Membro do exército russo,
Um servidor nacional,
Homem de linhagem nobre,
Porém, sem luxo e sem cobre,
Um trabalhador real.**

**O exército o acusou
De atos subversivos;
Konstantin foi processado,
Por suspeitas sem motivos,
Anos depois o senado,
Absolveu o acusado
Dos processos delitivos.**

**Krupskaya, então cresceu,
De política entendia;
Banir o analfabetismo
Era o que ela queria.
E assim plantava a verdade,
À nova sociedade,
Dentro da pedagogia.**

**A tomada de consciência
Da classe trabalhadora
Foi prova da resiliência
Dessa nobre professora.
Lutar pelos oprimidos
Organizar coletivos
Ela foi a precursora**



**Dos panfletos clandestinos,
À revista ilegal
Publicava escondido
Seus artigos no jornal.
Krupskaya foi valente
Acusava de insolente
O governo imoral**

**A autocracia czarista
Por ela era odiada,
Mas a tese marxista
Fortalecia a empreitada
Dentro do setor fabril,
Pondo a sua mão servil
Sobre a classe explorada.**

**As crianças são para ela
Força e libertação,
É só organizando cedo
Que se faz revolução!
E não era por dinheiro
Ouro, prata e ostentação,
Ela viu nos Pioneiros
A esperança da nação!**

**Os filhos da burguesia
Com direito a educação
O saber intelectual,
Arte, jogo e instrução.
E ao filho do trabalhador?
Só restava o labor
Era a sua obrigação!**



**E também não achou ético
Fazer tanta distinção
Até trabalho doméstico
Pra mulher é obrigação
Krupskaya reparou
E o costume contestou
Por que há separação?**

**Foi preciso uma tática
Pra romper com a divisão
Juntar teoria e prática
Era sua pretensão.
Para essa dicotomia
Pelo fim da tirania
Revolução na educação!**

**E aplicava tudo isso
Dentro da Pedagogia;
Era uma autodidata,
Que pouco a pouco inseria,
Um novo molde à sociedade
Pois de COLETIVIDADE,
A professora entendia,**

**Essa é a Krupskaya
MAIS que a filha do Konstantin
MAIS que companheira do Lênin,
Revolucionária, SIM!
Todos foram perseguidos,
Pelos ricos preteridos
Esse foi o estopim**

Injustamente acusada
De mulher submissa
Uma fiel camarada
Condenada de omissa
Quem com preconceito concorda,
Abra os olhos e acorda!
Ainda não entendeu a missa?

Então vou esclarecer
Peço licença poética
Para o assunto debater
É preciso dialética
Para entender de verdade
Olhe pra totalidade
Da União Soviética

Aplicando o saber
Contra o imperialismo
Buscou sempre debater
O hostil capitalismo
Pois é luta do seu povo
Construir o homem novo
Dentro do socialismo

E com muito heroísmo
Preparou a comunidade
Pra acabar com o egoísmo
Hábito da sociedade
Fruto do capitalismo
Pr'o fim do individualismo?
Só a coletividade!



3. SE FLORES NASCEM NO SERTÃO, MACHISTAS NÃO PASSARÃO!

CONHECENDO O COLETIVO FEMINISTA AS SERTANISTAS

Foi no IF Quixadá
Que o grupo começou
Tratando de feminismo
Seu trabalho iniciou
Falo aqui das Sertanistas
Coletivo feminista
Um espaço acolhedor

No Curso de Geografia
Encontramos adesão;
A professora Camila
E a sala em comunhão,
Juntaram-se às feministas,
E o coletivo "As Sertanistas"
Projeteu-se nesse chão.



E o nosso ponta pé
Foi o projeto de extensão
Pra testar a nossa fé
Nessa auto-organização
E com muita persistência
Que a nossa convivência
Fez crescer essa união

E assim, algumas ações
Racionalmente pensadas,
Entre as rodas de conversas
Foram sendo planejadas:
Estudos, meditação,
Apoio e compreensão
Foram as armas usadas.

Dia Internacional da Mulher;
Também, Março Feminista;
E nas discussões de Gênero,
Um apoio humanista;
Lá no Campus Quixadá,
Muito temos que ensinar
Dessa luta tão classista.



Os encontros nas escolas
E nas Universidades;
Grandes jornadas de Gênero,
No interior e na cidade,
Tem dedo das Sertanistas,
São muitas as nossas conquistas,
Lutando por igualdade.



Toda quinta, reunião
Leitura e esclarecimento,
Rumo à desconstrução
Buscamos conhecimento
Mas também pode falar
Se quiser desabafar
Esse grupo é acolhimento

No ambiente acadêmico
É comum a segregação
Esse assunto é polêmico
Carece de transformação
Nos projetos extensionistas
Onde vão as Sertanistas
Tem essa reflexão

Pesquisa, evento, seminário
E também exposição
Esse é o extraordinário
Fruto da organização
Pois temos participado
Pra deixar nosso legado
Sobre emancipação

Questionar padrão de beleza
E também comportamento
Dialogar sobre as certezas
Cisma e desenvolvimento
Cada mês tem uma ação
Discutida em reunião
Cresce o empoderamento!



**A ação das integrantes
Chamamos de militância
Uma tarefa importante
Não é nossa petulância,
Mas é com perseverança
Que nutrimos esperança
De acabar com a ignorância.**

**Nessa luta das mulheres,
Contra o sistema opressor
Peço que as nossas Deusas:
Nunca percam seu vigor
De feministas valentes,
Pra que a quebra das correntes
Seja feita com fervor.**

**O trabalho das integrantes
Chamamos de militância
É uma tarefa importante
Não é nossa petulância,
Mas é com perseverança
Que nutrimos esperança
De acabar com a ignorância.**

**Somos mulheres do nordeste
E queremos comunicar
Que não tem cabra-da-pesto
Para nos amordaçar
Se flores nascem no sertão,
Machistas não passarão!
Não há o que contestar!**



SERTANISTAS, PRESENTE!

ALINE



**O nome Aline da Silva,
Não é um nome qualquer,
“Silva” tem cheiro de selva,
Aline sabe o que quer;
Seus ideais feministas
Fazem dessa Sertanista
Uma valente mulher.**



**A sua história requer
De zelo pelo passado,
De entendimento ao contexto,
Diante do mencionado.
É grande a sua bagagem,
Maior é a sua coragem,
Aline é peso pesado.**



**Brincou sem qualquer pecado
Onde havia comodismo;
Sofreu muitos preconceitos,
Ouviu a voz do racismo;
Palpou a desigualdade,
Porém viu a liberdade
Nos braços do feminismo.**



**Ela é puro brilhantismo,
É forte a sua raiz;
Seus pais, filhos do Nordeste,
Como a sua história diz:
São Paulo foi o lugar
Que deu condições ao lar
Dessa família feliz.**

**Nordestina por um triz,
Culpa da necessidade;
“Pois o que pesa no Norte,
Pela lei da gravidade”
Belchior ainda dizia:
“disso, Newton já sabia,
Cai no Sul, grande cidade”.**

**A garota, na verdade
Era a menina do meio;
Era a do meio da rua;
Era a razão do receio,
Nos conceitos femininos,
Brincava com os meninos
E não achava isso feio.**



**A garota promissora
Formou-se em Geografia;
Ampliou na faculdade
A ideia que construía;
Leu histórias consagradas
Sobre mulheres ousadas,
Que pouco, ela conhecia.**

**A família como esteio
Tem um cheiro de café;
Ela relembra o seu lar
Com carinho, amor e fé;
Quem não convive com ela
E não sabe a história dela
Não sabe a Aline quem é.**

**Irmãos: Amanda e André,
Profissão? Educadora,
Mulher negra e nordestina,
Bastante batalhadora;
Tinha apenas treze anos
Quando adentrou nos seus planos
O ofício de professora.**



No IFCE, um dia
Bem preparada ingressou,
Trabalhou em Jaguaribe,
Cidade que ela gostou.
Amizade é coisa fina,
Efigênia e Brasilina,
Essa dupla, ela adorou.

Quando em Quixadá chegou
Conheceu as Sertanistas;
Conversou com as Severinas,
Soube das suas conquistas;
Vendo esses grupos ativos,
Partiu para os coletivos
Somando-se às feministas.

Dentre tantas ativistas
Uma o destino define,
Sua luta está no sangue,
Espero que vocês imaginem:
Como percebe o cordelista,
Sobre a grande Sertanista,
A Aline feminista.



CAMILA

Me sentindo tão sozinha
No IF Quixadá
Encontrei as Sertanistas
Para me comunicar
Elas foram um presente
Um encontro transcendente
Fiz do grupo o meu lar



Professora de uma ciência
Chamada Geografia
Lutando com resistência
Em prol da democracia
Sou a CAMILA SAMPAIO
E dessa vida eu só extraio
A esperança e a alegria!



Como mulher-mãe-cientista
Ainda enfrento a vaidade
De uns atos bem machistas
Questionando a capacidade
Da mulher-mãe produzir
Querendo me reduzir
Respeitem a maternidade!

Sou uma forte Sertanista
E não me deixo abalar
Como uma boa feminista
Eu tento dialogar
Contra essa opressão
Pra que a segregação?
Já sei bem o meu lugar



Entre homem e mulher
Nós queremos igualdade
Para poder conviver
Em paz e fraternidade
Pois não é por distinção
Mas por emancipação
Lutamos por liberdade!

No coletivo As Sertanistas
Sigo me fortalecendo
Nos debates feministas
Nos projetos me envolvendo
Trazendo pra Universidade
A lição da SORORIDADE
E o saber enriquecendo

É tão grande a importância
Da nossa auto-organização
Combatendo a intolerância
Dentro da Instituição
Quero ver mais coletivos
Nos espaços educativos
Nos projetos de extensão!

Me transformei no coletivo
Numa forte liderança
Com trabalho afetivo
Luto com perseverança
Pra que a COLETIVIDADE
Seja o caminho pra igualdade
E a semente da esperança.



CORDA-DE-FRADE



DAIANY

Já vou pedindo perdão
Pelo jeito de falar,
Nuns versos desengonçados
Eu tentei poetizar;
A minha pouca vivência.
Com carinho e paciência
Ouçam o que eu vou contar:

O meu nome é Daiany,
Tem história o meu lugar;
Sou de Quixeramobim,
Vale a pena ressaltar:
Berço de um grande guerreiro,
Lar do Antônio Conselheiro,
Eu tenho um nome a zelar.

Fui feita para lutar,
Sou do tipo realista;
Vou contar a minha história,
Com instinto de roteirista,
Falando com precisão,
Dessa mulher do Sertão,
Dessa mulher sertanista.

Não existe história feita,
O mundo até compreende,
Cada fator social
Modifica e surpreende.
Tudo é tecnologia,
Tudo, de tudo depende,
Tudo é sociologia

Vim de família pequena,
Painho, mainha e irmão,
Companhias do meu lar;
Mainha muito trabalhava,
E da casa, quem cuidava?
- Eu, bem jovem, que estudava,
Mas tinha essa obrigação.

Mesmo com mais gente em casa,
A grande carga era minha;
Varrer casa e lavar pratos,
Ajudar-me ninguém vinha.
"homi" não fazia nada,
E nessa luta pesada
Era só eu e mainha.

Cresci escutando um texto,
Uma "canção de ninar";
Uma tosca "musiquinha"
Que eu não gosto de cantar,
Mas mora nos meus ouvidos,
Repetindo os arruídos,
Fazendo o tempo voltar.

Menina que pensa no futuro
Não chega tarde em casa
E não namora no escuro
Não anda em garupa de lambreta
Sem ordem da mamãe não sai
Muito cuidado DAIANY KELLY
Pra não dar desgosto ao seu pai



Ouvindo essa musiquinha,
Eu vivi pensando assim:
Por que o meu irmão mais velho
Ninguém recomenda, enfim?
Com Daiany, a ladainha,
Era essa musiquinha
cantada só para mim.

E foi contestando isso
Que comecei a notar
Que a nossa sociedade
Tinha um arcaico "pensar",
Suprindo a verdade omissa,
Onde a mulher submissa
Não podia reclamar.

Aos poucos fui aprendendo
Sobre o termo contestar;
Que nem tudo é fantasia;
Que ser mulher é lutar;
É buscar todo o respeito,
E assim, dentro do direito
A um coletivo me juntar.

E se tu me perguntares
Quem é protagonista
Desse abuso sufocante,
Que tem suicídios na lista,
Eu falarei a verdade:
- É a nossa sociedade,
Que é estruturalmente machista.



Foi com isso na cabeça
Que eu vivi a pensar
O que é que eu fazer
Para poder transformar?
E ecoar no meu Sertão,
Do meu Ceará, então
Atitudes de revolução!

E aí, o grande dia
Que eu sempre esperei chegar,
A vida adulta começou
E as obrigações do lar
Fardos da adolescência,
Ganharam nova cadência,
E só vinheram aumentar

E se você me perguntar
Que arma eu trouxe na mão?
- eu direi: sou vencedora,
Tive boa educação;
Hoje sou educadora,
Meu sonho de professora
É a minha redenção.

No Sertão do Quixadá
Meu sonho, eu realizei;
Dentro do IFCE
Sabes o que eu encontrei?
Um coletivo feminista
De nome: "As Sertanistas"
Foi aí que me encontrei!



Enfim, hoje relembro
A antiga musiquinha,
Quero inovar a letra,
Por estrofe que não tinha,
Dentro da minha memória
E apagar da minha história
Aquela canção mesquinha.

Namora quem acredita
Que traz amor ao coração
Pois mudar o pensamento
É fazer revolução!
Sem distinção de gênero,
Raça ou classe social,
Contra a segregação
Pelo diferencial!

Ando em garupa de lambreta
Com meus cabelos ao vento
Quero ver quem é capaz,
De dizer um xingamento
Pra mainha um recado
Recheado de empatia
Se tu fores feminista
Certamente mudarias!

ROSA DO DESERTO



LUCICLÉIA

**Lucicléia Cavalcante
É Uma Sertanista Forte,
Hoje, no IFCE,
Campus Quixadá, que sorte!
No eixo “Construção Civil”,
Professora nota mil
Do Rio Grande do Norte.**

**Ela é potiguar de Assú,
Sua prole é numerosa;
A caçula de oito irmãos
Sempre foi estudiosa.
O termo desigualdade,
E o machismo na verdade
Deixavam-lhe furiosa.**

**Ela via nas mulheres
O peso da obrigação;
O dever do cumprimento;
A cultura da omissão;
Um passado bem presente,
Um presente bem doente
E um futuro sem razão.**

**Então viu na Educação
Uma porta de saída;
Nas trilhas da liberdade
Sentiu o peso da lida.
Conquistou o seu emprego,
Com esforço e desempenho
Ôooh garota bem sabida!**



**Leu textos interessantes,
Conteúdos feministas;
Já no Campus Quixadá
Viu pessoas ativistas,
Mulheres de um grupo ativo,
Conheceu um sonho vivo,
O coletivo, “as Sertanistas”.**

**Virou membro desse grupo,
Gostou das reuniões;
Chegou meio acanhada,
Com poucas intervenções,
Hoje é da linha de frente,
Age de forma valente,
Nas suas atuações.**

**Parabéns às Sertanistas,
Um coletivo gigante;
Parabéns por esse membro
Que veio de tão distante,
A sua história contou
E com orgulho assinou:
Lucicléia Cavalcante.**



FLOR DO MANDACARU



MARI

O meu nome é Marisângela,
Sou Maria e sou Mari;
Tenho sangue sertanejo,
Herança que adquiri
De um avô quixadaense
E uma avó iguatense.
Então, também sou daqui.

A palavra Marisângela
Duas mulheres contem;
Sou Maria e sou Ângela;
Mari hoje eu sou também.
Se a minha mãe quis assim,
Deu um belo nome pra mim,
Atitude ela tem!

Sou chamada de Maria
No meio familiar;
Uma prima de cinco anos
Fez o meu nome mudar,
E como a mamãe queria,
Eu permaneço Maria
Nas entranhas do meu lar.

Um dia eu saí de casa,
Para distante dali,
Os colegas de trabalho
Chamaram-me de Mari;
Do meu nome, um pedacinho,
Mas, foi com tanto carinho
Que eu gostei e permiti

Um dia eu me tornei
Assistente Social,
Foi aí que vi o mundo
Na sua forma real;
Vi que os direitos da gente
Não nos vêm diretamente
Sem a luta pessoal.

Segundo, Simone de Beauvoir,
Nós não nascemos mulher;
Mulher, o tempo nos faz,
Feminista eu não nasci,
Porém, pelo que já vivi,
Topo o que estar por vim,
Pois a luta por direito, esta não tem fim!



**já no Campus Quixadá
Comecei a refletir,
Sobre as alunas do “IF”
Que estudavam ali;
Vi tendências masculinas
Sobrepondo-se às meninas
Em alguns cursos dali.**

**No ano 2018
No Serviço Social,
Esse Campus recebeu
Um reforço sem igual,
Junto as feministas várias
Mais duas estagiárias,
Isso foi sensacional!**

**A uma pesquisa no Campus
Demos-lhes a sugestão,
De pronto, a dupla aceitou,
Sobre dois temas, então:
O assédio e o machismo;
Nos ares do feminismo
Já voava uma invenção.**



**Era um grupo em formação:
A Denise e eu, Mari;
Daiany, Shirlei e Aline,
Três alunas que aqui
Viriam como tutela,
Mais Érika e Rafaela,
As estagiárias dessa luta paralela.**

**E esse grupo feminista,
Que nome mesmo teria?
- Talvez, Maria Bonita,
Um nome que soaria
Nas quebradas do Sertão,
E, sem correr da razão,
Justiça à gente faria.**

**E assim termino os meus versos,
Essa parte, eu conclui;
A batalha continua,
Pelo coletivo, aqui;
É de todos essa 'briga',
Quem quiser ter uma amiga,
Pode contar com MARI.**



FLOR-DE-CERA



4. ALEGRE PARTIDA: VEM COM A GENTE?

Te ajudamos a pensar
Sobre o que é feminismo?
O que tens que repensar
Não é o protagonismo
De mulheres protestando
Mas você silenciando
Escondido no machismo.

Em formato de cordel
É o produto Educacional
Nós mostramos seu papel
Sem ser tão tradicional
De um recurso educativo
Para falar de coletivo
Num Guia Referencial

Construímos esse Guia
Querendo mobilizar
As mulheres do IF
Para então estimular
Uma boa reflexão
Sobre auto-organização
No ambiente escolar

Infelizmente o machismo
É comum e estrutural
Cresce feito erva brava
No mundo patriarcal
Mas não queremos ser lembradas
Por viver subordinadas
Nesse mundo desigual



Quando o assunto feminismo
Entra na Instituição
Faz pensar em humanismo
Repensar a educação
Combater a violência
Faz crescer a resistência
Contra a discriminação

Nós queremos estudar
Num ambiente transformado
Que respeite às mulheres
E as meninas do Integrado.
Convocamos os camaradas
Para a nossa empreitada
E fazer parte da brigada

Não precisa esperar
Aguardar a Direção
Nem o professor chamar
Para a mobilização
Fala com as companheiras
Acabou a brincadeira
E o tempo de opressão

Nós, mulheres, precisamos
Pensar coletivamente
Que a luta que enfrentamos
No passado e no presente
É o quadro cultural
Machista e patriarcal
Que ainda é evidente



**Nosso grande objetivo
Nossa principal intenção
É formar os coletivos
Dentro da Instituição
Crer no desenvolvimento
Na força do empoderamento
Através da extensão**

**As mulheres eu invoco
E desejamos dialogar
São vocês o nosso foco
Vamos nos organizar?
Faz que nem as Sertanistas
Um coletivo feminista
Que cresceu em Quixadá**

**Pra você mulher sabida
Que conheceu nosso legado
Não se sinta inibida
Pra você deixo um recado
Chame todas as parceiras
São bem-vindas as companheiras
Vamos somar o trabalho?**

**É chegado o momento
Um instante bem cruel
Mas alegre é a despedida
Pra encerrar nosso cordel
Se quiser falar com a gente
Liga, chama e não es quente,
Esse grupo é fiel!**



APRESENTANDO OUTRAS FLORES DO SERTÃO

**FLOR DA
CEBOLA-BRAVA**



Flor da Cebola-brava (*Habranthus itaobinus*) Folhas estreitas em forma de espada. A planta se distribui amplamente pela Caatinga e para além de suas fronteiras. Várias espécies desta família de plantas possuem produtos tóxicos em seus bulbos e foram muito usadas por indígenas para envenenar flechas e assim lutarem para proteger suas terras. A Flor da Cebola-brava é sinônimo de beleza e resistência.

ROSA DO DESERTO



Rosa do deserto (*Adenium obesum*), também conhecida como **flor do deserto**, é uma planta originária do Sul da África e da Península Arábica. Apresenta flores deslumbrantes e um caule muito desenvolvido na base, porque para sobreviver no deserto, tem que suportar fortes ventos e acumular água. Como são plantas habituadas ao clima quente e seco, também se adaptaram bem em países tropicais. A rosa-do-deserto é bastante presente no interior do Nordeste brasileiro e trazem cor e vida para árida paisagem dos sertões.

COROA-DE-FRADE



Coroa-de-frade (*Melocactus bahiensis*) é uma espécie de flor de cacto típico da vegetação do Nordeste brasileiro que apresenta formato arredondado, pequeno e achatado. Com flores em tons de roxo e vermelho, atrai muitas abelhas. A coroa-de-frade floresce nos dias mais quentes presenteando a paisagem do sertão com a sua presença de realeza nordestina.

FLOR DO MANDACARU



Flor do Mandacaru (*Cereus jamacaru*) é um cacto típico da paisagem seca nordestina. Lembra um imenso candelabro e é cantado em verso e prosa no cancioneiro popular representando a esperança dos sertanejos de dias chuvosos. Suas flores são grandes, noturnas, com muitas pétalas e estames. A flor do mandacaru é beleza, força e esperança para o povo que habita o sertão.

FLOR-DE-CERA



Flor-de-cera (*Schubertia multiflora*) vigorosa e muito ramificada é endêmica do Nordeste. Flores de aparência leitosa logo se destacam em belos buquês saindo da folhagem. A flor-de-cera é suave e delicada, mas também forte e vigorosa, pois sobrevive as altas temperaturas do semiárido. Suas flores brancas que lembram o formato de estrelas representam luz na imensidão sertaneja.

CONTATOS

COLETIVO FEMINISTA DO IFCE CAMPUS QUIXADÁ. ♀

**Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Ceará**

Campus Quixadá

**Av. José de Freitas Queiroz, 5.000 - Bairro Cedro
Quixadá /CE, CEP: 63902-580**



@assertanistas

E-mail:coletivofeministaassertanistas@gmail.com

SIGLAS

(IES) INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR

(IF) INSTITUTO FEDERAL

**(IFCE) INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO,
CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ**

***(MI MI MI) Expressão popularizada nas redes sociais
para imitar ou descrever pejorativamente alguém que
reclama demais. Normalmente se refere a assuntos
importantes, porém com desdém.**

REFERÊNCIAS

BEIRA, Gabriella. **Coletivos Feministas Estudantis**: a importância da auto-organização. Revista Capitolina (2015). Disponível em: <http://www.revistacapitolina.com.br/coletivos-feministas-estudantis-importancia-da-auto-organizacao/>. Acesso em 10 fev. 2019.

DINIZ, Francisco Ferreira. **Projeto Cordel na Escola**. Site oficial (2017). Disponível em: www.projetocordel.com.br. Acesso em 20 jan. 2019.

INSTITUTO FEDERAL DO CEARÁ. Pro-Reitoria de Extensão. **Manual da Extensão**; Instituto Federal do Ceará. Pró-reitoria de Extensão. - Fortaleza: IFCE, 2016. 60p. Disponível em: <https://ifce.edu.br/proext/arquivos/manual-da-extensao-ifce.pdf>. Acesso em 10 jan. 2019.

SANTOS, Alzanira de Souza. **O ensino por meio da literatura de cordel**. 2016. 200f. Dissertação (Mestrado). Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Manaus, 2016. Disponível em: <http://repositorio.ifam.edu.br/jspui/bitstream/4321/43/1/O%20ensino%20por%20meio%20da%20literatura%20de%20cordel%20%281%29.pdf>. Acesso em 20 nov. 2019.

SIGPROEXT-IFCE. Site oficial IFCE. (2019). Disponível em: <http://sigproext.ifce.edu.br/>. Acesso em 26 nov. 2019.

PRODUTO EDUCACIONAL
GUIA REFERENCIAL PARA FORMAÇÃO DE COLETIVOS
FEMINISTAS NO IFCE



FORTALEZA

2020

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO E VALIDAÇÃO DO GUIA REFERENCIAL PARA FORMAÇÃO DE COLETIVOS FEMINISTAS NO IFCE

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS SERVIDORES (AS) E/OU COORDENADORES (AS) DA EXTENSÃO E DA ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL. TAMBÉM DIRECIONADO AOS DISCENTES DO CAMPUS QUIXADÁ.

Você está sendo convidado (a) para participar como voluntário de um questionário de validação do Produto Educacional intitulado “*Guia Referencial Para a Formação de Coletivos Feministas no IFCE*” que consiste em um material didático associado à pesquisa “O senso de coletividade em Krupskaya: elemento de transfiguração social”, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT).

O produto objetiva encorajar a formação de novos coletivos feministas enquanto projeto de extensão e núcleos de estudos, bem como enriquecer o debate a respeito da auto-organização das mulheres. O público alvo são as mulheres da comunidade interna e externa da instituição.

A resolução das questões sobre o produto educacional levam aproximadamente 3 minutos, elaborado em duas vias, uma é encaminhada para o seu e-mail após respondê-lo e a outra fica com o pesquisador. O questionário está dividido em duas partes: a primeira com perguntas sobre a formação acadêmica, e a atuação profissional; a segunda com perguntas relacionadas ao conteúdo, à linguagem, à aparência e o possível estímulo e motivação quanto à proposta do material. Disponibilizamos também um espaço para inserir opiniões, sugestões ou correções.

Em caso de dúvidas antes ou depois de responder ao questionário, entre em contato com a pesquisadora por meio do e-mail aline.silva@ifce.edu.br ou do telefone (85) 999637427.

Não há riscos diretos para participação deste estudo. É garantido o sigilo da identidade e dos dados fornecidos. O nome dos participantes não será citado na divulgação dos resultados. Não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo no caso da não aceitação para participar ou para retirada da autorização a qualquer tempo. Caso ocorra qualquer forma de constrangimento ou desconforto, os participantes poderão não responder o questionário na sua integralidade ou

desistirem de participarem em qualquer momento da pesquisa. É importante ressaltar, no entanto, que os benefícios do estudo são maiores que os possíveis riscos; por isso vale a pena ser realizado.

O material didático apresenta benefícios por ser um fomento à formação de novos coletivos feministas e estímulo à auto-organização de grupos inéditos através da efetivação de projetos de extensão. Deste modo, contamos com o fortalecimento da identidade das mulheres tanto da comunidade externa em geral quanto da comunidade acadêmica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará em seus diferentes *campi*.

Agradecemos a sua participação!

Questionário de Avaliação (Juízes de Especialistas)

Instrumento adaptado de Doak; Doak; Root (1996): Suitability Assesment of Materials (SAM).

PARTE 1 – Identificação

1. Nome: _____
2. Idade: _____
3. Sexo: () Feminino () Masculino
4. 3.Você é servidora (o) do Instituto Federal de Educação? () Sim () Não
5. Caso tenha marcado **Sim** informe:
6. Setor de lotação: _____
7. Grau de instrução: () Ensino Médio () Graduação () Especialização () Mestrado () Doutorado () Pós-Doutorado
8. Você é coordenadora (o) da extensão no Instituto Federal de Educação? () Sim () Não
9. Você é coordenadora (o) da Coordenadoria de Assuntos Estudantis do Instituto Federal de Educação? () Sim () Não
10. Você é estudante do Instituto Federal? () Sim () Não
11. Caso tenha marcado **Sim** informe:
12. Campus: _____
13. Curso: _____

PARTE 2 - Instruções e Avaliação

As respostas aos itens de validação do manual foram configuradas de acordo com o padrão da escala de Likert, isto é, 0 = inadequado, 1 = parcialmente adequado, 2 = adequado e 3 = totalmente adequado.

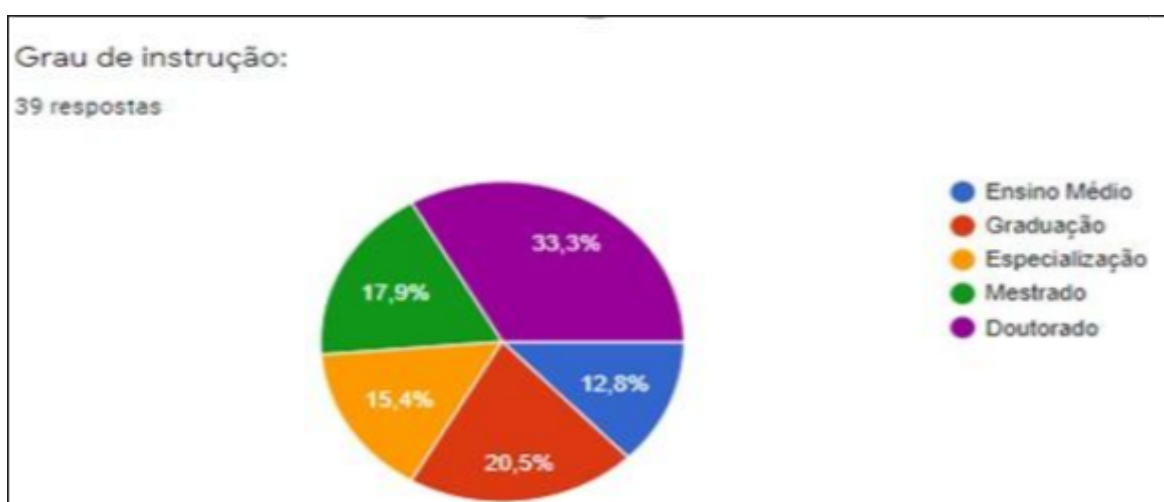
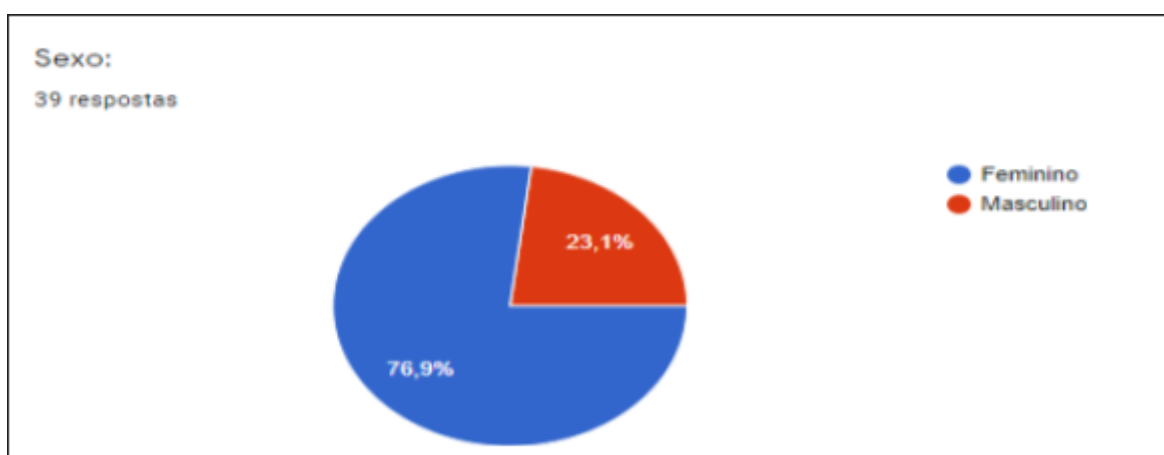
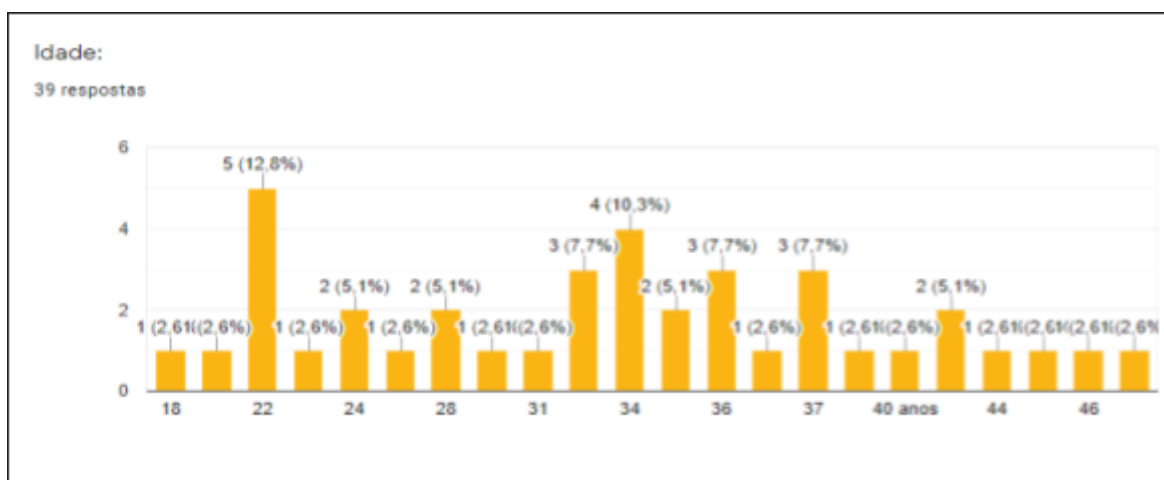
As possíveis sugestões podem ser inseridas no espaço dedicado às observações de cada tópico.

TÓPICO	INADEQUADO (0)	PARCIALMENTE ADEQUADO (1)	ADEQUADO (2)	TOTALMENTE ADEQUADO (3)
1. Conteúdo				
1.1 Aborda questões que direcionam a atuação de coletivos feministas				
1.2 A sequência do conteúdo dos cordéis é adequada e lógica				
1.3 O Guia favorece o entendimento das ações da extensão promovidas na Instituição				
1.4 Destaca o fortalecimento da identidade das mulheres através da auto-organização coletiva.				
Observações relativas ao conteúdo:				
2. Linguagem:				
2.1 O vocabulário é adequado ao público-alvo				
2.2 As informações são transmitidas com clareza				
2.3 A linguagem do gênero literário cordel favorece a apreensão da mensagem do Guia.				
Observações relativas à linguagem:				

3. Estética e organização do produto educacional				
3.1 A capa expressa ideias centrais do Guia Referencial				
3.2 As ilustrações complementam as informações apresentadas no produto educacional				
Observações relativas à estética e a organização do produto educacional				
4. Estímulo e motivação quanto à proposta do material				
4.1 A leitura do Guia Referencial possibilita que o leitor desenvolva conhecimentos sobre auto-organização coletiva.				
4.2 Ficou claro que Instituição de Ensino é também espaço adequado para a manifestação da coletividade através da formação de coletivos				
4.3 Ao conhecer as práticas do projeto de extensão Coletivo Feminista As Sertanistas, o leitor é motivado a participar da organização de coletivos feministas				
4.4 O Guia Referencial pode auxiliar na organização de coletivos de outra natureza.				
Observações relativas à estimulação/motivação:				

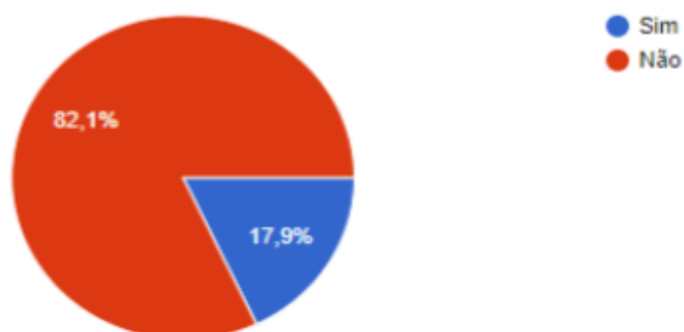
APÊNDICE C – RESULTADOS DA VALIDAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

RESULTADOS GOOGLE FORMS: PERFIL DOS AVALIADORES E RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO



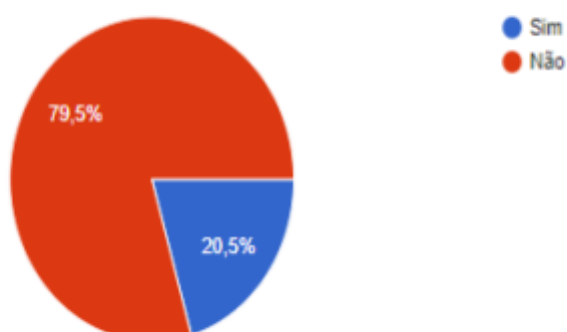
Você é coordenador(a) de Extensão do Instituto Federal de Educação?

39 respostas



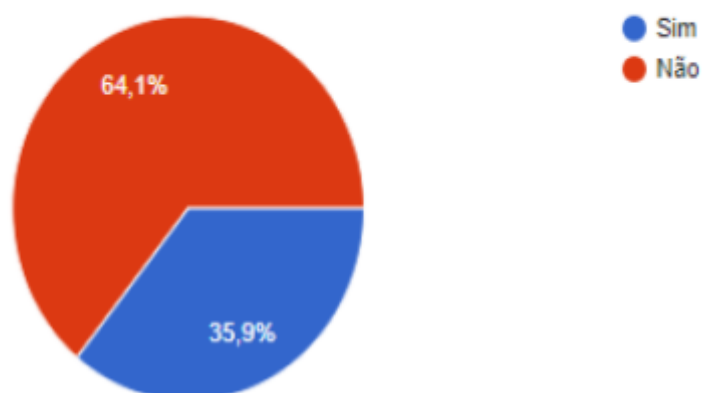
Você é coordenador(a) da Coordenadoria de Assuntos Estudantis do Instituto Federal de Educação?

39 respostas



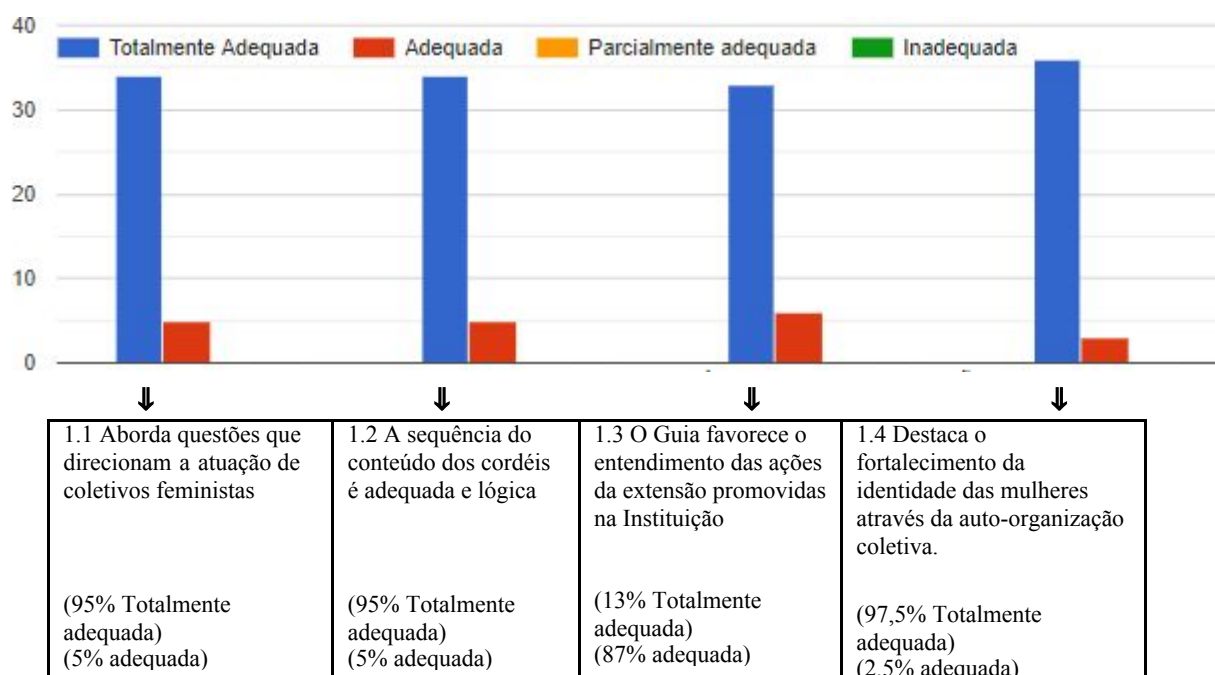
Você é estudante do Instituto Federal?

39 respostas



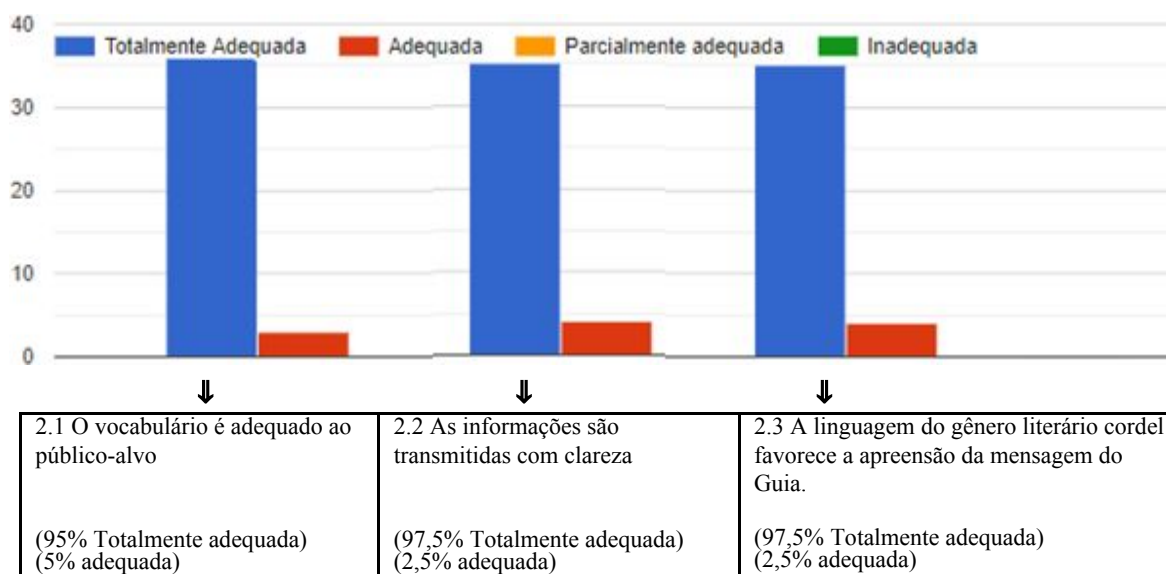
1. Conteúdo

(39 respostas)



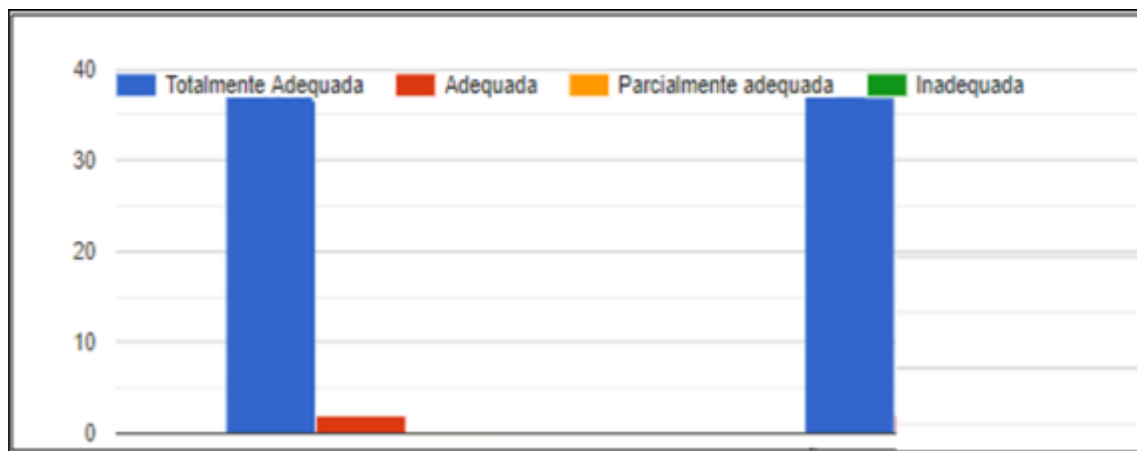
2. Linguagem

(39 respostas)



3. Estética e organização do produto educacional

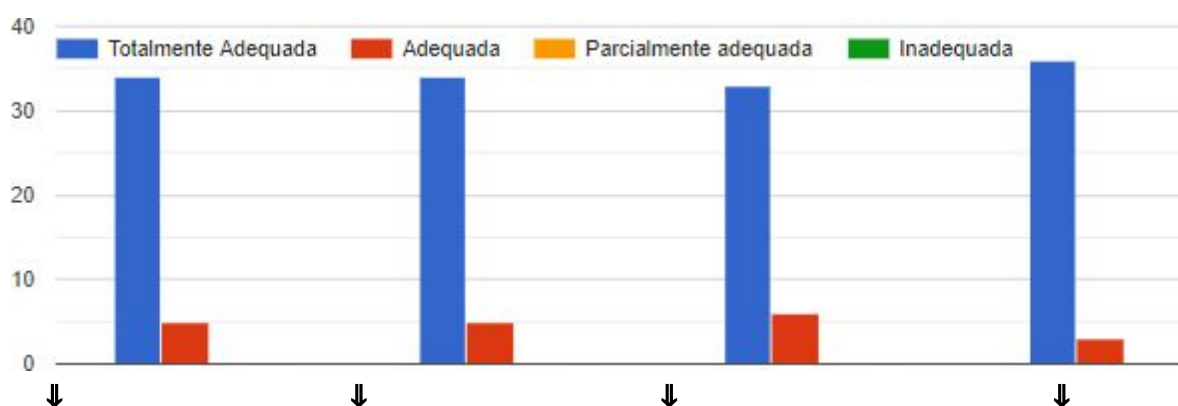
(39 respostas)



3.1 A capa expressa ideias centrais do Guia Referencial (95% Totalmente adequada) (5% adequada)	3.2 As ilustrações complementam as informações apresentadas no produto educacional (100% Totalmente adequada)
---	---

4. Estímulo e motivação quanto à proposta do material

(39 respostas)



4.1 A leitura do Guia Referencial possibilita que o leitor desenvolva conhecimentos sobre auto-organização coletiva. (95% Totalmente adequada) (5% adequada)	4.2 Ficou claro que Instituição de Ensino é também espaço adequado para a manifestação da coletividade através da formação de coletivos (95% Totalmente adequada) (5% adequada)	4.3 Ao conhecer as práticas do projeto de extensão Coletivo Feminista As Sertanistas, o leitor é motivado a participar da organização de coletivos feministas (92% Totalmente adequada) (8% adequada)	4.4 O Guia Referencial pode auxiliar na organização de coletivos de outra natureza. (97,5% Totalmente adequada) (2,5% adequada)
--	---	---	---

RESULTADO DOS ESCORES NA VALIDAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

RESULTADO GERAL DOS ESCORES NA VALIDAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Quadro 1– Resultado da validação por item avaliado

Perguntas	Inadequado (0)	Parcialmente adequado (1)	Adequado (2)	Totalmente adequado (3)
1. Conteúdo				
1.1 Aborda questões que direcionam a atuação de coletivos feministas			2	37
1.2 A sequência do conteúdo dos cordéis é adequada e lógica			2	37
1.3 O Guia favorece o entendimento das ações da extensão promovidas na Instituição			5	34
1.4 Destaca o fortalecimento da identidade das mulheres através da auto-organização coletiva.			1	38
2. Linguagem:				
2.1 O vocabulário é adequado ao público-alvo			2	37
2.2 As informações são transmitidas com clareza			1	38
2.3 A linguagem do gênero literário cordel favorece a apreensão da mensagem do Guia			1	38
3. Estética e organização do produto educacional				
3.1 A capa expressa ideias centrais do Guia Referencial			2	37
3.2 As ilustrações complementam as informações apresentadas no produto educacional				39
4. Estímulo e motivação quanto à proposta do material				
4.1 A leitura do Guia Referencial possibilita que o leitor desenvolva conhecimentos sobre auto-organização coletiva.			2	37
4.2 Ficou claro que Instituição de Ensino é também espaço adequado para a manifestação da coletividade através da formação de coletivos			2	37
4.3 Ao conhecer as práticas do projeto de extensão Coletivo Feminista As Sertanistas, o leitor é motivado a participar da organização de coletivos feministas			3	36
4.4 O Guia Referencial pode auxiliar na organização de coletivos de outra natureza.			1	38
TOTAL	0	0	24	483
			24x2 = 48	483x3 = 1449
Escore de referência=nº de itens x valor máximo=13x3= 39(100%)	Escore Total do produto = (48+1449)/39 = 38,38 (98%) Portanto, o produto educacional atingiu aprovação de 98% . Logo foi aprovado com média superior a 60%.			

Quadro 3 – Comentários por grupos/avaliadores

(Grupo 1) Coordenadores (as) da Extensão/7 avaliadores

(Grupo 2) Coordenadores (as) da CAE/8 avaliadores

(Grupo 3) Discentes Campus Quixadá/14 avaliadores

(Grupo 4) Servidores TAEs e docentes/10 avaliadores

Total: 39 avaliadores

Atributo	Comentário por avaliador de cada grupo
Conteúdo (Grupo 1)	O Guia é muito bem elaborado. Excelente iniciativa! Os cordéis são de fácil entendimento. Muito interessante apresentar as ações da Extensão dessa forma. O Guia deve ser apresentado tanto aos servidores quanto aos alunos. Nem todos sabem das ações da Extensão. Achei que elas foram muito claramente apresentadas. A PROEXT precisa ter acesso a esse Guia para também divulgá-lo. Parabéns! Difícilmente há interesse em ler o manual da Extensão. O Guia é uma ótima saída.
Conteúdo (Grupo 2)	Sugiro que o Guia seja apresentado na acolhida dos alunos (de todos os cursos) As mensagens são claras e críticas. A sutileza da crítica ao assédio sofrida por mulheres na instituição foi fantástica! Sugiro uma palestra antes de apresentar o Guia aos estudantes explicando mais sobre feminismo. Adorei também conhecer a Krupskaya. Que revelemos mais e mais mulheres empoderadas!
Conteúdo (Grupo 3)	Acho que pode ajudar, principalmente, os alunos da Licenciatura. Nós, formandos, deveríamos ter uma cadeira de produto educacional na licenciatura para desenvolvermos um trabalho tão legal quanto esse.
Conteúdo (Grupo 4)	Muito claro! Conhecimento é para se compartilhar mesmo! Parabéns por este material! Muito importante nesses tempos tão difíceis poder contar com iniciativas como esta. As críticas feitas no material são necessárias.
Linguagem (Grupo 1)	O cordel é um estilo muito didático. Achei a escolha muito interessante. As rimas são excelentes! Percebi o tom crítico ao machismo, ao patriarcado e a instituição em várias estrofes. Achei uma forma muito interessante de valorizarmos a literatura de cordel.
Linguagem (Grupo 2)	Sugiro fazer umas 2 estrofes sobre a importância da literatura de cordel. Senti falta de homenagear cordelistas mulheres. Muito clara e objetiva.
Linguagem (Grupo 3)	Tudo bem explicado. Deveria ter em alguma disciplina da licenciatura o ensino de produção de cordel. Seria uma forma de valorizar essa arte. Poderia ter um cordel explicando a história de como surgiu o IFCE. Seria interessante pra contextualizar mais.
Linguagem (Grupo 4)	Muito sensível e ao mesmo tempo forte: como o cordel deve ser! Parabéns. Uma excelente iniciativa para fortalecer a identidade nordestina.
Estética e organização do produto educacional (Grupo 1)	Muito bonito! Não perdeu a essência. É ao mesmo tempo rústico e moderno. Muito originais! Sugiro que as estrofes passem para a mesma fonte dos títulos. É mais típico de folhetos de cordel. Sugiro fonte xilosa. A alternância das cores das páginas é muito interessante. Lembra tons que remetem ao Sol e ao sertão.

Estética e organização do produto educacional (Grupo 2)	Os desenhos parecendo xilogravura (principalmente a capa) estão muito lindos! A ideia de apresentar outras flores do sertão é muito poética. Entendi que as personagens das histórias já são flores. É isso mesmo? Achei os títulos muito interessantes. Principalmente o que lembra o diatado; “As Marias que vão com as outras”. Achei a fonte usada muito pequena. Sugiro ampliá-la. Tive dificuldades para realizar a leitura. Essa alteração será importante caso o material seja impresso.
Estética e organização do produto educacional (Grupo 3)	Os desenhos estão lindos! Muita sensibilidade e arte. Achei as páginas em laranja muito escuras. Acredito que se fossem mais claras facilitaria a leitura. Jovem, moderno e criativo. Parabéns pelo projeto.
Estética e organização do produto educacional (Grupo 4)	Uma verdadeira homenagem ao bom cordel nordestino. Parabéns! A ideia de trazer explicações sobre outras flores do sertão e também as siglas/gírias é muito boa. Sugiro que ao final de cada cordel seja colocado uma foto de cada sertanista para identificá-las aos leitores. Fiquei bem curiosa para conhecer essas mulheres de Quixadá.
Estímulo e motivação quanto à proposta do material (Grupo 1)	Acredito que o Guia pode incentivar tanto aos servidores quanto aos alunos a participarem sim de iniciativas como as Sertanistas. Sugiro colocar o contato de PROEXT também no Guia. Acredito que será um bom estímulo principalmente para as alunas do Integrado O IFCE está dando um importante passo na formação de coletivos. Que essa semente alcance outros campi do Brasil. Acho que esse trabalho deve também ser divulgado pelo setor de Comunicação Social nas redes sociais do IFCE. Apresentar coletivos como uma possível ação da Extensão é muito inovador. Parabéns aos pesquisadores envolvidos.
Estímulo e motivação quanto à proposta do material (Grupo 2)	Muito importante para a Assistência Estudantil contar com iniciativas como a formação de coletivos. Estou muito feliz por conhecer as Sertanistas. Meu desejo é que elas se multipliquem. O feminismo foi apresentado com muita força e beleza. Nós servidores devemos cobrar da gestão máxima do IFCE mais apoio para desenvolvermos iniciativas como essa. A começar pela infraestrutura. Uma sala para reuniões, planejamento, armazenamento de materiais seria um bom começo. Fiquei curiosa para saber se As Sertanistas dispõem dessa estrutura.
Estímulo e motivação quanto à proposta do material (Grupo 3)	Achei legal. Não sabia que as Sertanistas participavam de tantas coisas. Muito importante para desmistificar o feminismo como algo ruim. Sim. Quero participar das Sertanistas! Muito importante mostrar a força da união das mulheres no IFCE. Achei legal, só fiquei em dúvida se homens (alunos) podem, por exemplo, participar das Sertanistas.
Estímulo e motivação quanto à proposta do material (Grupo 4)	Fico feliz por ações como essa, que contribuem com a construção de uma instituição cada vez mais justa. Sugiro que esse material seja apresentado aos campi do IFCE pelas próprias Sertanistas. O IFCE tem núcleo de estudos como NAPNE E NEABI e por que ainda não tem um núcleo de estudos para as questões de gênero? O Guia pode ser um primeiro passo.